PINTURAS RUPESTRES EM SOBRADINHO - BA



Celito Kestering

Pedro & João editores

CELITO KESTERING

PINTURAS RUPESTRES EM SOBRADINHO - BA

Pedro & João
editores

Copyright © Autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Celito Kestering

Pinturas Rupestres em Sobradinho - BA. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 224p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-2524-1 [Digital]

1. Arqueologia. 2. Geologia. 3. Antropologia. 4. História. 5. Autor. I. Título.

CDD – 930

Capa e Diagramação: Celito Kestering
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

O trabalho que ora se disponibiliza ao público é a versão revisada da dissertação Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho – BA que se apresentou ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em História. Em 18 de dezembro de 2001, ele foi aprovado com distinção pelas professoras Anne-Marie Pessis (orientadora), Maria Gabriela Martin Ávila e Lúcia Maria Mafra Valença.

O autor

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	9
2	**HISTÓRICO DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA**	15
2.1	**Histórico**	15
2.2	**Método Aplicado**	16
2.3	**Resultados e Deduções**	17
2.3.1	Zonas de Ocupação Pré-histórica	19
2.3.1.1	*Ocupações Brejeiras*	20
2.3.1.2	*Ocupações Ribeirinhas*	21
2.3.1.3	*Áreas com Grafismos Rupestres*	21
2.3.2	Cronologias	22
2.3.2.1	*Ocupação Humana no Vale do São Francisco* ...	23
2.3.2.2	*Clima, Sedimentos e Antropologia*	24
2.3.3	Estágio Cultural dos Grupos Pré-históricos	26
2.3.4	O Boqueirão do Riacho São Gonçalo	27
3	**ESTÁGIO ATUAL DO ORDENAMENTO DOS GRAFISMOS RUPESTRES DO NORDESTE DO BRASIL**	29
4	**O BOQUEIRÃO DO RIACHO SÃO GONÇALO**	39
4.1	**História**	40
4.1.1	Genocídio ou Miscigenação?	42
4.2	**Características Gerais da Área**	46
4.2.1	Relevo	47
4.2.2	Aspectos Geomorfológicos	49
4.2.3	Recursos Hídricos	50
4.2.4	Aspectos Climáticos	52
4.2.5	Vegetação Atual	54
4.2.5.1	*Vegetação Nativa*	56
4.2.5.2	*Vegetação Cultivada*	58
4.2.6	Fauna Atual	59
4.2.6.1	*Anfíbios*	59
4.2.6.2	*Aves*	59
4.2.6.3	*Insetos*	60
4.2.6.4	*Mamíferos*	60

4.2.6.5 *Répteis* 60
4.3 **Os Sítios Arqueológicos** 62

5 **ANÁLISE DOS GRAFISMOS** 65
5.1 **Grafismos da Tradição Nordeste** 67
5.2 **Grafismos da Zona Agreste** 68
5.3 **Grafismos do Médio São Francisco** 81
5.4 **Seleção de Painéis de Análise** 90
5.4.1 Grafismos Análogos aos da Tradição Nordeste .. 91
5.4.2 Grafismos Análogos aos da Zona Agreste 92
5.4.2.1 *Conjunto 1* 92
5.4.2.2 *Conjunto 2* 94
5.4.2.3 *Conjunto 3* 95
5.5.2.4 *Conjunto 4* 96
5.4.2.5 *Conjunto 5* 97
5.4.3 Grafismos Análogos aos do Médio São Francisco ... 98
5.4.3.1 *Conjunto 1* 98
5.4.3.2 *Conjunto 2* 101
5.4.3.3 *Conjunto 3* 102
5.4.3.4 *Conjunto 4* 103
5.4.4 Grafismos com Dupla Referência no Entorno 104
5.4.4.1 *Conjunto 1* 104
5.4.4.2 *Conjunto 2* 105
5.4.4.3 *Conjunto 3* 106
5.4.4.4 *Conjunto 4* 107
5.4.4.5 *Conjunto 5* 108
5.4.4.6 *Conjunto 6* 109
5.4.4.7 *Conjunto 7* 110
5.4.4.8 *Conjunto 8* 111
5.4.4.9 *Conjunto 9* 112
5.4.4.10 *Conjunto 10* 113
5.4.5 Grafismos sem Referências no Entorno 114
5.4.5.1 *Antropomorfos* 114
5.4.5.2 *Zoomorfos* 115
5.5.5.3 *Reconhecíveis* 118

6 **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 127

REFERÊNCIAS 135

APÊNDICES 137

Glossário de Levantamento 137
Sítios..... 138
Pedra da Espera ou São Gonçalo 1 – BRSG-01 138
Loca do Mocó ou São Gonçalo 2 - BRSG-02 140
Loca da Raposa ou São Gonçalo 3 – BRSG-03 142
Angico Torto ou São Gonçalo 4 – BRSG-04 144
Pedra Pensa ou São Gonçalo 5 – BRSG-05 147
Pedra Bamba ou São Gonçalo 6 – BRSG-06 149
Pedra do Amorim ou São Gonçalo 7 – BRSG-07 151
Loca do Morcego ou São Gonçalo 8 – BRSG-08 154
Pedra dos Macacos ou São Gonçalo 9 – BRSG-09 158
Pedra do Juazeiro ou São Gonçalo 10 – BRSG-10 166
Pedra Gêmea ou São Gonçalo 11 – BRSG-11 168
Campo do Toré ou São Gonçalo 12 – BRSG-12 172
Talhado Nascente ou São Gonçalo 13 – BRSG-13 174
Toca do Sobrado ou São Gonçalo 14 – BRSG-14 176
Furna do Caboclo ou São Gonçalo 15 – BRSG-15 180
Pedra Solta ou São Gonçalo 16 – BRSG-16 182
Pedra do Riacho ou São Gonçalo 17 – BRSG-17 184
Pedra da Mangueira ou São Gonçalo 18 – BRSG-18 186
Pedra da Gameleira ou São Gonçalo 19 – BRSG-19 190
Pedra do Jacurutu ou São Gonçalo 20 – BRSG-20 196
Furna do Caçador ou São Gonçalo 21 – BRSG-21 201
Pedra do Cavalo ou São Gonçalo 22 – BRSG-22 205
Pedra Branca ou São Gonçalo 23 – BRSG-23 207
Pedra do Cipó ou São Gonçalo 24 – BRSG-24 209
Andar de Cima ou São Gonçalo 25 – BRSG-25 211
Pedra do Fogo ou São Gonçalo 26 – BRSG-26 213
Loca da Cascavel ou São Gonçalo 27 – BRSG-27 215
Poço da Jia ou São Gonçalo 28 – BRSG-28 217
Rabo de Raposa ou São Gonçalo 29 – BRSG-29 219
Pedra do Facheiro ou São Gonçalo 30 – BRSG-30 221
Poço da Onça ou São Gonçalo 31 – BRSG-31 223

1 INTRODUÇÃO

Para regularizar a vazão do Rio São Francisco e gerar energia elétrica, na década de 1970 a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) construiu a Barragem de Sobradinho que inundou uma área de 4.214 Km². Relocaram-se 72.000 pessoas que habitavam as cidades de Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado, Sento Sé e dezenas de povoados ribeirinhos desses municípios e da Fazenda Tatauí onde se instalou o canteiro de obra e formou-se o maior vilarejo do Município de Juazeiro. Na área inundada e adjacências havia muitos sítios arqueológicos, alguns dos quais, para atender exigências legais, a equipe de Calderón (1977) cadastrou e, em planta de situação, ordenou como sítios líticos, cerâmicos, de gravuras e pinturas rupestres.

No relatório do Projeto de Salvamento Arqueológico, registrou-se como sítios de pictografia (pinturas e gravuras rupestres) algumas zonas ocupadas durante épocas pré-históricas, para realização de grafismos rupestres. Foi o caso dos sítios São Gonçalo, Serra do Incaibro e Brejo de Dentro, situados nas proximidades do eixo da Barragem.

A dissertação, que em 2001 se defendeu e ora se apresenta, restringiu-se ao estudo do setor geomorfológico conhecido como Boqueirão do Riacho São Gonçalo. Trata-se de um cânion esculpido por dissecação fluvial, quando o clima regional era tropical úmido. Localiza-se no Norte da Bahia, margem direita do antigo Rio São Francisco e atual Lago de Sobradinho. A equipe de Calderón referira-se a essa geoforma como Sítio São Gonçalo - BASF 122. Embora existissem, nas imediações, outros conjuntos de painéis rupestres, alguns cadastrados e outros sequer mencionados, optou-se por limitar a pesquisa a essa feição de relevo, pela facilidade de acesso e grande quantidade e diversidade de pinturas. Nela identificaram-se 31 sítios arqueológicos.

A pesquisa que nela se fez teve a finalidade de contribuir na identificação dos grupos que habitaram a região do Submédio São Francisco e pintaram dezenas de painéis rupestres naquela geoforma. Teve também a finalidade de levantar outras referências a eles vinculados porque se sabia que, apesar de serem fontes de dados antropológicos, os registros rupestres não fornecem as datas em que foram realizados. A maior parte deles realizou-se com tintas preparadas à base de óxido de ferro encontrado na natureza. Por ser inorgânico, o ocre não pode ser datado pelos procedimentos técnicos usuais de Carbono 14. Assim, iniciou-se a pesquisa pela abordagem dos painéis rupestres como produto final, sem diferenciação temporal.

Não se estudaram os registros gráficos como peças soltas, mas como componentes do contexto que integra dados da cultura material com o clima, a geologia, geomorfologia, sedimentologia, vegetação e fauna. Descreveu-se, por isso, o Boqueirão do Riacho São Gonçalo e situou-se no contexto da região de Sobradinho e da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. O espectro ampliado de dados possibilitou o desvendamento de cronologias relativas aos grupos que o ocuparam.

Pretendeu-se contribuir também na identificação dos troncos culturais a que pertenciam os grupos pré-históricos de Sobradinho. Segregaram-se, por isso, conjuntos de grafismos que, por apresentarem analogias temáticas ou morfológicas, permitiam levantar hipóteses sobre seus vínculos com tradições constatadas em áreas do entorno. A análise dos grafismos foi além da simples identificação de unidades gráficas, temática ou morfologicamente análogas. Sabia-se da existência de pinturas rupestres com temas ou formas semelhantes em todo o mundo sem que delas se possa afirmar terem sido realizadas por grupos de um mesmo tronco cultural. Por isso utilizaram-se também, como parâmetros, as

dimensões cenográfica e técnica. Constatou-se, assim, que grafismos com temáticas análogas apresentavam diferentes cenografias e técnicas[1].

Constatou-se haver grafismos conhecíveis representados com diferentes formas. Viu-se que, por opção cultural, representavam-se pássaros com asas abertas, em perfil, de frente, estáticos, em movimento, com quantidades diferentes de penas nas asas, a pousar ou alçar voo. Isso acontecia porque grupos pertencentes à mesma cepa ancestral tinham como herança cultural uma estrutura de base comum, para representarem certas temáticas.

Segundo Pessis (1992), identificam-se semelhanças e diferenças cenográficas nas maneiras como se dispõem os grafismos nos painéis. Por isso, a relação de proximidade entre as figuras viabiliza a identificação de conjuntos de grafismos de uma tradição. A variável cenográfica da proximidade entre grafismos pode fornecer informações importantes sobre preferências dos autores por setores específicos dos suportes e superposições. As superposições são momentos diferentes de pintura que podem representar minutos, anos, séculos ou milênios. Apesar de não evidenciarem datações absolutas, elas sugerem cronologias relativas que, somadas ao contexto arqueológico, ajudam a situar seus autores na dimensão temporal.

Pela análise dos contornos, das formas de preenchimento, da cor, do tamanho dos grafismos e dos instrumentos utilizados para pintar, identificaram-se semelhanças e diferenças técnicas. Sabe-se que instrumentos preparados com certas características possibilitam a realização de traços largos ou estreitos, com tinta suave ou bem contrastada.

[1] Esses procedimentos analíticos foram propostos por Anne-Marie Pessis para estabelecer perfis gráficos que permitam identificar diferenças nos sistemas pré-históricos de comunicação.

Em um conjunto de unidades análogas identificaram-se semelhanças cenográficas e técnicas com grafismos da tradição **Nordeste**[2], dominantes no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, e encontrados também em Seridó, Rio Grande do Norte, em Xingó, Sergipe, na região Central da Bahia e em Goiás. Em mais de vinte anos de estudos, Guidon, Pessis e Martin desvendaram contexto arqueológico dessa Tradição e situaram-na na dimensão temporal.

Confrontou-se um segundo conjunto de figuras temática ou morfologicamente semelhantes aos registros gráficos do interior de Pernambuco e classificado preliminarmente como da tradição **Agreste**[3]. Apesar de não ter sido exaustivamente pesquisada como a tradição **Nordeste**, identificaram-se suas características no *corpus* de sítios dela. As pesquisas feitas em Pernambuco, na Paraíba e no Parque Nacional Serra da Capivara permitiram identificar seus componentes gráficos.

Comparou-se um terceiro conjunto de unidades tematicamente análogas a registros gráficos do Médio São Francisco (município de Januária, em Minas Gerais, e região de Central, Bahia), classificados como tradição **São Francisco**[4].

---

[2] **Tradição Nordeste** – Integrada pela presença de grafismos conhecíveis (dominantes) e reconhecíveis. As figuras conhecíveis muitas vezes representam ações cujo tema se identifica. (PESSIS, 1992, p. 43 e 44 *apud* KESTERING, 2001, p. 21).

[3] **Tradição Agreste** – Caracterizada pela predominância de grafismos conhecíveis, particularmente antropomorfos, sendo raros os animais. Na há representações de objetos e nem fitomorfas. Os grafismos representando ações são raros e retratam unicamente caçadas. As figuras representam-se estáticas. As figuras reconhecíveis, muito abundantes, apresentam morfologia diversificada. (PESSIS, 1992, p. 43 e 44 *apud* KESTERING, 2001, p. 21).

[4] **Tradição São Francisco** – "[Na Tradição São Francisco] os grafismos abstratos (geométricos) sobrepujam amplamente em quantidade os zoomorfos e antropomorfos, perfazendo entre 80% e 100% das sinalações. Na quase totalidade dos casos (excluindo-se o estilo mais antigo, a utilização

Pensou-se poder sustentar a hipótese de que, na pré-história, Sobradinho era região de passagem de grupos vinculados a troncos culturais diversificados e não de ocupação permanente de comunidades de uma única cepa ancestral, evoluídas graficamente no decorrer do tempo. Essa probabilidade fundamentava-se na considerável diversidade das pinturas realizadas e suscetíveis de fazerem parte de algumas tradições evidenciadas no entorno.

Para que se considerasse ser uma região de ocupação permanente deveria haver uma densidade equilibrada de grafismos de uma mesma tradição ou um número representativo de sítios com cada um dos diversos conjuntos gráficos identificados.

Os trinta e um sítios trabalhados no Boqueirão do Riacho São Gonçalo não foram suficientes para se concluir valerem para todo o conjunto de sítios da região de Sobradinho. Os trabalhos anteriormente realizados na região indicavam a existência de grande quantidade de sítios arqueológicos com pinturas rupestres. O estudo do Boqueirão do Riacho São Gonçalo foi, destarte, o ponto de partida para uma pesquisa maior que se pretendia realizar posteriormente.

Pensou-se que, no estágio atual da pesquisa, interessava caracterizar o conjunto de sítios de pinturas pré-históricas da unidade arqueológica específica do Boqueirão do Riacho São Gonçalo. Os resultados desse trabalho foram o ponto de partida para o estudo dos sítios de registros gráficos de toda Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. As proposições tinham,

---

da bicromia é intensa nas figuras pintadas. Os raros zoomorfos são quase que exclusivamente peixes, pássaros, cobras, sáurios e talvez tartarugas. "Notável é a ausência dos cervídeos; não existe nenhuma cena, mesmo de tipo 'implícito', mas existem, por vezes trocadilhos entre biomorfos e sinais (na região de Montalvânia." (PROUS, 1992, p. 525 *apud* KESTERING, 2001, p. 22).

portanto, abrangência limitada à área de estudo deste trabalho de pesquisa.

Em síntese, analisaram-se os grafismos do Boqueirão do Riacho São Gonçalo e relacionaram-se com painéis das tradições identificadas nas regiões do entorno. Pela observação da distribuição planialtimétrica dos suportes; constataram-se indicativos geomorfológicos e sedimentológicos da existência pretérita de um grande rio que erodia e dragava o Boqueirão, a redução gradativa do volume d'água, como também sua relação cronológica com os painéis de pinturas rupestres. Identificou-se então a dominância temática e seu vínculo com os suportes, bem como os registros intrusivos ou expressivos de descontinuidade de autoria e ocupação.

Observe-se que os sítios do Boqueirão estavam em altitudes onde o nível das águas permitia a realização e a conservação das pinturas rupestres. Não se descarta a probabilidade de os sítios terem sido utilizados em diferentes condições ambientais a influenciarem na seleção de suportes e nas distintas temáticas representadas.

2 HISTÓRICO DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

A equipe de Calderón (1977), foi responsável pelos primeiros trabalhos de pesquisa arqueológica na região de Sobradinho - BA. Ela salvou artefatos em 4.214 Km² que seriam inundados[5], na área de segurança[6] e nas adjacências do lago que se estava a implantar[7].

2.1 Histórico

Em três períodos de trinta dias de campo e outras cinco viagens de complementação, o grupo percorreu toda região, desde a Fazenda Tatauí, em Juazeiro, até a Fazenda André, em Xiquexique, pela margem direita e, desde a Fazenda Sobrado, em Casa Nova, até a Fazenda Manga, em Pilão Arcado, pelo lado esquerdo. (CALDERÓN, 1977, p. 10). Apesar do tempo reduzido, realizou prospecções que resultaram no salvamento de uma tonelada de material que se guardou no laboratório do Museu de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia. (CALDERÓN, 1977, p. 35). Forneceu também as primeiras notícias a respeito dos registros rupestres caracterizados então como arte parietal e classificados como pictografias [8] e petroglifos[9].

---

[5] Área contida entre o antigo leito do Rio São Francisco e a cota 392,5 m.

[6] Área compreendida entre as cotas 392,5 m e 400 m, destinada a inundações ocasionais por ocasião das grandes cheias do Rio São Francisco.

[7] Áreas próximas ao lago de Sobradinho, acima da cota 400m.

[8] **Pictografia:** Pintura rupestre. Sinais e figuras pintadas em rochedos e paredes de cavernas. (FERREIRA, 1975, p. 1089 *apud* KESTERING, 2001, p. 25).

[9] **Petroglifo:** Gravura rupestre. Qualquer sinal ou figura gravado ou esgrafiado em rochedos e paredes rochosas, frequentemente combinado com pinturas. (FERREIRA, 1975, p. 701 *apud* KESTERING, 2001, p. 25).

2.2 Método Aplicado

Para realizar o trabalho de campo, orientada quase sempre por algum guia local, a equipe visitava os lugares que, por apresentarem vestígios líticos e cerâmicos na superfície, consideravam-se promissores. Quando não obtinha informações dos moradores, inspecionava o solo, aclives e declives, coloração do terreno, tipo de vegetação, objetos superficiais, rochas com vestígios de atividade humana e fragmentos de cerâmica. Ao encontrar indicadores de um sítio arqueológico, demarcava-o, fazia plantas sumárias, posicionava-o, documentava-o fotograficamente, descrevia o contexto ambiental, coletava objetos e fragmentos de superfície e realizava prospecções.

Efetivaram-se assim, sondagens, com dois a quatro pequenos cortes, em lugares estratégicos, de acordo com o tamanho do sítio. Fizeram-se escavações em níveis artificiais de 10 cm, até a profundidade de 1,0 m a 1,8 m. Em geral, as explorações atingiam cinco ou seis níveis, além dos considerados férteis. Só depois da constatação da esterilidade de vários níveis suspendiam-se as buscas. (CALDERÓN, 1977, p. 14 *apud* KESTERING, 2001, p. 26).

A equipe percorreu as ilhas do Rio São Francisco e as duas margens, em distâncias que variavam de dois a dez quilômetros caatinga adentro. Contactou muitas fazendas, a procura de informações, indicações e, até mesmo, materiais arqueológicos em posse de moradores. Visitou, também, conjuntos de sítios com pinturas rupestres que se localizavam fora das áreas de inundação e de segurança do lago, para cadastrar e levantar dados conhecidos pela população regional e provavelmente vinculados à mesma tradição cultural dos sítios ribeirinhos. Informava os objetivos da pesquisa aos moradores da região, para obter indicativos de sua localização.

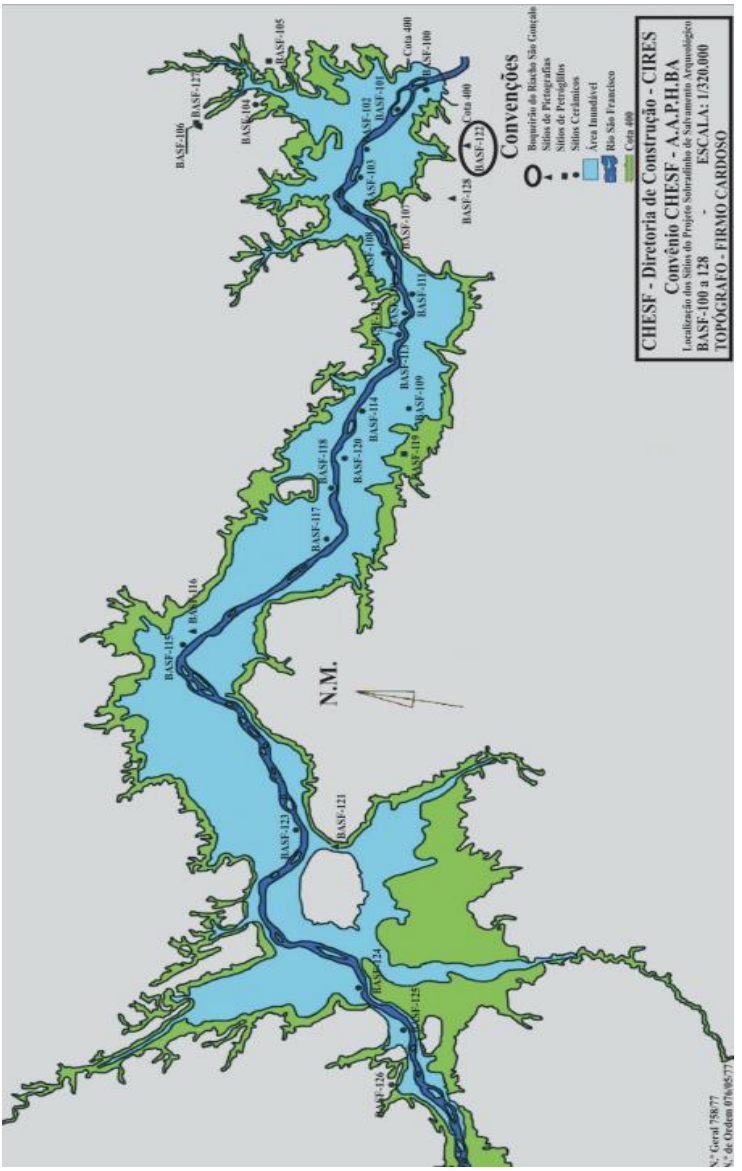
Até mesmo as lendas, superstições e a toponímia do lugar serviam de pista para sua identificação. A maior parte deles encontrava-se nas margens próximas do antigo Rio São Francisco, hoje submersas no Lago de Sobradinho.

2.3 Resultados e Deduções

Mapeado pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco para cumprirem-se formalidades legais, o salvamento tinha área de abrangência delimitada ao Sul, ao Norte e a Oeste pela cota 400 m e a Leste, pelo eixo da Barragem. Cadastraram-se, assim, muitos sítios abaixo da cota 400 m, inclusive os que continham pinturas ou gravuras. Limitada, porém, pela escassez de tempo e de informações, a equipe de Calderón (1977) não incluiu, em seu relatório, todos os sítios com grafismos rupestres que havia nas bordas e adjacências do Lago. Em alguns lugares acima da cota de 400 m, realizou apenas registro fotográfico de painéis que, por situarem-se nas proximidades de vias de acesso, de olhos d'água e de antigas fazendas de gado, eram conhecidos pela população local. (Fig. 1).

Depois daquele salvamento, nenhuma pesquisa realizou-se nos artefatos coletados e nem na região de Sobradinho que, por isso, não se considera ainda como enclave arqueológico. Para sê-lo dever-se-ia prosseguir a pesquisa e obter-se crono-estratigrafia de referência para a região. Os sítios deveriam ter sido "escavados exaustivamente e, de preferência, pelas mesmas equipes de arqueólogos, para que se estabelecesse uma sistemática comum e uma metodologia compatível com a área e suas condições ecológicas, buscando-se, assim o conhecimento pré-histórico de todo o nicho ecológico, dos homens que o habitaram, seus meios de sobrevivência e estratégias de adaptação." (MARTIN, 1999, p. 89 *apud* KESTERING, 2001, p. 27).

Figura 1 - Sítios arqueológicos cadastrados



Fonte: Calderón *et al*. (1977 *apud* Kestering, 2001, p. 28)

As pesquisas teriam que apresentar caracterizadores culturais e cronologias absolutas ou relativas que evidenciassem a permanência de grupos durante longo período.

> Nessas áreas, considera-se como fim ideal das pesquisas, a relação do homem com o meio, desde a origem do povoamento até o desaparecimento dos grupos indígenas ou sua modificação cultural pela pressão colonizadora. (MARTIN, 1999, p. 91 *apud* KESTERING, 2001, p. 27-29).

Essa pesquisa, realizada em pequeno espaço da área de abrangência daquele projeto de resgate que não fixou limites culturais, foi ponto de partida para reconhecimento de um futuro enclave arqueológico. No estágio inicial entende-se o boqueirão estudado como parte Área Arqueológica de Sobradinho[10].

Os grafismos foram feitos por grupos que o ocuparam e com ele se relacionaram a partir do padrão cultural que tinham. Os atributos de sua identidade revelam-se, por isso, neles, na indústria cerâmica, nos artefatos líticos e até nas preferências de ocupação do espaço físico. Não se os estudam sem saber-se a relação de seus autores com outros elementos de sua cultura, com a cronologia e com o espaço ocupado.

2.3.1 Zonas de Ocupação Pré-histórica

Para situar cronologicamente os artefatos coletados pela equipe de Calderón, estimou-se importante identificar os' espaços onde eles se encontravam. Os grupos pré-históricos, da mesma forma que os históricos, instalavam-se em lugares,

[10] **Área Arqueológica:** "Espaço menor do desenvolvimento de uma pesquisa arqueológica sistemática na qual ainda não foram fixados os limites culturais." (MARTIN, 1999, p. 91 *apud* KESTERING, 2001, p. 29).

onde as condições ambientais eram de seu interesse, para conseguirem alimentos e/ou sentirem-se protegidos.

Analisando o relatório do projeto de salvamento, para identificar a relação espacial, cronológica e cultural dos artefatos encontrados, constatou-se que havia três zonas de ocupação do espaço físico. Tendo como referência a informação de que o clima regional tropical úmido foi paulatinamente substituído pelo semiárido, com a consequente redução do volume de água dos riachos tributários e do próprio Rio São Francisco, estabeleceram-se cronologias relativas para os grupos que ocuparam a região.

2.3.1.1 Ocupações Brejeiras

Mesmo priorizando o levantamento e cadastramento dos sítios ribeirinhos do Rio São Francisco, a equipe de Calderón identificou e registrou alguns locais próximos às serras, isto é, fora da área de inundação e de segurança da Barragem. Por localizarem-se nas proximidades dos brejos ou margens próximas dos riachos caracterizam-se como de ocupação brejeira. São lugares onde os riachos se conservam mais ou menos permanentes, com suas margens, em geral férteis, em virtude dos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas. São também brejos os lugares baixos circundados por serras onde há nascentes, olhos d'água ou cacimbas. Esses lugares eram ocupados por coletores-caçadores, quando o grande volume do Rio São Francisco não permitia a ocupação de suas ilhas e margens atuais.

Faz parte também da zona de ocupação brejeira, o terraço fluvial pretérito do Rio São Francisco. Nele a equipe de Calderón encontrou sítios onde existiam pilões em rocha e matacão, mãos de pilão, artefatos líticos em formato de

machado ou com sinais de uso, batedores, moedores, machados com gargalo e semilunares, lascas de pedra e fragmentos de cerâmica.

2.3.1.2 Ocupações Ribeirinhas

Nas margens próximas do Rio São Francisco, em solos aluviais quaternários e adjacências, predominavam os sítios com vestígios relacionados à vida cotidiana. A muitos deles a população local referia-se como antigas aldeias de índios. Neles predominavam restos de cerâmica, mas havia também fragmentos líticos, pilões em rocha, machados, batedores, moedores, pedras com sinais de uso, lascas, carvão, cachimbos, aribés e fragmentos ósseos. Nesses sítios a equipe realizou trabalhos mais intensos e sistemáticos, o que se constata pela explicitação dos métodos de pesquisa e quantidade de vestígios encontrados. Caracteriza-se como zona de ocupação holocênica porque, no final do Pleistoceno, quando não havia ainda as ilhas e, nem tampouco, as margens atuais, o grande volume do Rio São Francisco não permitia a ocupação humana.

2.3.1.3 Áreas com Grafismos Rupestres

Nas serras circundantes do lago de Sobradinho, a equipe de Calderón cadastrou conjuntos de sítios com pinturas e gravuras rupestres. São predominantes na margem direita do Rio São Francisco, o que se justifica porque ali as condições ambientais são melhores para a pintura de grafismos rupestres que as do lado norte onde grandes extensões de dunas de areia fina e extensas áreas planas caracterizam a paisagem.

No lado sul, existem, em maior abundância, afloramentos rochosos, onde a erosão escavou muitos boqueirões. No lado norte, quando existem afloramentos, os mesmos são predominantemente de gnaisse ou de granito, menos favoráveis à realização conservação de pinturas rupestres. Nos setores onde existem sítios de grafismos, encontraram-se também fragmentos líticos, cerâmicos e ósseos.

A zona de grafismos pode ter sido ocupada tanto por grupos ribeirinhos, quanto por brejeiros. A redução gradativa do volume de água dos riachos, no final do Pleistoceno, pode ter permitido a ocupação dos lugares mais altos para a realização de grafismos rupestres.

A equipe de Calderón não deu aos sítios de grafismos rupestres fora da área de abrangência do Lago de Sobradinho o mesmo tratamento metodológico e a mesma atenção dispensada aos outros sítios. Não os pesquisou individualmente, mas conjuntos deles, em setores delimitados por geoformas. O que denominou sítios arqueológicos são, na verdade, *cânions* esculpidos pela erosão em maciços de quartzito. Dentre eles destacam-se: Incaibro (BASF–107), Tabuleiro Alto (BASF–121), Brejo de Dentro (BASF–128) e São Gonçalo (BASF–122).

2.3.2 Cronologias

Do ponto de vista cronológico a equipe de Calderón mencionou machados líticos dos quais, em laboratório, faria (até o momento não se fez) a descrição tipológica, pela identificação de formas, tradições, fases, análise palinológica e teste com carbono 14.

> [Havia] dois exemplares semelhantes a um outro encontrado na região sanfranciscana por pesquisas realizadas antes e que permitiram ser datado em 2.800 a.C. (machado de gargalo

> incompleto). (CALDERÓN, 1977, p. 36 *apud* KESTERING, 2001, p. 32).

Assim, as datas de ocupação dos sítios arqueológicos de Sobradinho variam do final do Pleistoceno, quando os grupos coletores-caçadores ocupavam os brejos e setores mais altos dos boqueirões, até a segunda metade do século XVII, quando os portugueses implantaram fazendas para a criação extensiva de gado no Submédio São Francisco. O que possibilitou inferir-se tal cronologia foram as datações de sítios pesquisados na Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, referências geomorfológicas e sedimentares do boqueirão estudado e registros de batismos de indígenas, realizados na freguesia de Sento Sé, na segunda metade do século XVIII.

2.3.2.1 Ocupação Humana no Vale do São Francisco

É provável que os antigos ocupantes do boqueirão tenham vindo do planalto central do Brasil e chegado no Vale do Rio São Francisco, pela rede de afluentes do Sudoeste do estado da Bahia.

> Prospecções em áreas de cerrado e de caatinga arbórea, assinalaram, em torno de 60 sítios pré-históricos, entre abrigos de calcários e ocupações em lugares abertos pré-cerâmicos e cerâmicos. Os resultados dessas pesquisas evidenciaram sequências estratigráficas que demonstram a presença de coletores-caçadores diversificados nessa área da depressão sanfranciscana a partir de 9.000 anos BP. Ocupações mais antigas foram também detectadas no Abrigo Morro Furado, em Coribe onde se obtiveram cronologias com sequências estratigráficas a partir de mil anos BP, com estratos datados em 5.000, 6.000 e 9.000 anos BP em números redondos, além de datações pleistocênicas obtidas de lentes de moluscos entre cinzas que podem ter sido queimados para serem consumidos, datados de 16, 18, 21 e 26 mil anos BP.

> [No Médio São Francisco], as escavações na Toca da Esperança evidenciaram quatro níveis estratigráficos forrados por uma camada superficial de ocupação que forneceu datações radiocarbônicas entre 2.000 e 6.500 anos BP. (MARTIN, 1998, p. 15 e 24 *apud* KESTERING, 2001, p. 33).

No Submédio São Francisco, na região de Itaparica, têm-se datações seguras de ocupação humana na Gruta do Padre.

> Os artefatos das camadas mais profundas da gruta, que correspondem às ocupações mais antigas (7.000 – 5.000 anos BP) aparecem finamente retocados por pressão, em sílex e calcedônia, principalmente na forma de raspadores plano-convexos. No Sítio Arqueológico do Justino, em Xingó, no Baixo São Francisco, acharam-se esqueletos humanos completos. Ele foi ocupado durante períodos compreendidos entre 2.000 e 8.000 anos BP. (MARTIN, 1998, p. 13 e 21 *apud* KESTERING, 2001, p. 33).

2.3.2.2 Clima, Sedimentos e Antropologia

Os sítios arqueológicos dos terraços fluviais que margeiam o rio atual, situam-se cronologicamente entre 12.000 anos e 200 anos BP. A ocupação humana desses locais tornou-se possível somente após a instalação do clima semiárido, responsável pela redução da vazão do Rio São Francisco e de seus afluentes, definindo seu leito, suas margens e ilhas atuais. Os sedimentos de argila, silte e areia fina, predominantes nas margens e ilhas, provam a redução do volume de água e da força de tração do rio e seus afluentes pelo ressecamento climático. O terraço fluvial antigo, constituído de calhaus, matacões e seixos rolados, misturados com areia, silte e argila, testemunham a superioridade do volume e da força de tração da água, sob o domínio do paleoclima tropical úmido. A abrasão ocorrida durante o transporte subaquático determinava a esfericidade

e o arredondamento dos seixos dos terraços pretéritos da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco.

No terraço fluvial antigo, na zona de ocupação brejeira ou na zona de grafismos de Sobradinho, é provável haver vestígios arqueológicos com cronologias superiores a 12 mil anos BP. Próximo à entrada do boqueirão estudado, por exemplo, jazem na superfície alguns pilões de pedra e restos de cerâmica que atestam a ocupação recente de grupos. Em camadas estratigráficas mais profundas é provável existirem artefatos que comprovem presenças humanas muito antigas.

Grupos nativos ocuparam a região de Sobradinho até a colonização portuguesa, quando se fizeram escravos. Em regime servil, as mulheres realizavam atividades domésticas e saciavam o apetite sexual dos colonizadores. Os filhos delas, sem qualquer direito reconhecido porque seus pais eram comumente incógnitos, reconheciam-se escravos e/ou vaqueiros nas fazendas de gado. Houve, assim, a ferro e fogo, miscigenação de etnias e culturas. É muito raro encontrar-se, por isso, um sertanejo de Sobradinho que não afirme descender de uma bisavó indígena, pega a dente de cachorro[11].

Os aldeamentos missionários ratificavam a dominação europeia pela imposição de sua ideologia e seus valores culturais. Preservaram-se muitas tradições indígenas que, por ligarem-se à sobrevivência no sertão, interessavam aos portugueses. As feições indígenas de muitos remanescentes de antigos criadores de gado da região de Sobradinho sugerem terem sido frequentes, durante os séculos XVII e XVIII, acasalamentos de portugueses com as indígenas. Os costumes

[11] "Minha bisavó era índia da tribo Tupiná. Meu bisavô, português, encantou-se por ela. Ela era bonita, porém arredia. Tinha medo dos portugueses. Quando os via, fugia como bicho do mato. Eles punham os cães a persegui-la, como se fosse caça. Meus tios mais velhos dizem que eu pareço com minha bisavó que foi pega a dente de cachorro". (GONÇALVES, 2001 *apud* KESTERING, 2001, p. 34).

nativos de muitos povoados ribeirinho originários de antigas aldeias, preservaram-se até a construção da Barragem, quando se modificou radicalmente a paisagem e as condições ambientais, desestabilizando a vida e as tradições das comunidades ribeirinhas.

Nos livros eclesiásticos do Século XVIII há registros de batismo de filhos e filhas de índias com pais incógnitos. Nos vestígios arqueológicos e até nas pinturas rupestres encontram-se, provas da miscigenação ocorrida durante os primeiros anos da colonização portuguesa. Identificam-se, no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, pinturas rupestres com particularidades intrusivas ao contexto indígena. São elas: uma figura antropomorfa com espada europeia na mão direita e uma representação de mão acompanhada de antebraço e braço de anatomia típica dos negros, chegados a Sobradinho no Século XVII.

Mantém-se entre os vaqueiros de Sobradinho a tradição oral de que índios fugitivos da Missão de São Gonzalo[12] realizavam, regularmente, no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, alguns rituais de sua tradição cultural. Análise laboratorial dos respingos das tintas utilizadas para pintura, sobrejacentes aos blocos que compõem a superfície atual do sedimento, pode fornecer datações relativas a esses painéis.

2.3.3 Estágio Cultural dos Grupos Pré-históricos

A equipe de Calderón encontrou muito mais artefatos da indústria lítica do que fragmentos cerâmicos o que a levou a concluir ser provável a ocupação original da área arqueológica de Sobradinho por uma população pouco habituada ao uso da

[12] **A**ldeamento indígena implantado junto à foz do rio Salitre, a 40 Km de distância, em linha reta, do Boqueirão do Riacho São Gonçalo.

cerâmica. A grande quantidade de batedores, moedores e mãos de pilão induziram-na a concluir fazer a região do Submédio São Francisco parte da "área da cultura do milho".

> Este cereal, como base alimentar, era pilado, moído ou triturado e utilizado de diversas maneiras na alimentação. Os 26 pilões de pedra que foram coletados e os inúmeros encontrados e fotografados em rochas fixas, são testemunhas da sua difundida utilização na área. Em determinados locais onde não existem pilões, ou melhor, rochas, eles parecem ter sido trazidos de longe. (CALDERÓN, 1977, p. 35 *apud* KESTERING, 2001, p. 36).

Independentemente da conclusão de que a área pesquisada fazia parte da "área da cultura do milho", os pilões podem ter sido utilizados para amassar tubérculos, outras raízes e frutas da região. Esse território poderia fazer parte também "da área da cultura da mandioca", da "área da cultura da batata", da "área da cultura do inhame", como atestam os costumes preservados pelas populações ribeirinhas que continuaram a praticar agricultura de vazante e consumir frutos típicos regionais, após a chegada do colonizador europeu. Os grupos que se dedicavam à agricultura podem ter sido autores de boa parte das pinturas rupestres preservadas nos setores de grafismos.

2.3.4 O Boqueirão do Riacho São Gonçalo

A equipe de Calderón fez apenas o trabalho prospectivo e salvamento arqueológico. Os vestígios coletados ou referidos não foram exaustivamente pesquisados. Propôs-se, por isso, iniciar o estudo deles em um dos setores cadastrados como sítios de pictografias a que se referiu como Sítio São Gonçalo (BASF-122), cujo resultado ora se apresenta. Refere-se a ele

como Boqueirão do Riacho São Gonçalo. Trabalhou-se, portanto, uma subárea da Área Arqueológica de Sobradinho.

3 ESTÁGIO ATUAL DO ORDENAMENTO DOS GRAFISMOS RUPESTRES DO NORDESTE DO BRASIL

Estudaram-se os painéis rupestres do Boqueirão do Riacho São Gonçalo como fonte de dados antropológicos. Sabia-se que nas manifestações culturais, os grupos revelavam algumas particularidades próprias e outras a provarem sua origem e vínculo com troncos culturais ou tradições. Nas temáticas e técnicas utilizadas em sua elaboração preservam-se traços culturais dos autores. Para revelarem-nos, analisaram-se os painéis gráficos integrados ao contexto arqueológico evidenciado por dados obtidos em intensiva e exaustiva pesquisa. Na Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco ainda não se o havia desvendado suficientemente.

Assim também os registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, estudados há décadas, não tinham inicialmente qualquer contexto arqueológico desvendado. Fazia-se necessário, por isso, o estabelecimento de critérios para ordenamento preliminar a ser contrastado em pesquisas pospositivas que fornecessem elementos de contexto [13]. Buscaram-se, por isso, características peculiares gerais em diferentes espaços geográficos do Nordeste do Brasil.

Por não se dispor de dados que permitissem situar os registros rupestres no tempo, trabalharam-se os como conjunto único, feito em um mesmo recorte cronológico. Iniciou-se, assim, a pesquisa de campo, pela identificação de características gerais, para segregação deles em grandes classes iniciais a que se designavam **tradições**.

Surgiu, assim, o primeiro ordenamento proposto por Guidon, para se identificar atributos culturais de caráter geral, nos

[13] Guidon, Pessis e Martin começaram seus estudos, ordenando os grafismos rupestres do Nordeste do Brasil em grandes grupos.

diferentes tipos de grafismos rupestres do território nordestino. Ela os dividiu inicialmente em gravuras e pinturas. Caracterizou todo universo das gravuras como Tradição Itacoatiara [14] **.** O conjunto das pinturas distribuiu em três tradições: Nordeste, Agreste e Geométrica**[15]**. De acordo com seu ordenamento preliminar, distribuir-se-ia o conjunto gráfico rupestre do Boqueirão do Riacho São Gonçalo nas três tradições: **Geométrica** (dominantes), **Agreste** (minoritários) e **Nordeste** (intrusivos)[16].

As pesquisas arqueológicas da região Nordeste do Brasil prosseguiram, porém, com a definição de parâmetros que contemplassem, sobretudo, abordagens qualitativas de cunho antropológico, com vistas ao reconhecimento de atributos da identidade dos autores. Assim, pesquisou-se exaustivamente a Tradição **Nordeste**. Fizeram-se escavações no território de sua maior concentração. Encontraram-se dados a fornecerem informações cronológicas, e desvendarem parte substancial do contexto espaço-temporal dos grafismos, o que "permitiu avanços na formulação de parâmetros mais precisos para o estabelecimento das classes iniciais, as tradições." (PESSIS, 1992, p. 45 *apud* KESTERING, 2001, p. 39)**.**

> As identidades gráficas são constituídas por um conjunto de características que permitem atribuir um conjunto de grafismos a uma determinada autoria social. Estas características constituem padrões de representação gráfica que

[14] Integrada por gravuras de temática geralmente hermética. Raramente identificam-se temáticas de figuras isoladas.

[15] Caracterizada por pinturas que representam uma maioria de grafismos reconhecíveis, figuras humanas e algumas mãos, pés e répteis extremamente simples e esquematizados.

[16] Tendo esse ordenamento preliminar como base, Martin refere-se ao conjunto gráfico fotografado pela equipe de Calderón e anexado ao Relatório do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico como tradição **Agreste** e propõe caracterizá-la como subtradição **Sobradinho**.

> correspondem a certas culturas. (PESSIS, 1993, p. 12-13 *apud* KESTERING, 2001, p. 39).

Os artefatos, entre os quais os registros rupestres, adquirem feições próprias dos grupos provocados a encontrar respostas adaptativas de sobrevivência. Em ambientes diferentes, da mesma forma que os membros de outras espécies animais, os humanos, apesar de conservarem padrões comportamentais e gestuais teleonômicos, muitas vezes impróprios para o momento que estão vivendo[17], diversificam-se nas respostas de adaptação ao meio.

Cada grupo cultural tem, por isso, padrão de comportamento, *modus vivendi et operandi*, gestos e traços culturais próprios que o distinguem de grupos vinculados a ancestrais comuns. Os registros rupestres não são apenas a manifestação cultural de um indivíduo, mas de um grupo cultural a que ele pertence. O realizador dos painéis é o sujeito revelador da expressão cultural do grupo cuja estrutura padroniza os gestos e hábitos que o autor expressa nos artefatos que produz. Todo indivíduo é condicionado pelo meio e revela, nas expressões culturais, a experiência de seu grupo social. “A criança não aprende a falar; aprende somente o vocabulário de um idioma particular da tradição cultural em que nasceu.” (LORENZ, 1995, p. 30 *apud* KESTERING, 2001, p. 40).

---

[17] Assim fazem os cães que, nascidos em apartamentos, sem necessidade alguma, repetem o gesto de esconder ossos que recebem, da mesma forma que seus ancestrais faziam para sobreviver na companhia de outros animais a disputarem com eles o alimento disponível. O apego aos gestos e comportamentos do passado leva à morte indivíduos de raças caprinas exóticas introduzidas em rebanhos nordestinos porque não têm o padrão comportamental necessário para sobreviver no clima semiárido. As raças caprinas introduzidas no período colonial, não somente ambientaram-se, como repassam às gerações sucessoras a experiência de extrair da vegetação espinhosa o alimento de que necessitam para seu sucesso reprodutivo.

A filiação das pinturas a uma tradição continuou sendo um caminho para identificação do tronco cultural a que pertenceram seus autores, mas sua identificação deixou de ser o procedimento inicial de uma pesquisa para ser o resultado de exaustivos estudos comparativos de grafismos contextualizados. As datações absolutas ou relativas de artefatos relacionados ampliam o quadro de referências para situar um conjunto gráfico na dimensão espaço-temporal.

> O termo tradição está bem aceito e arraigado no Brasil para as macrodivisões de registros rupestres. Utilizado também para as indústrias líticas e cerâmicas, equivale ao conceito de horizonte cultural. (MARTIN, 1993, p. 51 *apud* KESTERING, 2001, p. 40).

Inicia-se a pesquisa no interior de um conjunto gráfico pela busca de homologias culturais que se expressam nos grafismos homólogos e análogos.

> A existência dessas homologias culturais é de extrema importância teórica porque provam que, na passagem da informação cultural de uma geração para outra, funcionam processos inteiramente independentes de considerações racionais e que, em muitos aspectos são funcionalmente análogos aos fatores que mantêm a invariância na herança genética. (LORENZ, 1995, p. 441 *apud* KESTERING, 2001, p. 41).

Assim, todo grupo social desvinculado, por mais que se esforce em ser diferente, carrega fortes traços culturais do grupo de origem. A sociedade está cheia de exemplos de grupos dissidentes a repetirem comportamentos tradicionais. No campo religioso, por exemplo, todas as igrejas cristãs (luteranas, calvinistas, anglicanas, católica ortodoxa e romana) repetem práticas, ritos, gestos, dogmas e mitos do judaísmo, de onde se originou o cristianismo. No seio das religiões cristãs, o mesmo fenômeno acontece. Os cristãos católicos usam a cruz como sinal caracterizador do seu grupo cultural. Colocam-na em lugares vistos de suas residências e de templos para serem identificados. Colocam-na, também nos jazigos dos

cemitérios onde se sepultam os membros de sua tradição religiosa. Alguns grupos dissidentes (protestantes), para diferenciarem-se, não utilizam a cruz como símbolo, mas repetem a prática teleonômica de caracterizar sua identidade cultural cristã, pela preservação da essência mitológica a justificar a persistência na realização de rituais análogos ou homólogos aos do grupo de origem. Usam símbolos semelhantes ao significante dos distintivos adotados por seu grupo de procedência. Repetem a maior parte das características (eixo vertical e horizontal) da cruz que, para mostrarem-se diferentes, rejeitam. (Fig. 2).

Figura 2 - Prática teleonômica de essência mitológica cristã



Fonte: Acervo fotográfico do autor (2001)

Na pré-história, não era diferente. É possível, por isso, chegar-se à identificação de tradições pelo reconhecimento de conjuntos de sinais gráficos homólogos ou análogos que revelam particularidades peculiares dos grupos e heranças culturais comuns de grupos dissidentes ou diversificados.

Nos conjuntos gráficos das tradições **Nordeste** e **Agreste**, com o objetivo de obter informações que possibilitem a

identificação dos grupos autores e as heranças culturais comuns, Pessis analisava os fenômenos gráficos nas dimensões temática[18], técnica[19], e cenográfica[20]. Conseguiu assim identificar subclasses derivadas das tradições. Reconheceu, assim, subtradições[21] e segregou crono-estilos[22]. Identificou também grafismos emblemáticos [23], padrões gráficos que facilitam o reconhecimento de identidades culturais em grandes conjuntos, contribuindo à segregação.

Os universos de registros rupestres mais pesquisados, até o momento, foram os das tradições **Nordeste** e **Agreste**. A

[18] **Dimensão Temática** – Escolhas feitas pelos autores dos grafismos rupestres sobre a morfologia e os padrões gráficos suscetíveis de serem conhecidos ou reconhecidos. (PESSIS, 1992 p. 47 *apud* KESTERING, 2001, p. 42).

[19] **Dimensão Técnica** – "Trata dos aspectos relativos ao processo de realização das pinturas que constituem o suporte, as matérias primas, os instrumentos e os procedimentos de realização." (PESSIS, 1992, p. 47 *apud* KESTERING, 2001, p. 42).

[20] **Dimensão Cenográfica** – "Maneira como as figuras estão agenciadas em diferentes unidades para representar unidades temáticas ou composições." (PESSIS, 1992, p. 47 *apud* KESTERING, 2001, p. 42).

[21] **Subtradições**: "São diferenças na apresentação gráfica de um mesmo tema e na distribuição geográfica." (PESSIS, 1987 *apud* KESTERING, 2001, p. 42). Conjunto de grafismos de uma tradição que representam, de maneiras diferentes, um mesmo tema e estão ligados a um ambiente geográfico definido.

[22] **Crono-estilos**: São "particularidades que se manifestam no plano da técnica de manufatura e apresentação gráfica. Não têm significado maior se não estão inseridos num contexto arqueológico e, portanto, posicionados cronologicamente." (PESSIS, 1992, p. 53 *apud* KESTERING, 2001, p. 42).

[23] **Grafismos Emblemáticos** – "São arranjos gráficos nos quais é possível se reconhecer o que representam os componentes, porém não é possível reconhecer o tema da ação apresentada. Um desses registros emblemáticos – que caracteriza a tradição **Nordeste** – é justamente uma composição, em que as duas figuras estão de costas uma em relação à outra, com os braços dobrados por cima da cabeça e, frequentemente, o arranjo vem acompanhado de um grafismo [reconhecível], composto por três dígitos unidos." (PESSIS, 1992 p. 49 *apud* KESTERING, 2001, p. 42).

análise dos grafismos dessas tradições permitiu avanços na formulação de parâmetros para a identificação de grupos pré-históricos da região Nordeste do Brasil. Por serem majoritariamente conhecíveis os grafismos dessas duas tradições podem ser analisados sob as três dimensões: temática, técnica e cenográfica. As escavações realizadas em sítios arqueológicos da tradição **Nordeste** deram resultados inesperados quanto às datações da presença de grupos na região Nordeste.

O mesmo não se pode dizer da tradição **Geométrica**. Sugerida para enquadramento classificatório preliminar aos sítios de pintura que não se filiavam à tradição **Nordeste** e nem **Agreste**, a tradição **Geométrica** agrega um espaço classificatório para pinturas rupestres predominantemente reconhecíveis. O hermetismo dos grafismos e a falta de contexto fizeram com que essa tradição permanecesse sem definição precisa. O próprio nome denotava caráter interpretativo e limitativo. Mesmo com aparências geométricas, os significados dos grafismos reconhecíveis permanecem herméticos. Ninguém pode assegurar nem provar que seus autores conheciam ou pretendiam transmitir conceitos de geometria, nem que faziam parte de um tronco cultural único.

Houve pesquisadores a trabalharem na Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco que filiaram os grafismos encontrados às tradições **Geométrica, São Francisco** e/ou **Astronômica** [24] . (PROUS, 1977; BELTRÃO, 1989 *apud* KESTERING, 2001, p. 43). Prous (1977) dizia haver relação estreita entre as tradições **São Francisco** e **Geométrica**. Schmitz (1984) encontrou em Serranópolis - GO, grafismos que disse aproximarem-se da tradição **São Francisco**. Maria Beltrão referia-se aos grafismos da Serra Azul, localizada na Bacia Hidrográfica do Rio São

[24] **Tradição Astronômica:** Conjunto de pinturas rupestres com predominância de figuras que lembram astros.

Francisco, Estado da Bahia, como prováveis integrantes da tradição **Geométrica** e **São Francisco** por apresentarem muitos elementos comuns. Ao referir-se às pinturas rupestres encontradas em sítios arqueológicos de Xingó, Martin (1998), afirmava existirem vários abrigos apresentando pinturas rupestres das tradições **Nordeste** e **Agreste** e possivelmente, também da tradição **São Francisco**, mas lembrava que o "corpus" rupestre da grande área do Rio São Francisco encontrava-se ainda em fase preliminar de estudo. (KESTERING, 2001, p. 43).

Além do evidente caráter interpretativo contido na proposta de tradição **Astronômica** para classificar grafismos reconhecíveis, não existe definição de características claras para identificação das tradições **Geométrica** e **São Francisco**. Quando se propõe a filiação de grafismos a uma dessas tradições, costuma-se mencionar as duas, como se tivessem sido realizadas por grupos de um mesmo tronco cultural. Filiam-se os grafismos rupestres a essas tradições, à deriva de contexto e relação com outros vestígios da cultura material. É o contexto arqueológico que cria possibilidades de explicações fundamentadas em fatos e permite a formulação de hipóteses a serem contrastadas. As características dos grupos que, em determinado período, habitaram determinado espaço geográfico traçam-se com boa margem de precisão somente quando as informações adquiridas pela análise das pinturas rupestres integram-se a um contexto maior de informação arqueológica.

Na pesquisa que se fez no Boqueirão do Riacho São Gonçalo identificaram-se grafismos que, de acordo com a classificação inicial, pertenceriam às tradições **Nordeste** e **Agreste**. Não se os filiou a outras tradições porque não existiam referências que permitissem tal procedimento. Não se tinha dados para assegurar que os grafismos encontrados pertenceriam a uma só tradição cultural ou a muitas tradições. Pretendeu-se, por

isso, ensaiar os primeiros passos. Para reconhecer, nos grafismos rupestres, traços culturais que identificassem os grupos, iniciou-se a pesquisa, segregando conjuntos de grafismos homólogos ou análogos atribuíveis a grupos de troncos culturais comuns.

Inclinou-se a pensar que, dada a grande quantidade e diversidade de grafismos, existiriam traços a comprovarem a existência de pelo menos três padrões gráficos: um correspondente ao que se achou no Alto-Médio São Francisco; outro, pertencente à tradição **Nordeste**, originária do Sudeste do Estado do Piauí e, um terceiro, realizado por grupos vindos da região setentrional do Nordeste do Brasil e, de acordo com hipótese levantada por Martin (1999), habitaram a Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco a partir de 3.000 anos BP.

Partiu-se do princípio de que uma unidade de grafismo é um signo ou conjunto de signos e espaços vazios impressos e visualizados em um painel de pintura rupestre. Considerou-se o painel como unidade gráfica única enquanto não se identificassem, em outros, figuras homólogas ou análogas a partes componentes de seu todo.

No momento inicial da pesquisa, adotou-se o implícito da atemporalidade. Trabalhou-se o conjunto gráfico do Boqueirão como um *corpus* único, tal como ele se apresentava à observação sensível, para aplicar o método de análise.

Outras pesquisas acrescer-se-ão e, aos poucos, surgirão os perfis dos grupos pré-históricos da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. A identificação de **tradições** surgirá, então, como resultado final de muitos estudos de conjuntos de grafismos homólogos e análogos.

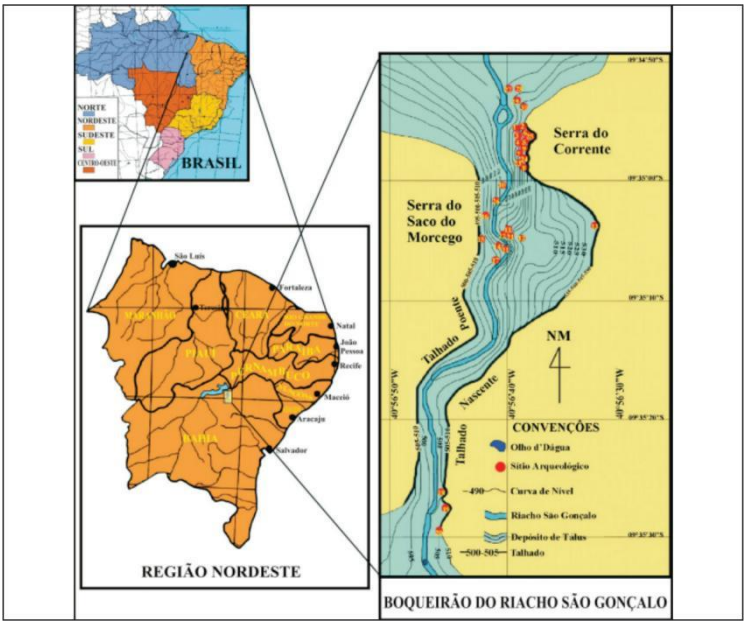
A obtenção de datações relativas e absolutas de vestígios arqueológicos relacionados com os grafismos rupestres indicarão a origem, o destino dos grupos pré-históricos que ocuparam a região de Sobradinho e deixaram, no Boqueirão

do Riacho São Gonçalo, seus traços culturais materializados nos fragmentos do sistema de comunicação que a ação deletéria do tempo poupou de destruir.

4 O BOQUEIRÃO DO RIACHO SÃO GONÇALO

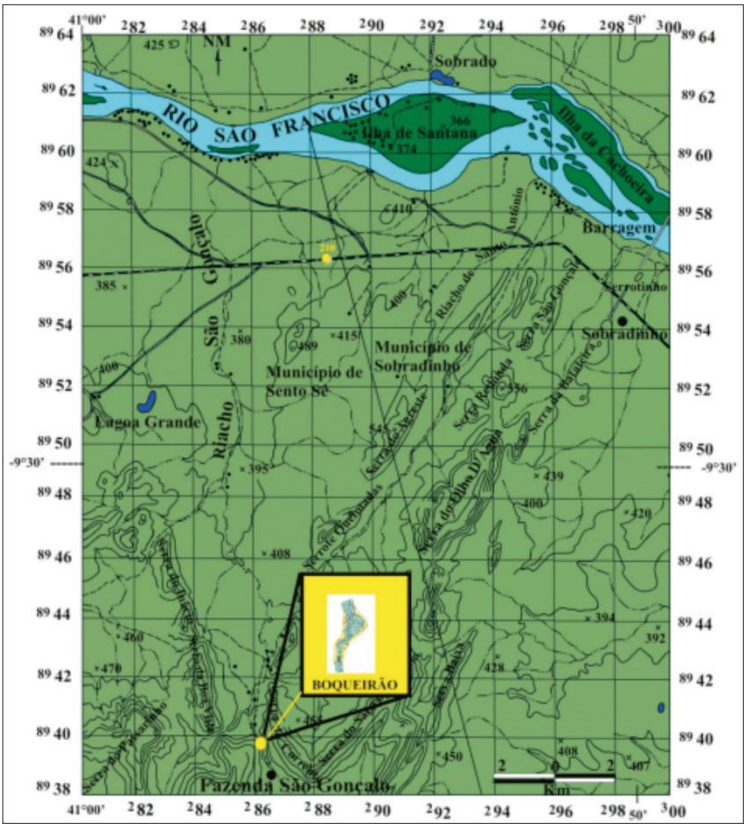
O Boqueirão do Riacho São Gonçalo, outrora pertencente ao município de Sento Sé, integra hoje o território de Sobradinho. Situa-se na região Norte da Bahia (Fig. 3), 20 km ao Sul da margem direita do Rio São Francisco e 2,5 km ao Sul do povoado de São Gonçalo da Serra. (Fig. 4). Localiza-se 12 km a oeste e sul dos limites da Depressão Sertaneja e a 6 km à jusante da nascente principal do Riacho São Gonçalo, afluente intermitente do Rio São Francisco. Está na região do Polígono das Secas, Submédio São Francisco, entre as latitudes 09° 34' 51,24" e 09° 35' 32,85" Sul e longitudes 40° 56' 30" e 40° 56' 50" Oeste. Encontra-se ao Norte da sede antiga do Sítio São Gonçalo que se integrava à Fazenda Tatauí.

Figura 3 - Localização geográfica da área estudada



Fonte: IBGE (1990 *apud* Kestering, 2001, p. 47)

Figura 4 - Mapa de situação do Boqueirão do Riacho São Gonçalo



Fonte: FAB (1970, SC.24-V-C-III SC.24-V-C-VI *apud* Kestering, 2001, p. 48)

4.1 História

O Boqueirão do Riacho São Gonçalo "fazia parte da sesmaria obtida no ano de 1659, por Padre Antônio Pereira, tio e sócio de Garcia d'Ávila." (FONSECA, 1996: 134 *apud* KESTERING, 2001, p. 47). A parte dessa sesmaria onde se encontra o Boqueirão foi arrendada, ainda no Século XVII, a Domingos

Afonso (Mafrense), homem de confiança da Casa da Torre, que fazia guerra permanente aos índios do Piauí.

> Domingos Afonso Sertão tinha sua morada na Fazenda Sobrado, que assim era denominada como decorrência da construção assobradada que servia de residência a seu proprietário. Essa fazenda situava-se entre a foz do rio Salitre e o lugar hoje denominado Santana do Sobrado, junto da curva que o rio faz (BARBOSA LIMA SOBRINHO *in* NANTES, 1979, p. 105 *apud* KESTERING, 2001, p. 48).

O Capitão Domingos Afonso Sertão, "descobridor do Piauí", era benfeitor da Companhia de Jesus. Custeou, em vida, parte da construção da Casa de Noviciado dos Jesuítas na Praia do Jiquitaia, fora da cidade de Salvador, a caminho de Itapagipe. Ao morrer, no dia 18 de junho de 1711, deixou, em testamento, o restante do dinheiro para a construção do noviciado dos jesuítas. Seu célebre testamento, feito no dia 12 de maio de 1711, encontra-se na Revista do Instituto Histórico do Brasil, XX (1857 140-150).

> Não tendo herdeiros, Domingos Afonso Sertão instituiu herdeira a sua alma, fórmula com que então se faziam grandes obras de misericórdia ao próximo, quer no sentido estrito da caridade imediata de misericórdia temporal, quer de misericórdia espiritual, sustentando instituições de ensino e formação de jovens, que iriam depois, já formados, exercitar de uma e outra maneira a caridade para com o próximo. O melhor de seus bens deixou-os ao noviciado que fundara; deixou também alguns ao Colégio da Baía; e inúmeros legados a seus servidores, amigos, irmãs, sobrinhos e confrarias; alforriou a diversos escravos seus, dotou moças pobres e honestas; não esqueceu o Padre * procurador do próximo * (pobres e presos da cadeia); e instituiu encargos pios de missas, que deveriam ser ditas perpetuamente (ajuda indireta à Igreja), para os quais deixou rendimentos adequados. Nomeou em primeiro lugar executor do Testamento e administrador de todos os seus bens, o Reitor do Colégio da Baía, o que o fosse no momento, e os que lhe sucedessem. Era, na ocasião, o Pe. João Antônio

> Andreoni. Aceitou o encargo e oito dias depois escreve ao Geral, resumindo as disposições testamentárias e o que fez na primeira semana, que se seguiu ao falecimento do fundador. (LEITE, 1945, p. 143 *apud* KESTERING, 2001, p. 49).

4.1.1 Genocídio ou Miscigenação?

Existem nos municípios de Sento Sé e Sobradinho, muitos brejos. Vários deles possuem terras ainda hoje cultivadas por famílias de agricultores e de criadores que dizem ter uma bisavó indígena. O Boqueirão do Riacho São Gonçalo é um desses lugares. É um brejo. Tem um olho d'água que mantém permanente um trecho do riacho onde se plantam, como nos tempos antigos, culturas permanentes e temporárias. Junto a sua entrada norte moram famílias de agricultores e criadores com feições, crenças e práticas indígenas. Seriam remanescentes dos autores dos grafismos?

Para eles os boqueirões e grotas são lugares sagrados onde dizem morar os espíritos dos seus ancestrais nativos. Para chamar por eles, grupos de pessoas do povoado de São Gonçalo da Serra e de comunidades vizinhas se reúnem periodicamente para realizar a dança do Toré, com o entoar de hinos do catolicismo tridentino. Dizem que, em tempos remotos da história, a dança guerreira indígena se realizava dentro do Boqueirão, a leste do Sítio Arqueológico Campo do Toré, onde a vegetação é escassa e o sedimento, composto de areia fina quartzosa. Afirma-se que a dança frequente do Toré compactou o sedimento, impedindo naquele local o crescimento da vegetação. Haveria relação entre esse ritual de luta e a realização dos painéis rupestres?

Quando o ambiente está devidamente purificado, após horas de cantos e danças, com intervalos para consumo de

juremada[25], aproximam-se os encantados. Incorporam-se nos dançarinos, para receitar mezinhas a pessoas que sofrem de males não conhecidos pela medicina oficial. Todos ficam em silêncio para ouvir as recomendações dos espíritos. A eles prometem-se oferendas pelas curas de enfermidades, graças alcançadas e orientações de resultados positivos.

A respeito dos brejos existem muitas histórias que a tradição oral conserva na memória das populações ribeirinhas do São Francisco. Uma delas refere-se ao um brejo do município de Sento Sé. Trata-se do Brejo da Brásida, ocupado por grupos pré-históricos que deixaram pintados profusos painéis rupestres ainda não estudados.

> Dizem que Brásida era o nome de uma cabocla, dona dessas terras, capturada por cães. Existe um olho d'água. Quando a gente chega perto, a água começa a borbulhar. E a água vai murmurando pelo vale verdejante, com muitas bananeiras, cebola, algodão e carnaúbas. (SOUZA, 2000 *apud* KESTERING, 2001, p. 50).

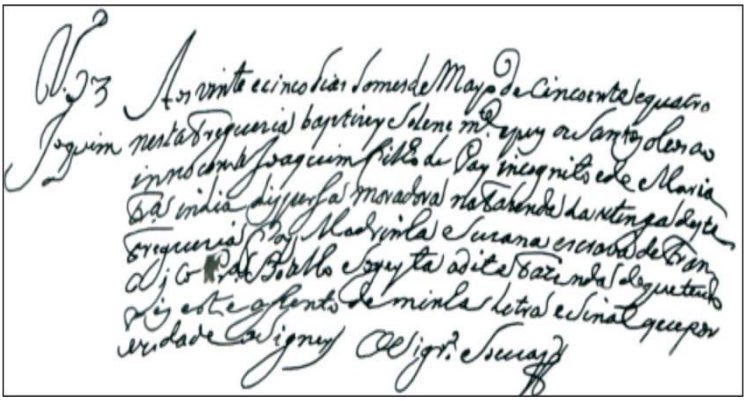
Com o objetivo de encontrar informações que enriqueçam a tradição oral a respeito dos índios que habitaram a região do Médio e Submédio São Francisco, consultaram-se livros eclesiásticos antigos. Na Biblioteca da Diocese de Juazeiro - BA, encontrou-se o mais velho livro da Freguesia de Sento Sé, com registros de batizados realizados no período de 1752 a 1783. (Fig. 5 e 6). Essa freguesia abrangia extensas áreas da margem direita do Rio São Francisco. Seus limites nos são ainda desconhecidos. A ela pertencia o Boqueirão do Riacho São Gonçalo.

As evidências comprovam a tradição oral de que muitas indígenas se submeteram à escravidão. Não foi por acaso que se encontrou o registro da índia do Brejo da Brásida, a ser

[25] Suco alucinógeno com casca de jurema, consumido nos rituais do Toré.

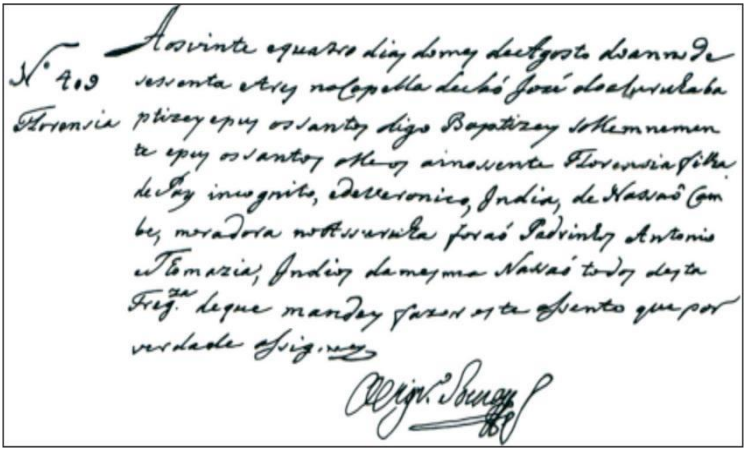
madrinha de batismo de um inocente, filho de escrava, na Freguesia de Sento Sé.

Figura 5 - Certidão de batismo de Joaquim, filho índia dispersa



Fonte: Freguesia de Sento Sé (1752-1783 *apud* Kestering, 2001, p. 51)

Figura 6 - Certidão de batismo de Joaquim, filho de índia dispersa

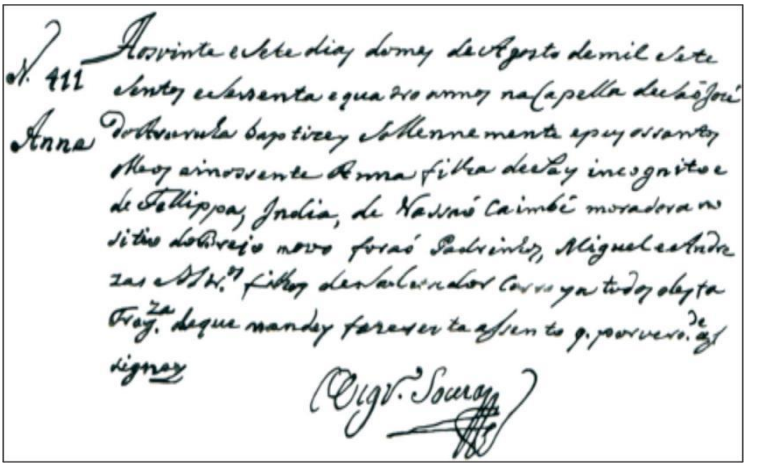


Fonte: Freguesia de Sento Sé (1752-1783 *apud* Kestering, 2001, p. 51)

O etnocídio ideológico foi a prática dominante dos colonizadores do Século XVIII. Por isso, caracterizavam-se as mães dos inocentes batizados como indígenas dispersos. Salvo

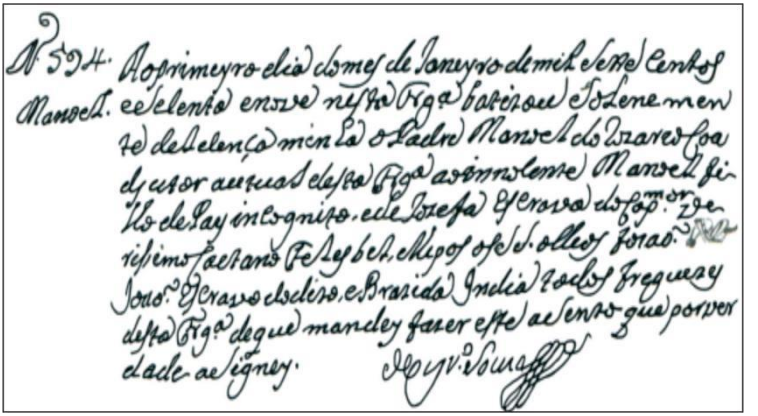
raras exceções feitas ao povo Caimbé e Guegué, ignoravam-se as tribos para deixarem livres as terras onde proliferavam os rebanhos dos portugueses. (Fig. 7 e 8). Aos sobreviventes, aldeados em missões, impunha-se a religião, a cultura dos colonizadores e a condição de vaqueiros escravizados.

Figura 7 - Certidão de batismo de Anna, filha de índia Caimbé



Fonte: Freguesia de Sento Sé (1752-1783 *apud* Kestering, 2001, p. 52)

Figura 8 - Certidão de batismo de Manoel cuja madrinha foi Brásida



Fonte: Freguesia de Sento Sé (1752-1783 *apud* Kestering, 2001, p. 52)

O grande assassinato de indígenas do Piauí narrado por Frei Martinho de Nantes[26] parece ter sido um fato isolado. Até o momento não se encontraram registros de hecatombes semelhantes na região de Sobradinho. No Submédio São Francisco não houve, por isso, ruptura significativa da cultura indígena. Imbricaram-se as tradições culturais de colonizados e colonizadores para perpetuar-se ali o jeito sertanejo nativo de ser.

4.2 Características Gerais da Área

O Boqueirão do Riacho São Gonçalo situa-se entre as serras do Saco do Morcego e Corrente, constituídas de rochas metassedimentares do Grupo Geológico da Chapada Diamantina, Formação Tombador, formadas no Proterozoico Médio, entre 1,6 a 1,0 bilhão de anos. Esse grupo de rochas compõe-se de três unidades litoestratigráficas: Formação Tombador (base), Formação Caboclo (intermediária) e Formação Morro do Chapéu (topo).

> Onde hoje é sertão, outrora o mar reinava soberano. Há mais ou menos um bilhão e meio de anos, o oceano cobria essa área que era um mar raso, onde desaguavam rios torrenciais, vindos de outras grandes montanhas antes que um choque de placas tectônicas criasse as profundas fissuras e depressões encontradas atualmente. Assim iniciou-se a formação da bacia

[26] Acompanhamos as pegadas do inimigo, que foi encontrado nesse pequeno lago, ou brejo, no interior da terra. Estava quase sem armas e morto de fome. Renderam-se todos, sob condição de que lhes poupassem a vida. Mas os portugueses, obrigando-os a entregar as armas, os amarraram e dois dias depois mataram, a sangue frio, todos os homens de arma, em número de quase quinhentos, e fizeram escravos seus filhos e mulheres. Por minha felicidade, não assisti a essa carnificina; não a teria suportado, por injusta e cruel, depois de se haver dada a palavra de que lhes seria poupada a vida. (NANTES, 1706, p. 53 *apud* KESTERING, 2001, p. 52).

> sedimentar do Espinhaço, onde rios e mares desempenharam o papel de agentes modificadores daquela paisagem. As inúmeras camadas de arenitos, conglomerados e calcários, hoje expostos da Chapada Diamantina, representam as atividades destes agentes ao longo do tempo geológico. (GEOLOGIA DA CHAPADA DIAMANTINA, 2017 *apud* KESTERING, 2017, p. 5).

Nas serras do Corrente e do Saco do Morcego a Formação Tombador apresenta arenitos parcialmente silicificados, finos a médios, com estratificações cruzadas de grande porte; arenitos médios a grosseiros e conglomeráticos, com estratificações cruzadas tabulares, acanaladas e festonadas. (CPRM, 1997 *apud* KESTERING, 2001).

4.2.1 Relevo

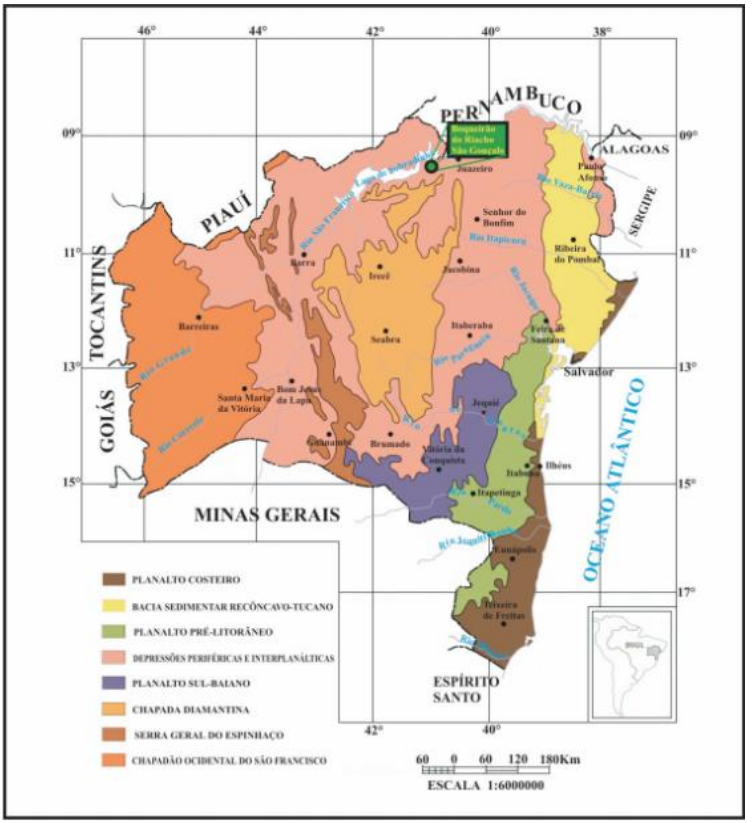
O relevo do entorno do boqueirão é apalachiano. Desenvolveu-se entre as estruturas dobradas das serras da Chapada Diamantina e as depressões periféricas da Depressão Sertaneja.

A Chapada Diamantina, com relevos elevados, estende-se das proximidades da cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais até o extremo Norte da Bahia. (Fig. 10). É um bloco planáltico, com altitudes que variam de 1.900 m a 500 m, esculpido em dobras amplas, quebradas por falhas. Trata-se de um relevo invertido, com sinclinais suspensas e anticlinais esvaziadas.

As depressões periféricas e interplanálticas, também conhecidas como Depressão Sertaneja, são de grande extensão. Possuem topografia quase plana. Seus interflúvios constituem pediplanos mais ou menos conservados. Nelas existem unidades de relevo residuais, os inselbergs, formando Tálus de blocos no sopé das encostas íngremes. Abrangem parte dos estados de Alagoas, Pernambuco e Bahia. São

ocupadas pela calha do Rio São Francisco na região Média e Submédia do vale. Suas altitudes variam de 400 m a 100m.

Figura 9 - Área da pesquisa em relação às unidades de relevo da Bahia



Fonte: Anuário Estatístico da Bahia (1999, p. 65 apud Kestering, 2001, p. 57)

No lugar onde está o Boqueirão do Riacho São Gonçalo, essa unidade de relevo é também conhecida como Depressão com Residuais do São Francisco. É muito acidentada. Tem altitudes que variam, em gradação descendente, em direção à calha do Rio, de 800 m a 400 m. O Boqueirão encontra-se entre a Serra do Saco do Morcego, com altitude de 678 m e a Serra do Corrente, com altitude de 638 m. Essas duas feições de relevo

são elevações residuais sob a forma de cristas semicirculares com topos aplainados. Elas foram separadas pelo Riacho São Gonçalo. O relevo acidentado dificulta a construção de estradas e a ocupação humana atual. Pode ter sido, no período da pré-história, um refúgio seguro para os grupos defenderem-se dos animais predadores. A utilização agrícola atual é muito limitada por causa da grande quantidade de matacões de quartzito que se sedimentou nos dois lados do boqueirão pela redução progressiva da vazão do olho d'água.

4.2.2 Aspectos Geomorfológicos

O Boqueirão do Riacho São Gonçalo é um entalhamento que resultou da drenagem adaptada a uma linha de fraqueza. É uma garganta de superimposição nas rochas dobradas (*water gaps*). (Fig. 10).

Figura 10 - O Boqueirão do Riacho São Gonçalo



Fonte: Kestering (2001, p. 58)

A erosão fluvial comandou a dissecação fluvial no maciço de quartzito, dividindo-o em duas serras: Serra do Saco do Morcego, à esquerda e Serra do Corrente, à direita. O Riacho São Gonçalo, tributário intermitente do Rio São Francisco, passa entre elas, com sentido sul-norte, formando uma garganta estreita e profunda (cânion), de 1.200 metros de extensão, com escarpas que variam de alguns centímetros a 25 metros de altura. Nas margens esquerda e direita do riacho, sedimentos com grãos de quartzito que variam de silte muito fino (1/512 mm de diâmetro) a matacões muito grandes (mais de 4.096 mm de diâmetro, formam o depósito de Tálus (Escala granulométrica combinada de Wentworth - Allerberg). A declividade média desse depósito é de 45% e a largura média é de 50 m, do leito do riacho à base dos talhados. A largura do Boqueirão varia de 65 a 295 metros. Ocupa uma superfície de 19,86 hectares. Existem pequenas tocas nas escarpas e outras no depósito de Tálus.

4.2.3 Recursos Hídricos

Na extremidade sul do boqueirão há um olho d'água potável, no leito do Riacho São Gonçalo. Ela flui do interior do solo, formando um pequeno caldeirão com aproximadamente 5 m^3 de água. É muito raro secar, mas quando a estiagem se prolonga em demasia, sua vazão é suficiente apenas para manter cheio o caldeirão aberto, sem cercado, para nele saciar a sede o rebanho criado extensivamente nas caatingas próximas. Nele também os animais silvestres bebem água.

Nos anos em que ocorrem secas periódicas consideradas normais na região, quando as chuvas são aquém da média anual de 450 mm, o olho d'água torna o Riacho São Gonçalo perene numa extensão inferior a 100 metros. Quando as chuvas anuais são acima da média, sua vazão aumenta a ponto

de tornar-se perene toda extensão de 1.200 metros. Nesse trecho, onde há solos aluviais, encontram-se mangueiras centenárias cujas copas ocupam toda superfície das pequenas roças. A fauna, nesse trecho é menos numerosa que nas imediações próximas do olho d'água.

A segunda fonte de recursos hídricos é o próprio riacho homônimo. Ele nasce nos grotilhões das serras: Traíras, Saco da Onça, Saco da Jurema, Saco do Morcego, Poço da Caiçara e Fundo do Saco. Tem 26 Km de extensão e desemboca no Lago de Sobradinho, a oeste do povoado de Algodões Velho. Nos meses chuvosos tem vazão aproximada de 40 m^3 por segundo. Ocorre, porém, de passar alguns anos sem que por ele escorra uma gota sequer de água, quando a pluviosidade é inferior à média anual. Em toda a extensão do boqueirão forma tanques, caldeirões e poças onde a água se conserva durante quase todo o ano.

Existem, no riacho, duas barragens pequenas completamente assoreadas. Na década de 1970, elas forneciam água para abastecimento do povoado de São Gonçalo da Serra que se compunha de 70 famílias. Encanações de 60 mm levavam a água ao povoado. A seca intensificou-se, a água, diminuiu e as pequenas barragens, assorearam-se. A permanência das famílias tornou-se impossível. Hoje, apenas 15 delas permanecem no povoado. Elas vivem predominantemente da caça e da pecuária extensiva. O riacho passa entre as serras, com inclinação média de 3,3% e desnível de 40 m entre as extremidades sul e norte do boqueirão.

A terceira fonte atual de recursos hídricos é subterrânea. Na sua extremidade norte existe um poço tubular de água potável. Sua vazão era de 3.000 litros por hora, quando a Companhia Hidroelétrica do Rio São Francisco o perfurou, em 1976, para abastecer o povoado. Atualmente, abastece três famílias pecuaristas que moram no entorno dele. Sua vazão diminuiu para 700 litros por hora.

O Rio São Francisco, com vazão média de 2.800 m³ por segundo apresentava-se como fonte permanente e segura de reserva hídrica. Ficava a 20 km ao norte do boqueirão. Nesse trecho, transformou-se em lago artificial pela construção da Barragem de Sobradinho. O lago armazena 34,1 bilhões de m³ de água, tem extensão de 350 km, largura média de 15 km e máxima de 40 km. Inundou 4.214 km² de superfície. Desabrigou 72.000 pessoas que moravam nas cidades ribeirinhas de Remanso, Casa Nova, Sento Sé e Pilão Arcado. Sua borda sul fica a 12 km do Boqueirão do Riacho São Gonçalo.

4.2.4 Aspectos Climáticos

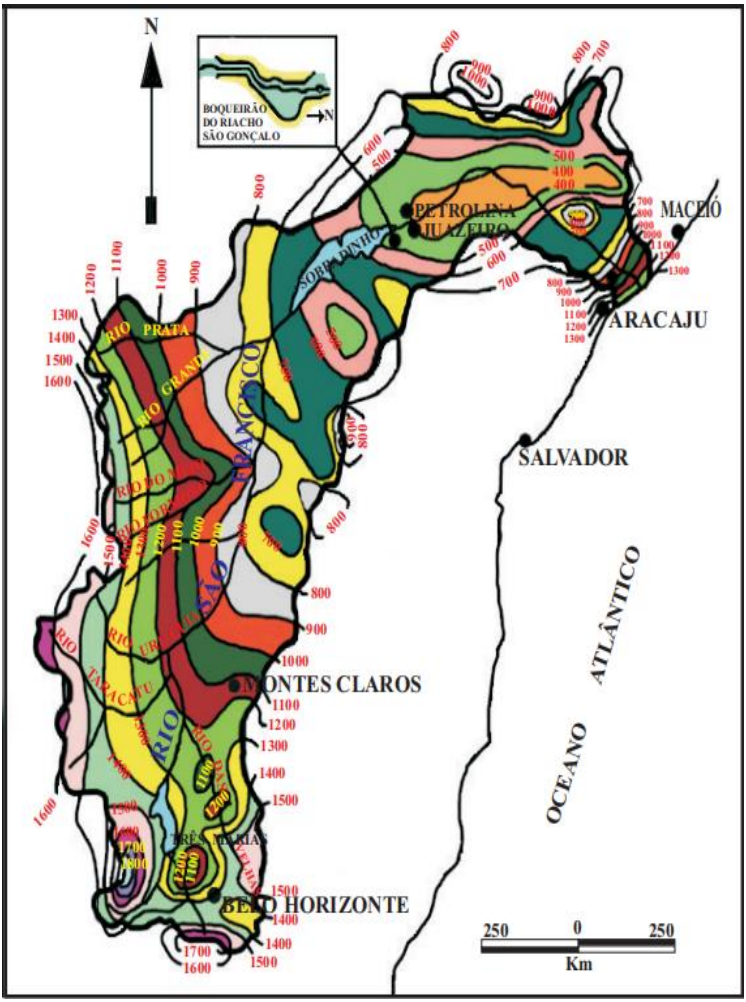
No final do Pleistoceno o clima da região de Sobradinho era tropical úmido. Atualmente, segundo a classificação de Köppen, é tropical semiárido, quente e seco. Caracteriza-se pela irregularidade das precipitações e por forte evaporação em consequência das altas temperaturas.

Seu regime pluviométrico tem duas estações bem definidas. A primeira é a das chuvas que iniciam em novembro e terminam em março, quando ocorrem precipitações médias de 450 milímetros. (Fig. 11). A segunda é a da seca que inicia em abril e terminar em outubro. As chuvas são geralmente torrenciais e irregulares no tempo e no espaço. A pluviosidade é quatro vezes inferior à evaporação.

A temperatura é elevada durante o ano todo. A média anual situa-se em torno de 26,5°C. A máxima média é 28°C e a mínima média, 24,6°C. A época das temperaturas mais elevadas é de dezembro a março, com médias mensais entre 28°C e 26°C. No período mais frio, de junho a agosto, as médias mensais variam entre 26°C a 22°C. Sua variação durante o dia, é relativamente grande, com elevação constante até a noite.

Começa a cair a partir da meia noite. Atinge a amplitude de variação térmica de 11°C, no verão e 9°C, no inverno.

Figura 11 - Índices pluviométricos da Bacia Hidrográfica do São Francisco



Fonte: PRODEM - Diagnóstico Municipal (1996 *apud* Kestering, 2001, p. 61)

Os ventos são os alísios que emanam do centro anticiclônico semifixo do Atlântico Sul e alcançam a foz do Rio São Francisco

onde penetram no vale com direção noroeste, no verão e, com direção sudoeste, no inverno. Sua velocidade média é de 3 a 4 metros por segundo, no verão e 5 metros por segundo, no inverno, ocorrendo, porém, rajadas de nordeste, com velocidades de até 90 km por hora.

A insolação média anual é de 2.800 horas de luminosidade. No boqueirão as horas de luz são reduzidas por causa das suas escarpas. O sol nasce mais tarde e põe-se mais cedo.

A umidade relativa do ar é bastante regular. Situa-se a média anual em torno de 60,5%, e a amplitude de variação é de 15%. Outubro é o mês mais seco e abril, o mais úmido.

A evaporação é de aproximadamente 3.000 mm por ano e a nebulosidade, expressa em décimos de céu encoberto, apresenta uma média de 5. Destacam-se os meses de março a julho como os de maior índice.

As feições geomorfológicas da região de Sobradinho demonstram que os paleoclimas predominantes eram úmidos. A dissecação fluvial ocorrida no boqueirão e a superfície plana com cristas residuais esparsas da Depressão Sertaneja são o resultado da ação erosiva das chuvas de climas pretéritos.

4.2.5 Vegetação Atual

A vegetação atual do boqueirão não é diferente do restante da paisagem da região de Sobradinho. A cultura do extrativismo colonialista que se implantou na região foi responsável pela destruição de toda a vegetação primitiva em ambas as margens do Rio São Francisco. Até as encostas desnudaram-se. Delas se extraiu, durante séculos, madeira para construções, carvoarias e cercados. (Fig. 12).

Figura 12 - Espécies vegetais junto ao olho d'água



Fonte: Kestering (2001, p. 63)

A agricultura de vazante ou de lameiro substituiu toda a mata ciliar do Rio São Francisco. Sem a proteção natural das raízes das plantas, desmoronaram-se as barrancas marginais e assoreou-se o rio que se torna, dia a dia, mais largo e raso, dificultando a navegação, outrora intensa. Reduzida a vegetação, o clima fica mais árido e reduzem-se as vazões dos riachos tributários e do próprio Rio São Francisco.

No trecho do boqueirão existem pequenas roças com plantio de capim elefante, capim mandante e cana de açúcar, nos solos aluviais do riacho. Essas roças se destinam ao plantio de capim para suplementação alimentar dos animais, no período da seca. Nelas planta-se também batata doce e mandioca para alimentação humana. Em tempos antigos, dizem os moradores, plantava-se em mais de metade do Boqueirão. A água diminuiu e hoje não se cultivam mais que cem metros de roça de lameiro.

Existem também mangueiras, goiabeiras, cajueiros, bananeiras e coqueiros em suas margens. As cercas são rústicas. Elas foram construídas com muros de matacões de

quartzito sobre os quais puseram-se estacas e ramas de madeira entrelaçadas. A vegetação nativa, nesse trecho do riacho, é exuberante. Destacam-se as enormes gameleiras com suas raízes que se infiltram nas fissuras dos maciços de quartzito, afastando blocos e criando grandes fendas. A população local zela delas por considerá-las de grande valor medicinal. Não há uma delas sequer no boqueirão que não tenha em seu tronco as cicatrizes dos cortes de onde se extraiu a seiva leitosa para uso medicinal. A fauna, nesse trecho é numerosa e diversificada. Predominam as aves.

4.2.5.1 Vegetação Nativa

A vegetação nativa atual da região é do tipo caatinga hiper xerófila, pouco densa e de porte arbustivo. Sua composição é heterogênea, com espécies vegetais dominantes e típicas que se destacam:

Nome Vulgar	**Nome Científico**
Angico Branco	*Piptadenia zehntneri*
Angico de Bezerro	*Piptadenia macrocarpa*
Aroeira	*Schinus terebenthifolius*
Birro	*Verbena sp.*
Bom para Tudo	*Gomphrena pohlii*
Braúna	*Schinopsis brasiliensis*
Catingueira	*Caesalpinia pyramidalis*
Cana Fístula	*Cassia ferruginea*
Carnaúba	*Copernicia cerifera*
Caroá	*Neoglasiovia variegata*
Carqueja	*Baccharis genisteloidis*
Coroa de Frade	*Melocactus bahiensis*
Favela	*Cnidoscolus phyllacantha*
Gameleira	*Ficus sp.*
Ingazeira	*Inga sp.*
Jatobá	*Hymenaea courbaril*

Juazeiro	*Zizyphus joazeiro*
Jurema Branca	*Mimosa melacocentra*
Jurema Preta	*Mimosa hostilis*
Macambira	*Bromelia laciniosa*
Malva	*Sida paniculata*
Mandacaru de Boi	*Cereus jamacaru*
Mandacaru Facheiro	*Cereus squamosus*
Maniçoba	*Manihot piauyensis*
Marmeleiro	*Pyros cydonia*
Miroró	*Hymenaea sp.*
Moleque Duro	*Erithroxylon sp.*
Mucunã	*Mucuna pruriens*
Mulungu	*Erythrina velutina*
Murici	*Byrsonia sp.*
Oiticica	*Licania rigida*
Para Tudo	*Tecoma aurea*
Pau d'Arco	*Cybistax sp.*
Pau de Colher	*Maytenus rigida*
Pau de Colher de Vaqueiro	*Salvertia convalariodora*
Pau de Rato	*Mycrocarpus sp.*
Pau Ferro	*Caesalpinia ferrea*
Pereiro	*Aspidosperma pyrifolium*
Pinhão Bravo	*Jatropha curcas*
Quebra Facão	*Croton sp.*
Quipá	*Opuntia sp.*
Quixabeira	*Bumelia sartorum*
Umburana de Cambão	*Bursera leptophloeus*
Umburana de Cheiro	*Torresea cearensis*
Umburuçu	*Bombax macrophyllum*
Umbuzeiro	*Spondias tuberosa*
Xiquexique	*Cereus gounelli*
Velame	*Croton campestris*

Encontram-se, no boqueirão, quase todas as espécies de plantas listadas acima. Ali elas são mais altas que nas circunvizinhanças. Percebe-se, contudo, que a vegetação original era mais densa. Os cepos de várias plantas cortadas denunciam o raleamento e a depredação secular da flora.

Chama a atenção a enorme quantidade de plantas que nasceram nas fendas dos maciços de quartzito. Nelas suas raízes crescem, exercendo altíssimas pressões que afastam grandes blocos e criam gretas onde se abriga boa parte dos animais da fauna local. O mandacaru facheiro e de boi, o xiquexique e a gameleira são as mais comuns. Muitas delas fixam-se nos talhados. Por serem xerófilas sobrevivem às expensas da água que armazenam em seus caules durante os meses chuvosos. A gameleira desenvolve um grande sistema radicular que busca água em distâncias de até 20 metros. O juazeiro e o angico têm raízes que se infiltram nas fendas das rochas e do solo, para buscar água em profundidades de até 50 metros.

4.2.5.2 Vegetação Cultivada

O maior espaço das roças cultivadas no boqueirão destina-se a gramíneas para suplementação alimentar dos animais criados soltos na caatinga. Existem, porém, culturas permanentes e temporárias cultivadas da mesma forma que na vazante das margens do Rio São Francisco. As roças antigas ocupavam mais de 500 metros à jusante do olho d'água. Atualmente, planta-se em extensão inferior a 100 metros. Das espécies cultivadas destacam-se:

Nome Vulgar	**Nome Científico**
Abacateiro	*Persea americana*
Abóbora	*Cucurbita sp.*
Bananeira	*Musa paradisiaca*
Batata Doce	*Ipomoea batatas*
Cajueiro	*Anacardium occidentalis*
Cana de Açúcar	*Saccharum officinarum*
Capim Elefante	*Pennisetum purpureum*
Coco da Bahia	*Cocos nucifera*
Feijão de Corda	*Vigna sinensis*

Goiabeira	*Psidium guayava*
Mandioca	*Manihot utilissima*
Mangueira	*Mangifera indica*
Melancia	*Citrullus vulgaris*
Milho	*Zea mays*

4.2.6 Fauna Atual

No Boqueirão, existem representantes de quase todas as espécies de animais da fauna regional do polígono das secas. Enumeram-se apenas os que se viu, encontraram-se vestígios e têm relação com os sítios arqueológicos.

4.2.6.1 Anfíbios

Nome Vulgar	**Nome Científico**
Caçote	*Leptodactylus ocellatus (Ribeiro, 1926)*
Jia	*Leptodactylus pentadactylus (Spix, 1824)*
Rã-de-pote	*Ololygon rubra*
Rã vermelha	*Physalaemus sp*.
Sapo Cururu	*Bufo paracnemis (Lutz, 1934)*

4.2.6.2 Aves

Nome Vulgar	**Nome Científico**
Bem-te-vi	*Pitangus sulphuratus maximiliani (Cabanis & Heine, 1859)*
Cancã	*Cyanocorax cyanopogon (Wied, 1821)*
Galo de Campina	*Paroaria gularis*
Sabiá-laranjeira	*Turdus rufiventris*
Seriema	*Cariama cristata (Lineu, 1766)*
Sofrê	*Icterus jamacaii (Gmelin 1788)*

4.2.6.3 Insetos

Nome Vulgar	**Nome Científico**
Cupim	*Anoplotermes silvestrii*
Maria pobre	*Trypoxylon albitarse*
Marimbondo caboclo	*Polistes canadensis*
Marimbondo - mangangá	*Xylocopa frontalis*
Vespa	*Heros gigas*

4.2.6.4 Mamíferos

Nome Vulgar	**Nome Científico**
Macaco Soim	*Callithrix jacchus (Lineu, 1758)*
Mocó	*Kerodon rupestris (Wied.)*
Tamanduá colete	*Tamandua tetradactyla (Lineu, 1758)*
Tatu	*Dasypus novecinctus (Lineu, 1758)*
Tatu bola	*Tolypeutes tricintus (Lineu)*
Tatu peba	*Euphractus sexcinctus (Wagler)*
Veado Caatingueiro	*Mazama gouazoubira (Fisch, 1814)*

4.2.6.5 Répteis

Nome Vulgar	**Nome Científico**
Cascavel	*Crotalus durissus (Lineu, 1758)*
Calango	*Cnemidophorus ocellifer (Spix, 1825)*
Camaleão	*Iguana iguana (Lineu, 1758) (Fig. 13)*
Cobra verde	*Dromicus viridis (Gunther, 1826)*
Coral	*Micrurus corallinus*
Coral	*Micrurus frontalis*
Corredeira	*Phylodrias nattereri (Stendachner, 1870)*
Jararaca-da-seca	*Bothrops erythromelas (Amaral, 1935)*
Jararaca-pintada	*Bothrops neuwiendi*
Jiboia	*Boa constrictor (Lineu, 1758)*

Lagartixa	*Briba brasiliana (Amaral, 1935)*
Teiú	*Tupinambis teguixim (Lineu, 1758)*

Figura 13 - Camaleão (*Iguana iguana*)



Fonte: Kestering (2001, p. 67)

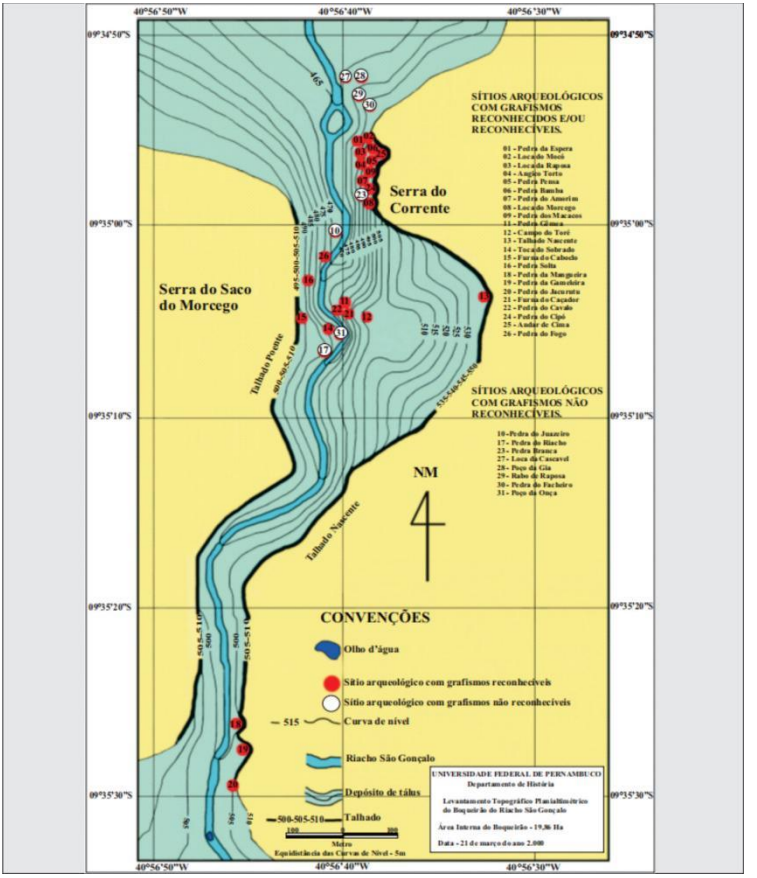
A caça predatória põe em risco o equilíbrio do ambiente onde estão os sítios arqueológicos. Durante a pesquisa testemunhou-se matança de cobra cascavel em acasalamento. Havia delas com aproximadamente 1,5 m. Em várias gretas, encontraram-se apenas fezes antigas de tamanduá, o que leva a crer que sua população também está sendo dizimada. Diz-se que, em passado recente, havia também caititu queixada, tamanduá bandeira, onça pintada, onça do lombo preto, lobo guará e suçuarana. A ema, antes abundante, não mais existe nas imediações.

Dos insetos o mais comum é o cupim. Existem também vespas maria-pobre, mangangá e maribondo caboclo. No boqueirão eles têm relevância porque habitam os sítios arqueológicos e deterioraram painéis rupestres.

4.3 Os sítios arqueológicos

No lado interno do boqueirão, identificaram-se 31 sítios com painéis de pintura rupestre. (Fig. 14). Há vaqueiros a dizer que os índios aldeados na missão religiosa de São Gonçalo, junto à foz do Rio Salitre, caminhavam 40 km para celebrar rituais de sua cultura no boqueirão.

Figura 14 - Localização dos sítios com painéis rupestres



Fonte: Kestering (2001, p. 69)

As escarpas são mais abruptas no lado oeste. Parecem ser propícias à impressão de pinturas rupestres, mas apenas um sítio de grafismos encontrou-se nelas. A grande maioria situa-se no lado leste. Os painéis com grafismos realizaram-se em afloramentos de quartzito, escarpas ou grandes matacões do depósito de Tálus. Na Serra do Corrente, o *cânion* se abre menos abruptamente que na Serra do Saco do Morcego.

Os sítios de grafismos do boqueirão podem ser de ocupação holocênica, quando se estabeleceu, na região de Sobradinho, o clima semiárido, mas podem também ter sido ocupados por grupos pleistocênicos, quando o clima era tropical úmido.

No período pleistocênico era impossível pintarem-se grafismos nas partes mais baixas do boqueirão porque o grande volume d'água impedia sua ocupação. Com grande força motriz de tração, o riacho promovia o transporte dos matacões de quartzito desprendidos dos maciços, erodindo, limpando e dragando permanentemente o boqueirão. As partes mais altas, porém, podem ter sido utilizadas para a realização de grafismos rupestres.

À jusante do boqueirão, blocos arredondados e esféricos de quartzito, que se encontram em quantidade nas camadas mais profundas do sedimento de ambas as margens do riacho, arrastaram-se no Pleistoceno.

No Holoceno, houve redução gradativa no volume do riacho o que permitiu a ocupação de todo seu espaço interno para a pintura dos grafismos. Nesse período a acumulação dos matacões do depósito de Tálus tornou-se possível nas bases da Serra do Saco do Morcego e da Serra do Corrente.

À jusante do boqueirão, uma camada de areia fina e silte, com espessura de até 2 m, superpõe os blocos, calhaus e matacões arrastados no Pleistoceno. Isso comprova a redução do volume de água no Holoceno. Neles, desde tempos antigos, pratica-se agricultura de sequeiro.

Apesar de se distribuírem em toda a extensão do boqueirão, existe maior concentração de sítios na metade inferior, próximo à entrada Norte. Eles se situam em alturas superiores a dez metros, em relação ao leito do riacho. Podem ter sido ocupados pelos primeiros grupos a habitarem a região de Sobradinho. Neles, a maior parte dos grafismos encontra-se desgastada, com perdas de partes ou cobertos por camadas mais ou menos espessas de calcita, o que dificulta o estabelecimento preciso dos limites dos painéis e as delimitações das unidades gráficas. Não se conseguiu com eles fazer análises comparativas com grafismos de outras regiões. Por isso selecionaram-se, apenas os sítios com grafismos que permitam estudos comparativos, o que não impede sua inclusão em pesquisas futuras.

5 ANÁLISE DOS GRAFISMOS

Para contribuir ao conhecimento dos grupos que, na pré-história, ocuparam o Boqueirão do Riacho São Gonçalo e, face ao fato de que os grafismos são dominantemente reconhecíveis, afere-se o grau de analogia entre conjuntos gráficos da área de pesquisa com figuras pesquisadas em regiões geograficamente próximas. São elas, o Parque Nacional Serra da Capivara, a Zona Agreste e o Médio São Francisco. (Fig. 15).

Por estar a 246 km de distância, em linha reta, a nordeste do boqueirão e ter o maior conjunto de grafismos rupestres da Tradição Nordeste, estudados e contextualizados, em décadas de pesquisa científica, adotou-se o Parque Nacional Serra da Capivara como a primeira referência para estudos comparativos.

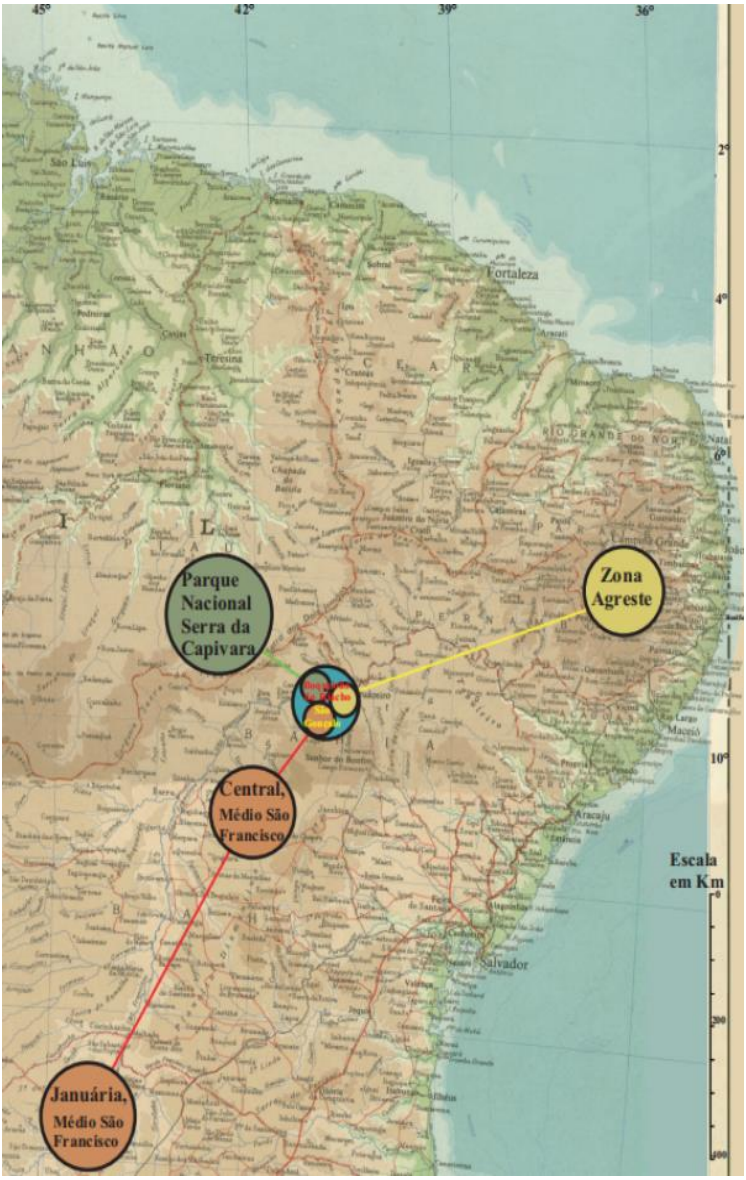
Por ter sítios arqueológicos com grafismos pesquisados e identificados preliminarmente como da Tradição Agreste, utilizou-se a Zona do Agreste Setentrional, situada a 650 km de distância, em linha reta, a nordeste do boqueirão, como a segunda referência para estudos comparativos.

Por ter conjuntos de grafismos rupestres fotografados e anexados em trabalhos de pesquisa descritiva ou em publicações diversas, elegeu-se o Médio São Francisco, situado a sudoeste do boqueirão como a terceira referência para estudos comparativos[27].

Relacionou-se o *corpus* gráfico do boqueirão com os que se identificaram em sítios das áreas de referência. Compararam-se os conjuntos gráficos com base nas dimensões temática, cenográfica e técnica.

[27] Januária situa-se, em linha reta, a 768 km e Central, a 234 km de Sobradinho.

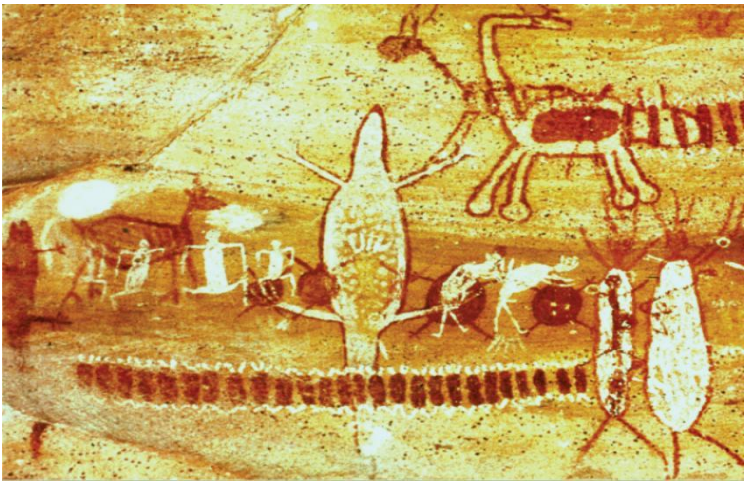
Figura 15 - Relação do boqueirão com áreas de pesquisa do entorno



Fonte: Read's Digest (1967, p. 49 e 53 *apud* Kestering, 2001, p. 73)

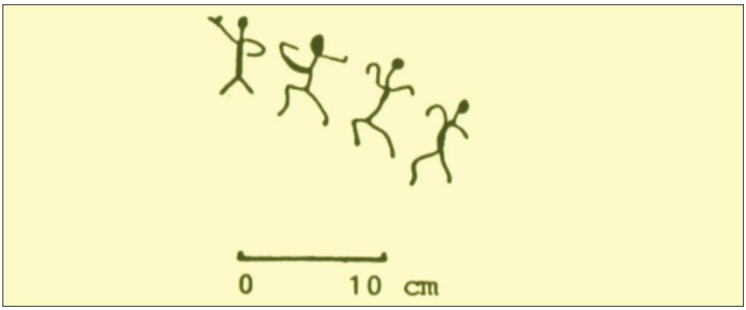
5.1 Grafismos da Tradição Nordeste[28]. (Fig. 16 e 17)

Figura 16 - Boqueirão da Pedra Furada, Parque Nacional Serra da Capivara



Fonte: FUMDHAM (2000 *apud* Kestering, 2001, p. 74)

Figura 17 - Sítio Toca do Pajeú, no Parque Nacional Serra da Capivara



Fonte: FUMDHAM (2000 *apud* Kestering, 2001, p. 75)

[28] Por serem conhecidas as características dos grafismos da Tradição Nordeste não se apresentam todas suas figuras. Muitas estão contidas nas publicações da Revista CLIO - Série Arqueológica da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

5.2 Grafismos da Zona Agreste[29]. (Fig. 18 a 34)

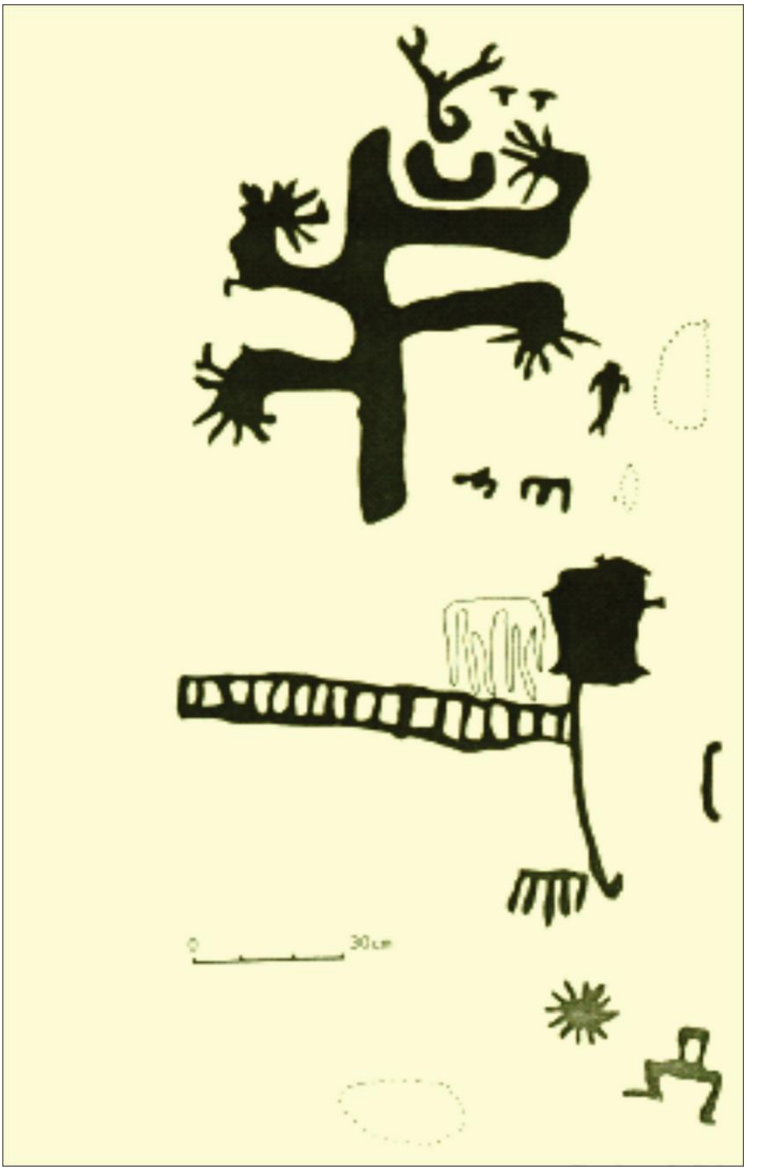
Figura 18 - Pedra da Figura, em Taquaritinga do Norte - PE



Fonte: Aguiar (1984, p. 63 *apud* Kestering, 2001, p. 76)

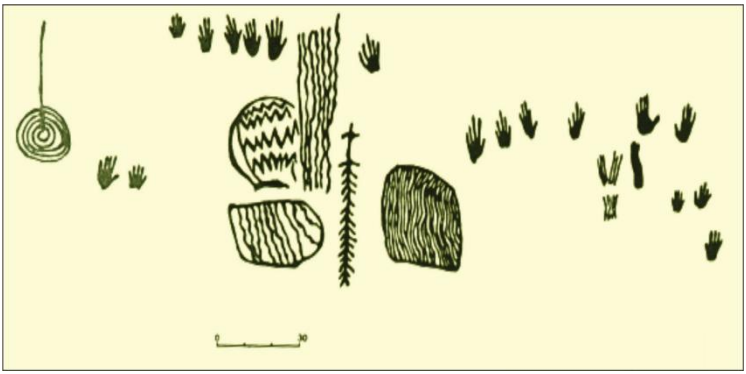
[29] Como referências para análise comparativa, adotaram-se painéis de grafismos de sítios da Zona Agreste de Pernambuco e da Paraíba, anexados no trabalho de Alice Aguiar, publicado na Revista CLIO - Série Arqueológica n.º 8, p. 7-98, 1986.

Figura 19 - Pedra da Lua, em Brejo da Madre de Deus - PE



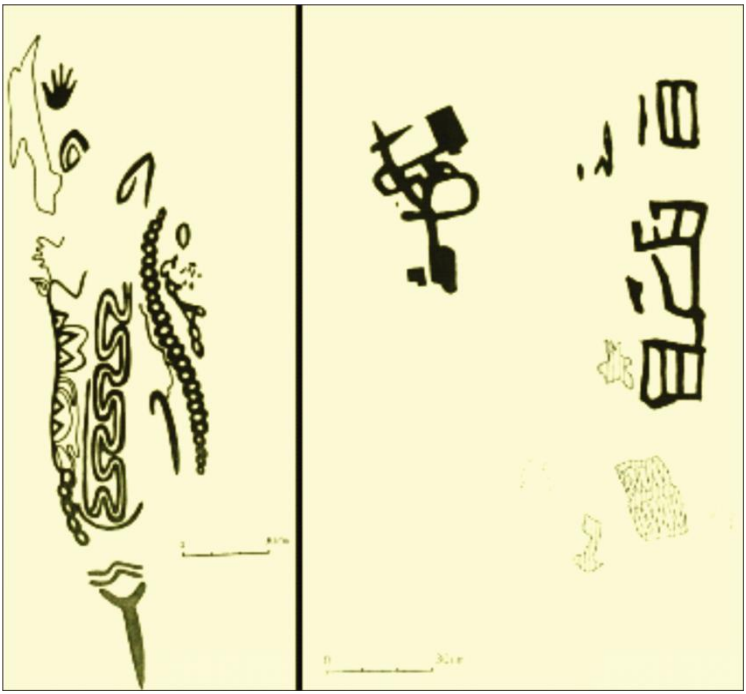
Fonte: Aguiar (1984, p. 64 *apud* Kestering, 2001, p. 76)

Figura 20 - Piri-Piri I, em Venturosa - PE



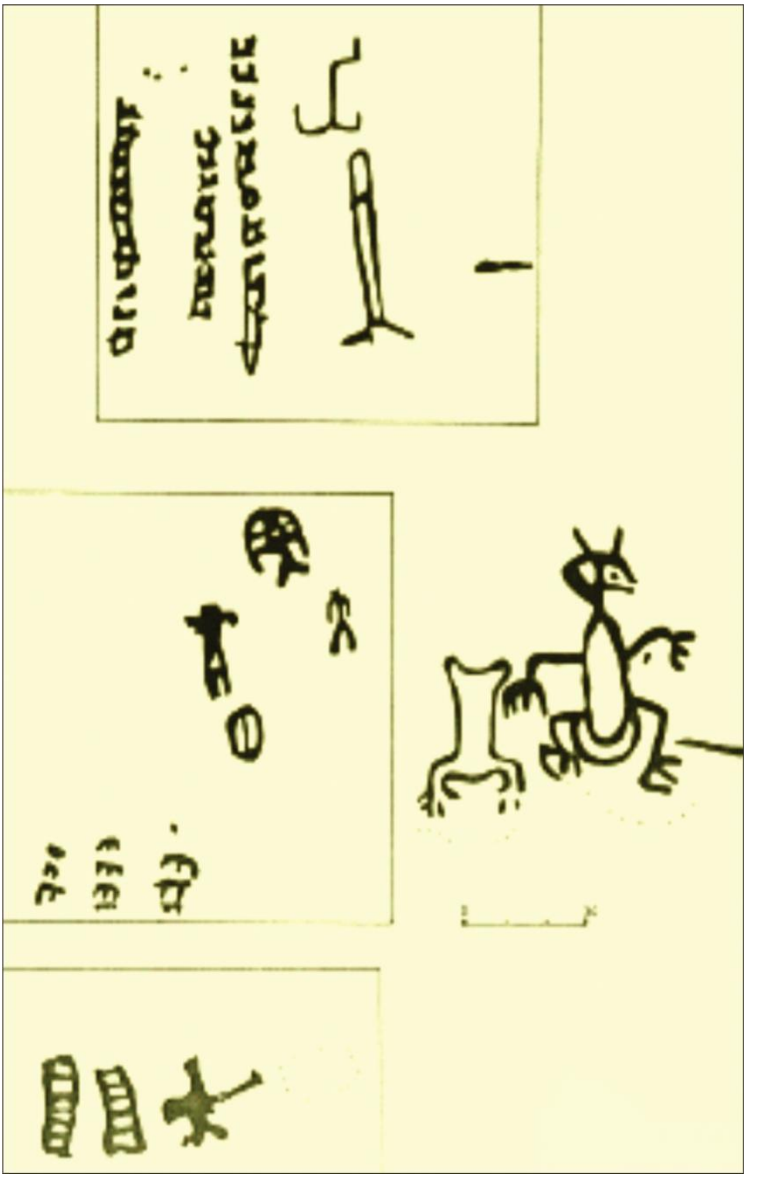
Fonte: Aguiar (1984, p. 70 *apud* Kestering, 2001, p. 76)

Figura 21 - Pedra da Boquinha e Pedra do Letreiro, em Venturosa - PE



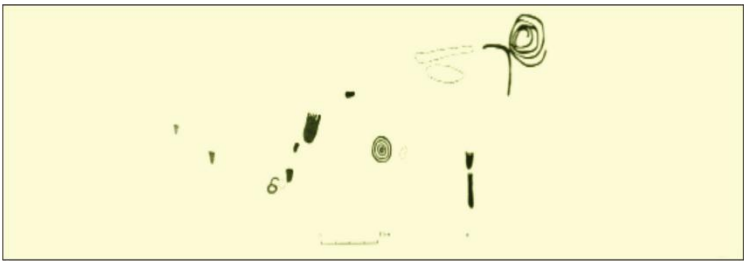
Fonte: Aguiar (1984, p. 73 e 76 *apud* Kestering, 2001, p. 77)

Figura 22 - Pedra da Lua, em Brejo da Madre de Deus - PE



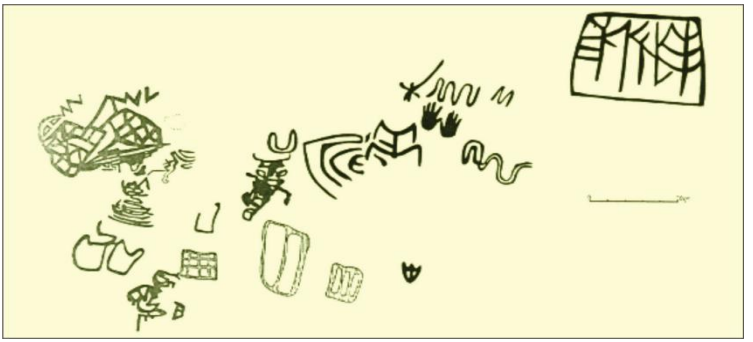
Fonte: Aguiar (1984, p. 65 *apud* Kestering, 2001, p. 77)

Figura 23 - Pedra do Navio, em Paranatama - PE



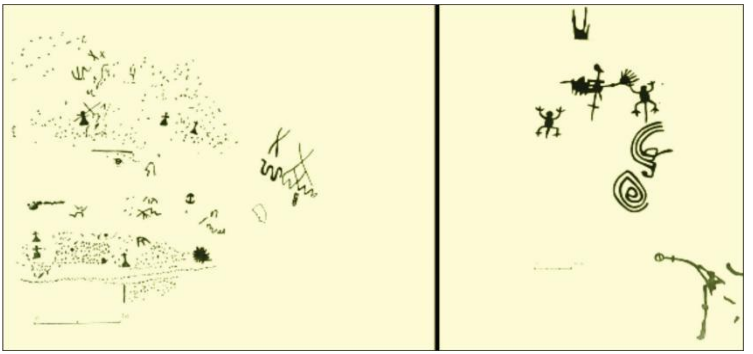
Fonte: Aguiar (1984, p. 84 *apud* Kestering, 2001, p. 77)

Figura 24 - Pedra da Boquinha, em Venturosa - PE



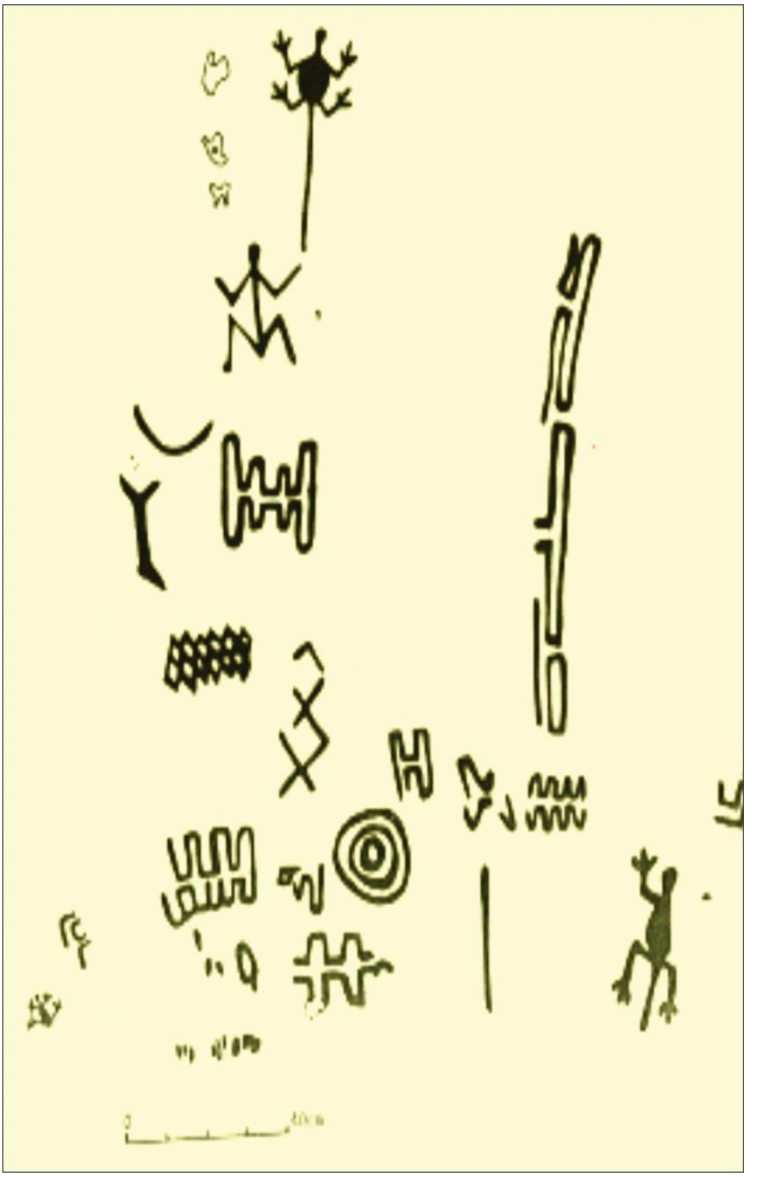
Fonte: Aguiar (1984, p. 75 *apud* Kestering, 2001, p. 77)

Figura 25 - Pedra Pintada, em Alagoinha e Pedra do Caboclo, em Pedra - PE



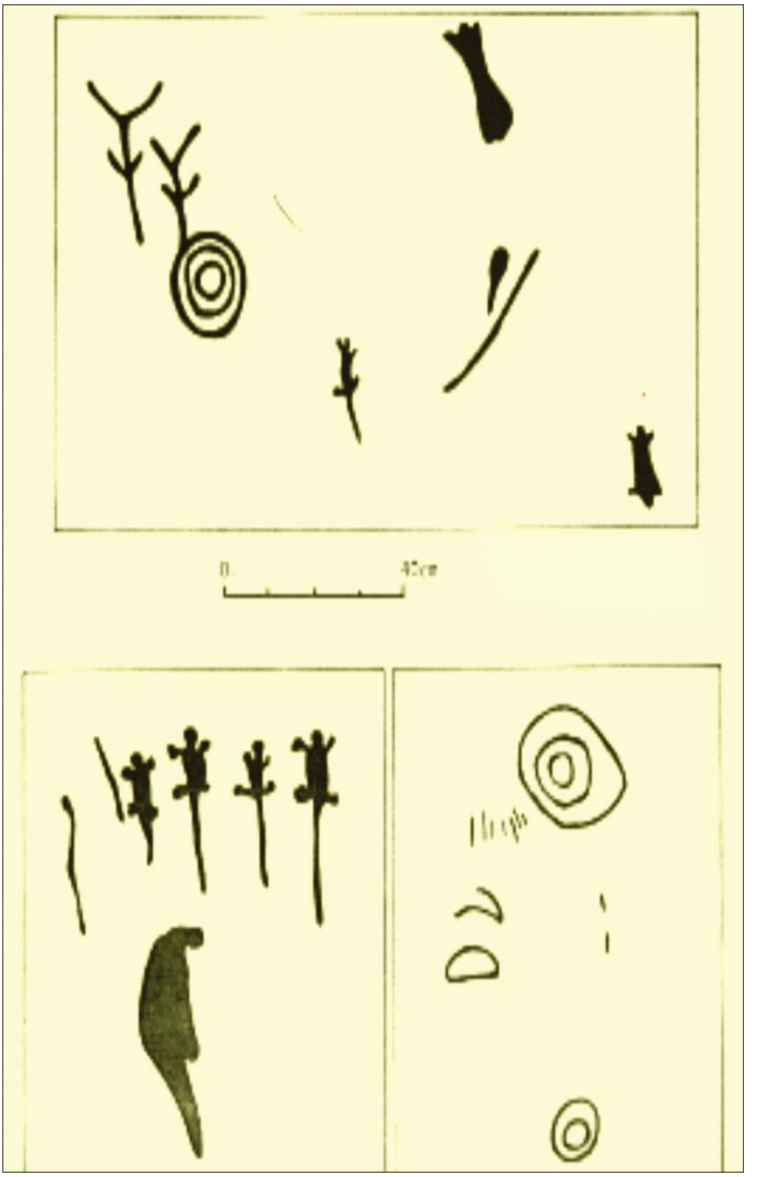
Fonte: Aguiar (1984, p. 78 e 81 *apud* Kestering, 2001, p. 78)

Figura 26 - Fazenda Prata, em Pedra- PE



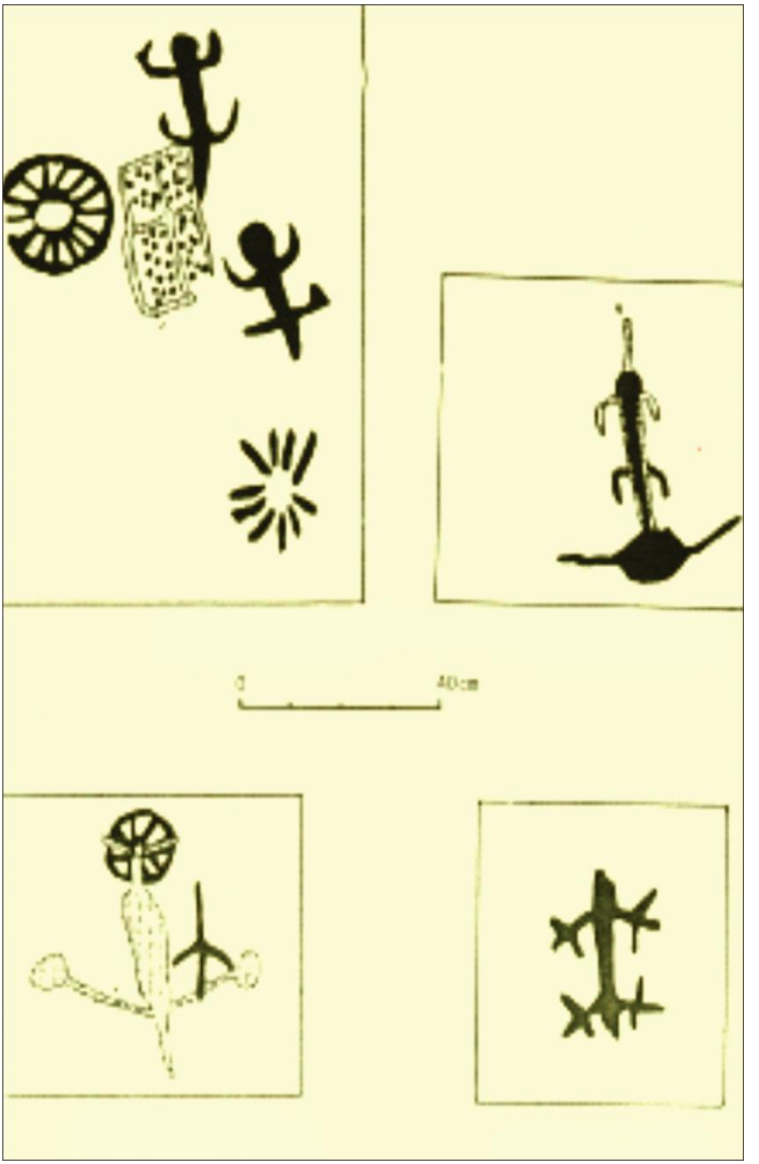
Fonte: Aguiar (1984, p. 83 *apud* Kestering, 2001, p. 78)

Figura 27 - Pedra do Navio, em Paranatama - PE



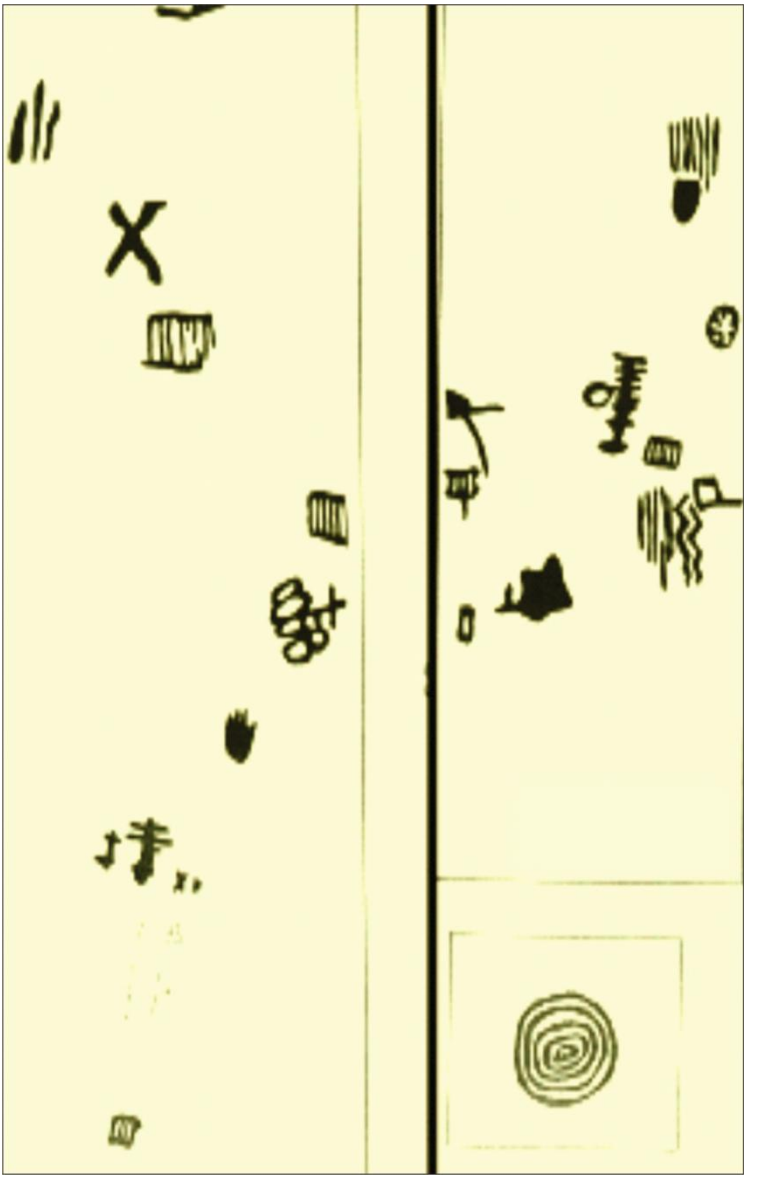
Fonte: Aguiar (1984, p. 85 *apud* Kestering, 2001, p. 78)

Figura 28 - Pedra do Letreiro, em Brejinho - PE



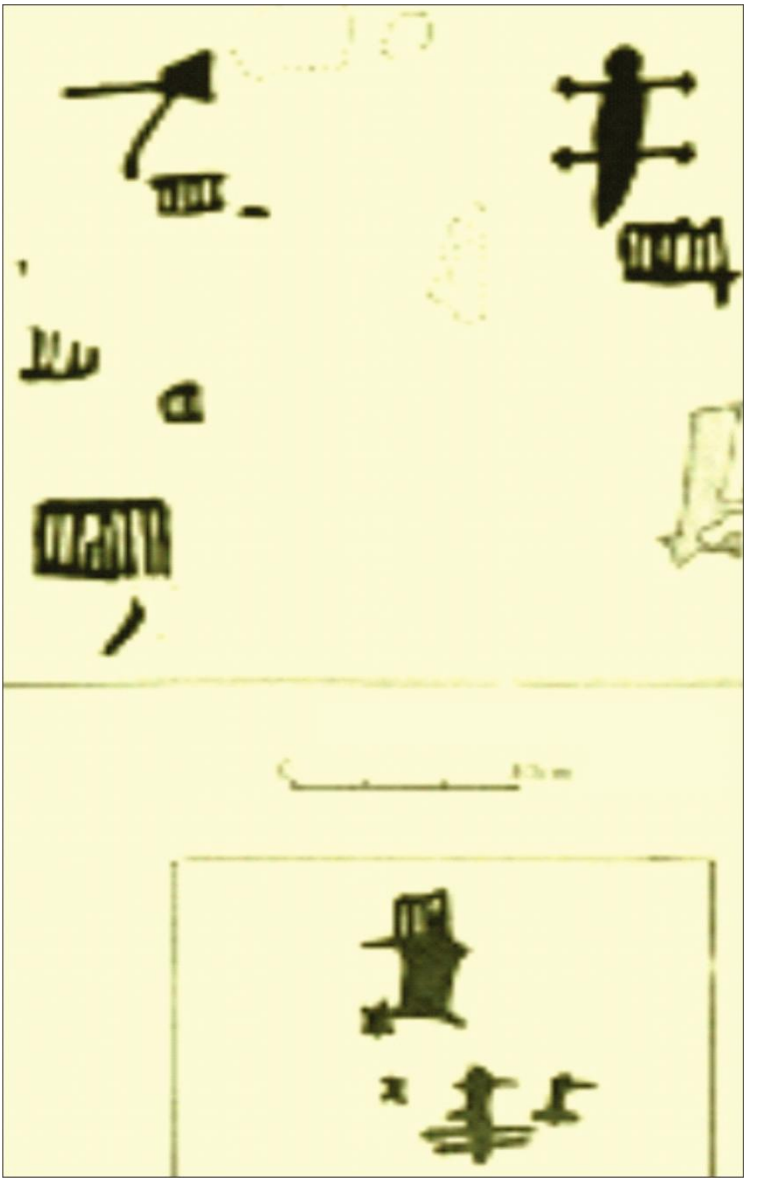
Fonte: Aguiar (1984, p. 87 *apud* Kestering, 2001, p. 79)

Figura 29 - Pedra Comprida e Pedra Comprida II, em São Bento do Una - PE



Fonte: Aguiar (1984, p. 88 e 89 *apud* Kestering, 2001, p. 79)

Figura 30 - Pedra do Letreiro, em Passira - PE



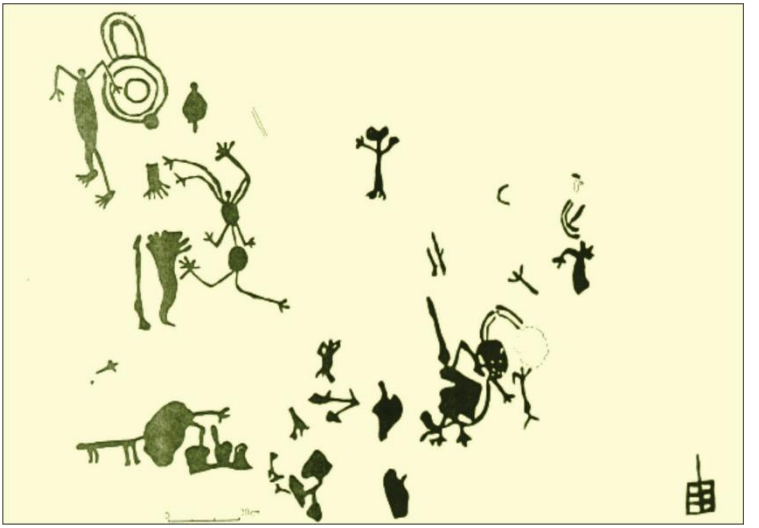
Fonte: Aguiar (1984, p. 90 *apud* Kestering, 2001, p. 79)

Figura 31 - Pedra do Caboclo, em São João do Tigre - PB



Fonte: Aguiar (1984, p. 91 *apud* Kestering, 2001, p. 79)

Figura 32 - Pedra do Caboclo, em São João do Tigre - PB



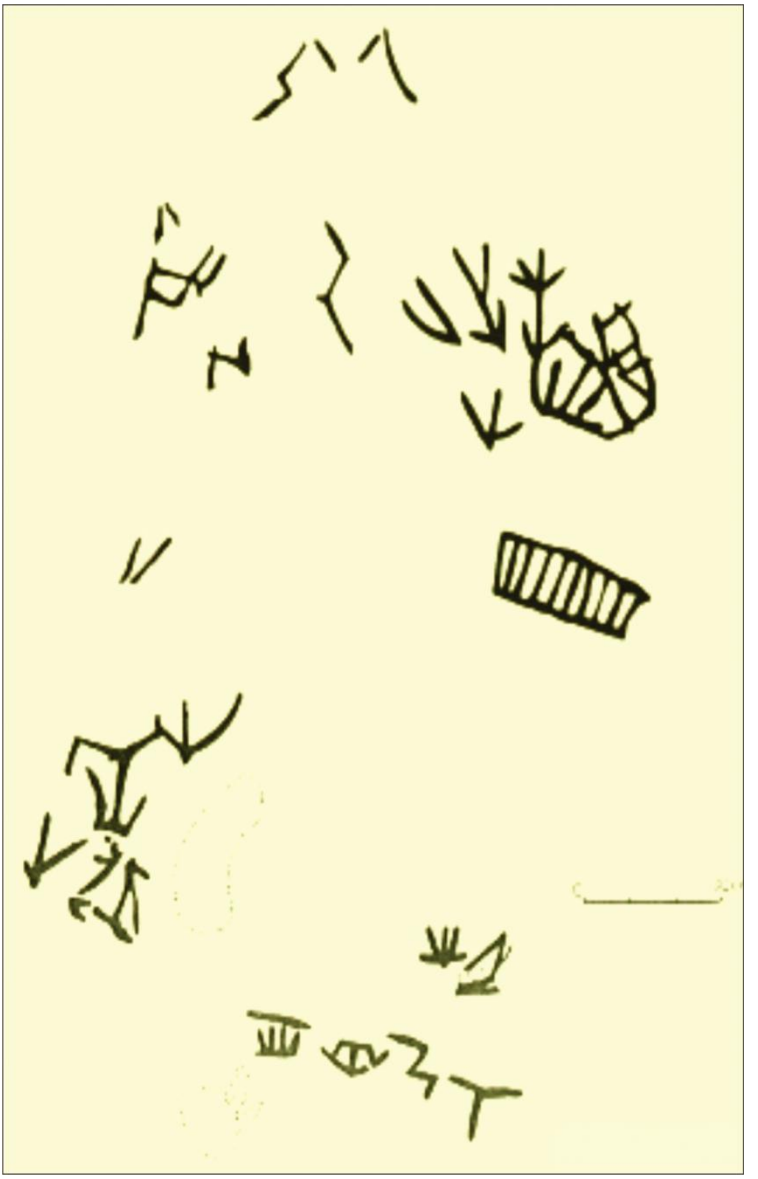
Fonte: Aguiar (1984, p. 93 *apud* Kestering, 2001, p. 80)

Figura 33 - Pedra do Caboclo, em São João do Tigre - PB



Fonte: Aguiar (1984, p. 92 *apud* Kestering, 2001, p. 80)

Figura 34 - Pedra do Letreiro, em Cacimba de Areia - PB



Fonte: Aguiar (1984, p. 95 *apud* Kestering, 2001, p. 80)

5.2 Grafismos do Médio São Francisco[30]. (Fig. 35 a 47)

Figura 35 - Enclave Arqueológico de Central - BA



Fonte: Beltrão (2000, p.125 *apud* Kestering, 2001, p. 81)

Figura 36 - Enclave Arqueológico de Central - BA



Fonte: Beltrão (2000, p. 86 *apud* Kestering, 2001, p. 81)

[30] Adotaram-se, como referências para análise, os painéis de grafismos do Enclave Arqueológico de Central - BA e do município de Januária - MG, situados no Médio São Francisco. Médio São Francisco é a região da Bacia Hidrográfica, entre as cidades de Pirapora - MG e Nova Remanso - BA.

Figura 37 - Enclave Arqueológico de Central - BA



Fonte: Beltrão (2000, p. 88 *apud* Kestering, 2001, p. 82)

Figura 38 - Enclave Arqueológico de Central - BA



Fonte: Beltrão (2000, p. 120 *apud* Kestering, 2001, p. 82)

Figura 39 - Enclave Arqueológico de Central - BA



Fonte: Beltrão (2000, p. 122 *apud* Kestering, 2001, p. 82)

Figura 40 - Enclave Arqueológico de Central - BA



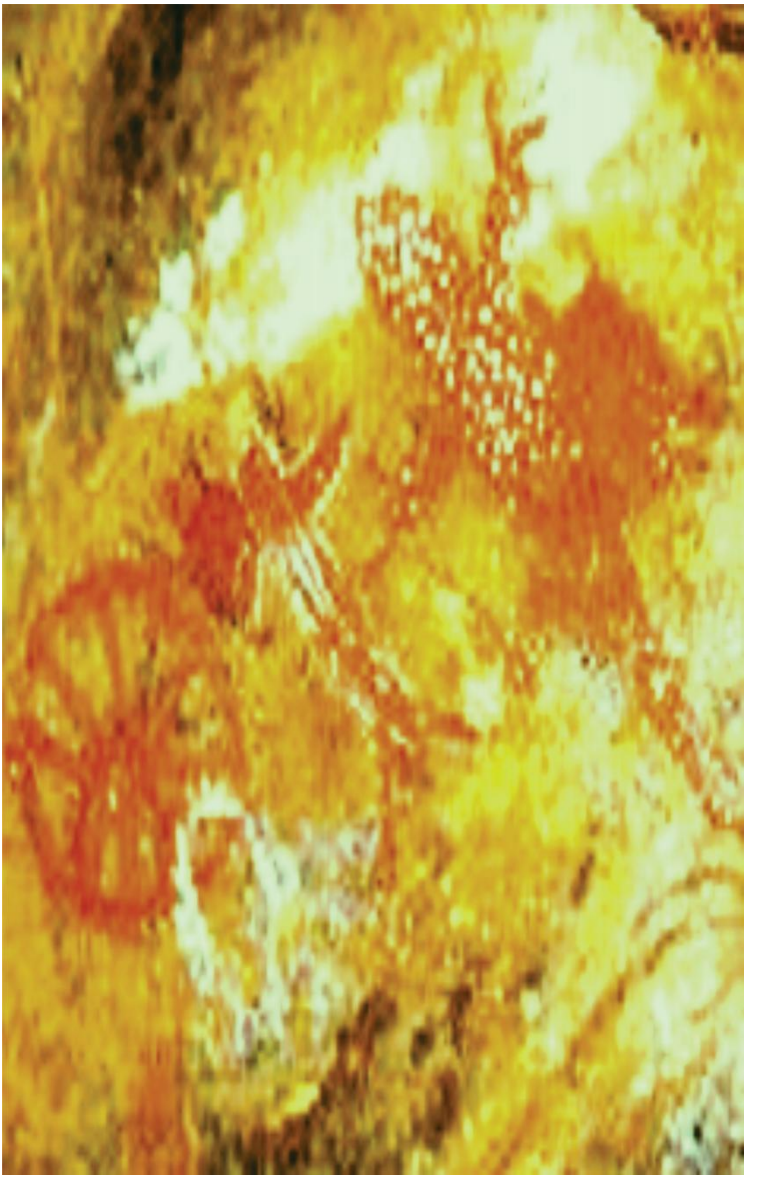
Fonte: Beltrão (2000, p. 105 *apud* Kestering, 2001, p. 82)

Figura 41 - Enclave Arqueológico de Central - BA



Fonte: Beltrão (2000, p. 95 *apud* Kestering, 2001, p. 82)

Figura 42 - Enclave Arqueológico de Central - BA



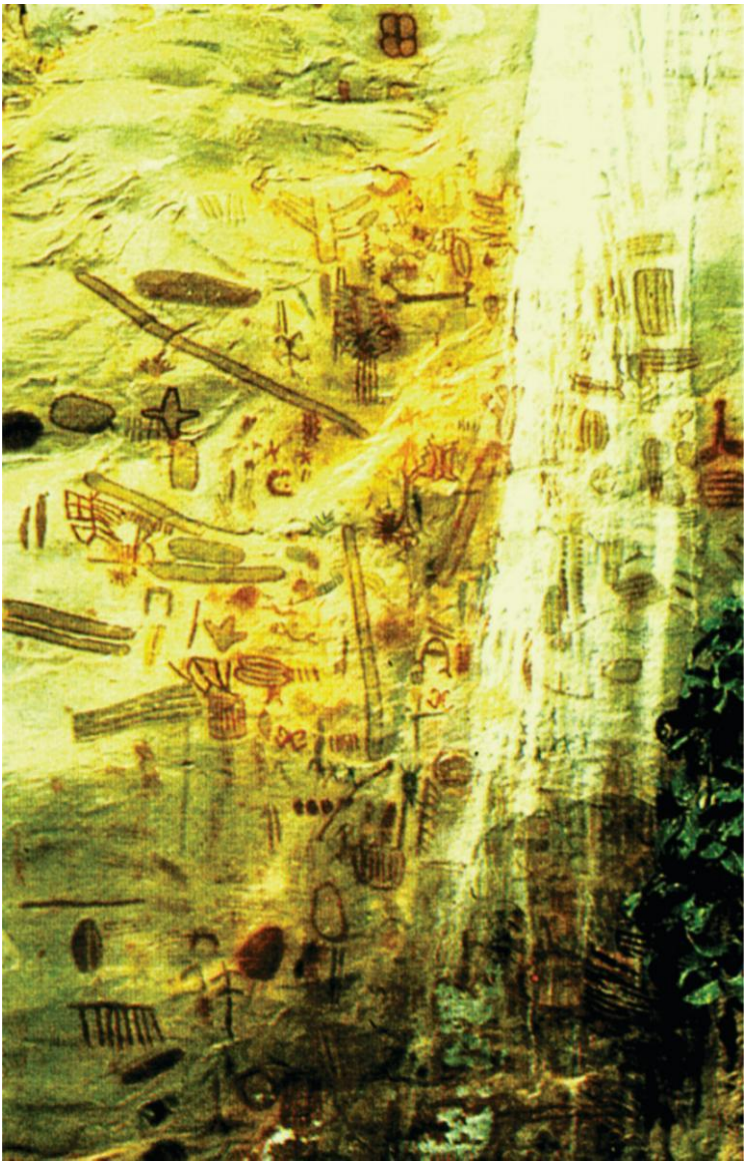
Fonte: Beltrão (2000, p. 89 *apud* Kestering, 2001, p. 82)

Figura 43 - Januária - MG



Fonte: Herança (1984, p. 64 *apud* Kestering, 2001, p. 83)

Figura 44 - Januária - MG



Fonte: Herança (1984, p. 64 *apud* Kestering, 2001, p. 84)

Figura 45 - Januária - MG



Fonte: Herança (1984, p. 63 *apud* Kestering, 2001, p. 85)

Figura 46 - Sítio Lapa do Caboclo, em Januária - MG



Fonte: Herança (1984, p. 63 *apud* Kestering, 2001, p. 86)

Figura 47 - Sítio Lapa do Caboclo, em Januária - MG



Fonte: Prous (1999, p. 113 *apud* Kestering, 2001, p. 86)

5.4 Seleção de Painéis para Análise

Por tratar-se de um conjunto de 31 sítios arqueológicos com um total de 109 painéis de levantamento[31], muitos dos quais com grafismos incompletos, de difícil reconhecimento, selecionaram-se 42 painéis de análise[32], com o critério da presença de grafismos reconhecíveis[33], que permitiam análises comparativas. Os painéis de análise representam 38,53% da totalidade.

A identificação dos grafismos, principalmente reconhecíveis, é extremamente importante para a constatação de analogias gráficas. Com um universo de grafismos em melhor estado de conservação, mesmo não sendo a maioria, obtêm-se melhores resultados. A qualidade da análise depende da qualidade do material analisado. No caso de grafismos rupestres, uma boa análise pressupõe que as fotografias tenham padrão de qualidade para que possam ser visualizados contornos, contrastes, cores e superposições. Na falta desse material fotográfico referente a alguns sítios pesquisados no entorno do boqueirão, utilizaram-se cópias obtidas com antigas técnicas, obsoletas ao momento atual da pesquisa.

Para os grafismos da tradição Nordeste não se apresentam as referências analógicas por serem conhecidas suas características temáticas, cenográficas e técnicas, em consequência de intensivas pesquisas realizadas nela.

---

[31] É a segregação de um conjunto de pinturas a serem fotografadas de tal forma que forneçam ao pesquisador a maior quantidade possível de informações para o trabalho de laboratório.

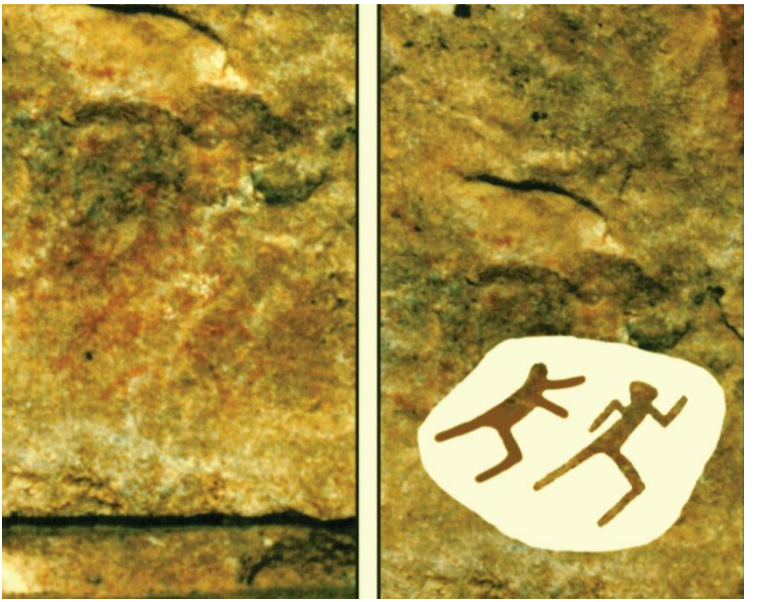
[32] É a segregação de conjuntos gráficos no interior dos painéis de levantamento, para fornecer ao pesquisador, elementos que atendam aos objetivos da pesquisa.

[33] É o grafismo com delineação bem contrastada, com definição precisa de seus limites.

5.4.1 Grafismos Análogos aos da Tradição Nordeste

Constituem-se de painel único com figuras antropomorfas, em cena de grande movimento, da esquerda para a direita. Não há superposição. Encontra-se no centro do suporte, a mais de dois metros acima da superfície atual do terreno. Têm cor vermelha. As figuras são miniaturais. Foram pintadas com pincel estreito. Não têm contorno e foram preenchidas com pintura lisa. (Fig. 48).

Figura 48 - Sítio Pedra da Mangueira



Fonte: Kestering (2001, p. 88)

Encontram-se grafismos análogos temática, cenográfica e tecnicamente na Toca do Pajeú, Parque Nacional Serra da Capivara, mas que apresentam diferenças morfológicas. Lá os grafismos desse conjunto representam humanos a correrem da direita para a esquerda.

5.4.2 Grafismos Análogos aos da Zona Agreste

Identificaram-se cinco conjuntos de grafismos cujas temáticas são análogas às de figuras que se identificaram na Zona Agreste de Pernambuco e da Paraíba.

5.4.2.1 Conjunto 1

No total de 36 grafismos conhecíveis do boqueirão, há cinco (14%) representações de pássaros com asas abertas. Elas estão assim distribuídas: uma, na Pedra Bamba ou São Gonçalo 6; uma na Pedra dos Macacos ou São Gonçalo 9 e três, na Pedra Gêmea ou São Gonçalo 11. (Fig. 49).

Quatro figuras representam pássaros de frente, a mostrar pernas e pés, como se estivessem a pousar. Uma delas, no Sítio Pedra Gêmea, sem as pernas e os pés aparentes, representa um pássaro em pleno voo, visto de cima. Todas diferem na quantidade de penas das asas: duas têm cinco penas; uma, nove; uma, seis e uma, três em uma das asas e dez na outra. Uma figura apresenta detalhamento requintado na representação do olho e do bico, enquanto as outras representam apenas a cabeça, sem definição desses órgãos.

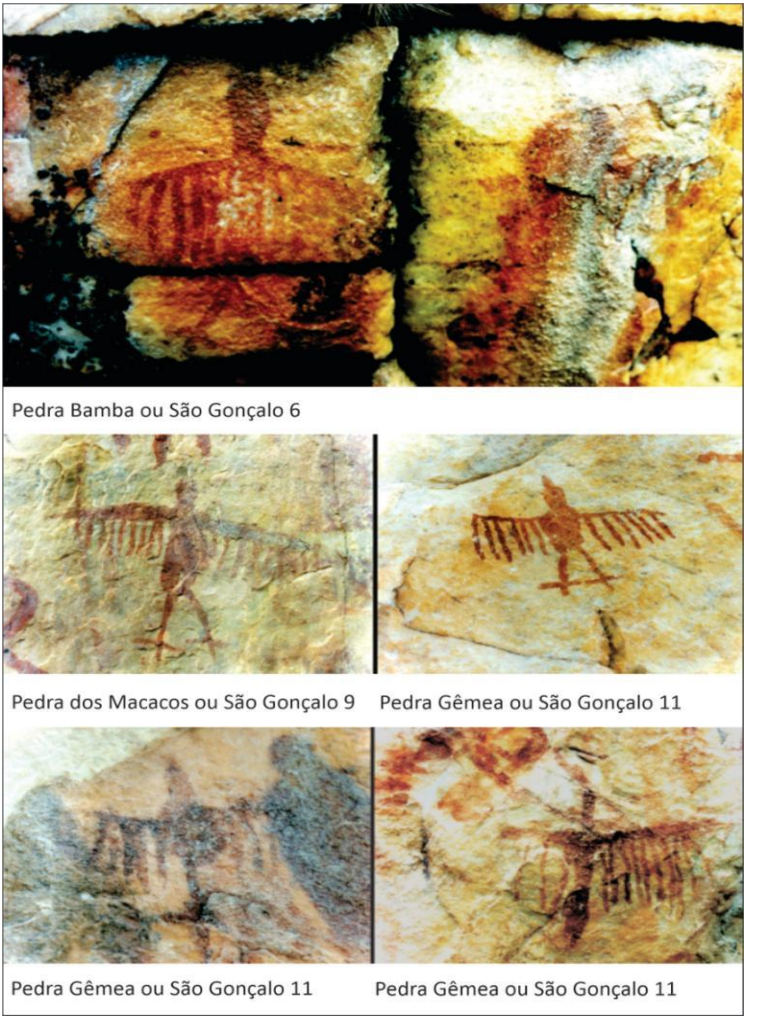
Todas situam-se no centro dos suportes, a mais de 1,5 metro acima da superfície atual do terreno. Algumas são isoladas, outras, acompanhadas de grafismos reconhecíveis. Umas superpõem-se a grafismos reconhecíveis. Uma única foi parcialmente superposta elo mesmo tipo de registro, também reconhecível.

Todas são pequenas ou miniaturais, pintadas em vermelho claro e/ou ocre, com pincéis finos e médios, sem contorno e preenchidas com pintura lisa.

Observou-se que, na Pedra da Figura, em Taquaritinga do Norte, Zona Agreste de Pernambuco, há uma figura análoga.

Lá, representou-se o, no alto do painel, acompanhado de mãos e lagartos, com algumas diferenças morfológicas das cinco figuras encontradas nos sítios do Boqueirão do Riacho São Gonçalo.

Figura 49 - Pássaro de asas abertas



Fonte: Kestering (2001, p. 89)

5.4.2.2 Conjunto 2

Trata-se de um pequeno grafismo reconhecível vermelho que, no boqueirão representou-se uma só vez, com pincel fino e médio, sem contorno e preenchido com pintura lisa. Localiza-se no centro-sul do suporte da Pedra dos Macacos ou São Gonçalo 9, sete metros acima da superfície atual do terreno, acompanhado de grafismos conhecíveis e reconhecíveis. Não se superpõe e nem é superposto. (Fig. 50).

Figura 50 - Figura reconhecível



Fonte: Kestering (2001, p. 92)

Encontram-se figuras análogas no Sítio Pedra da Lua, em Madre de Deus, e no Sítio Pedra Pintada, em Alagoinha, Zona Agreste do Estado de Pernambuco. Lá, ambas se acompanham de grafismos reconhecíveis.

5.4.2.3 Conjunto 3

Trata-se de um grafismo reconhecível. Aparece somente no sítio Pedra da Gameleira - BRSG-19, no centro do suporte, a mais de 2 metros acima da superfície atual do terreno. Acompanha-se de outros grafismos reconhecíveis e de mãos em positivo. (Fig. 51). Acha-se em superposição a grafismos reconhecíveis. Não está superposto. É pequeno, vermelho e não tem contorno. Em sua realização utilizou-se pincel médio.

Figura 51 - Figura reconhecível



Fonte: Kestering (2001, p. 94)

Encontra-se uma figura análoga no Sítio Pedra do Letreiro, Cacimba de Areia, Zona Agreste do Estado da Paraíba. No Sítio Pedra do Letreiro, ela se encontra-se em lugar baixo do painel, acompanhada também de outros grafismos reconhecíveis, mas não está superposta.

5.4.2.4 Conjunto 4

É um conjunto de grafismos reconhecíveis que aparecem somente nos sítios Pedra Gêmea - BRSG-11 e Talhado Nascente - BRSG-13, no centro do suporte, em alturas superiores a 2 metros acima da superfície atual do terreno, acompanhados de outros grafismos reconhecíveis. Em ambos os sítios, eles aparecem superpostos a outros grafismos reconhecíveis. São pequenos, de cor vermelha e realizados com pincéis médios, sem contorno e sem preenchimento. (Fig. 52).

Figura 52 – Figuras reconhecíveis da Pedra Gêmea e do Talhado Nascente



Fonte: Kestering (2001, p. 95)

Existem figuras análogas no Sítio Pedra do Letreiro, em Cacimba de Areia, Zona Agreste do Estado da Paraíba. Lá elas foram pintadas em alturas variadas do painel, acompanhadas de grafismos reconhecíveis.

5.4.2.5 Conjunto 5

É um conjunto de grafismos reconhecíveis que se pintaram nos sítios Pedra dos Macacos – BRSG-09, Pedra do Amorim - BRSG-07, Loca do Morcego - BRSG-08 e Pedra da Gameleira - BRSG-19. Eles foram realizados em diferentes lugares dos suportes, em variadas alturas da superfície atual do terreno, acompanhados de grafismos reconhecidos. Não aparecem superpondo e nem sendo superpostos. São todos de tamanho médio, cor vermelha, sem contorno e realizados com pincel médio. (Fig. 53).

Figura 53 – Figuras do Conjunto 5



Fonte: Kestering (2001, p. 96)

No Agreste Setentrional, encontram-se figuras análogas nos sítios Pedra da Lua, em Brejo da Madre de Deus; Pedra do Letreiro, em Venturosa; Pedra da Boquinha, em Venturosa; Pedra Comprida, em São Bento do Una; Pedra do Letreiro, em Passira, Pernambuco e, no sítio Pedra do Letreiro, em Cacimba de Areia, Paraíba.

5.4.3 Grafismos Análogos aos do Médio São Francisco

Dos 166 grafismos reconhecíveis que se encontram nos sítios do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, 17 apresentam identidades análogas entre si. Representam 10,2% da totalidade.

5.4.3.1 Conjunto 1

Os grafismos desse conjunto se localizam nos sítios: Loca do Morcego – BRSG-08, Pedra Gêmea – BRSG – 11, Toca do Sobrado – BRSG-14, Furna do Caboclo – BRSG-15 e Furna do Caçador – BRSG-21. Eles se encontram em diferentes lugares do suporte, mas situam-se preferencialmente em alturas inferiores a 01 metro acima da superfície atual do terreno. Encontram-se geralmente superpondo outros grafismos reconhecíveis, mas há casos de superposição de grafismos desse conjunto por outros do mesmo conjunto. Não se encontram isolados no suporte. Estão sempre próximos de grafismos conhecíveis, representando animais, ou de grafismos reconhecíveis. São de tamanho médio ou grande, geralmente de cor vermelha, mas existem deles que apresentam bicromia vermelha e amarela. Aparecem com representação delineada por um traço de espessura média e densamente trabalhados no interior do delineamento. Em sua realização utilizou-se pincel médio. (Fig. 54 e 55).

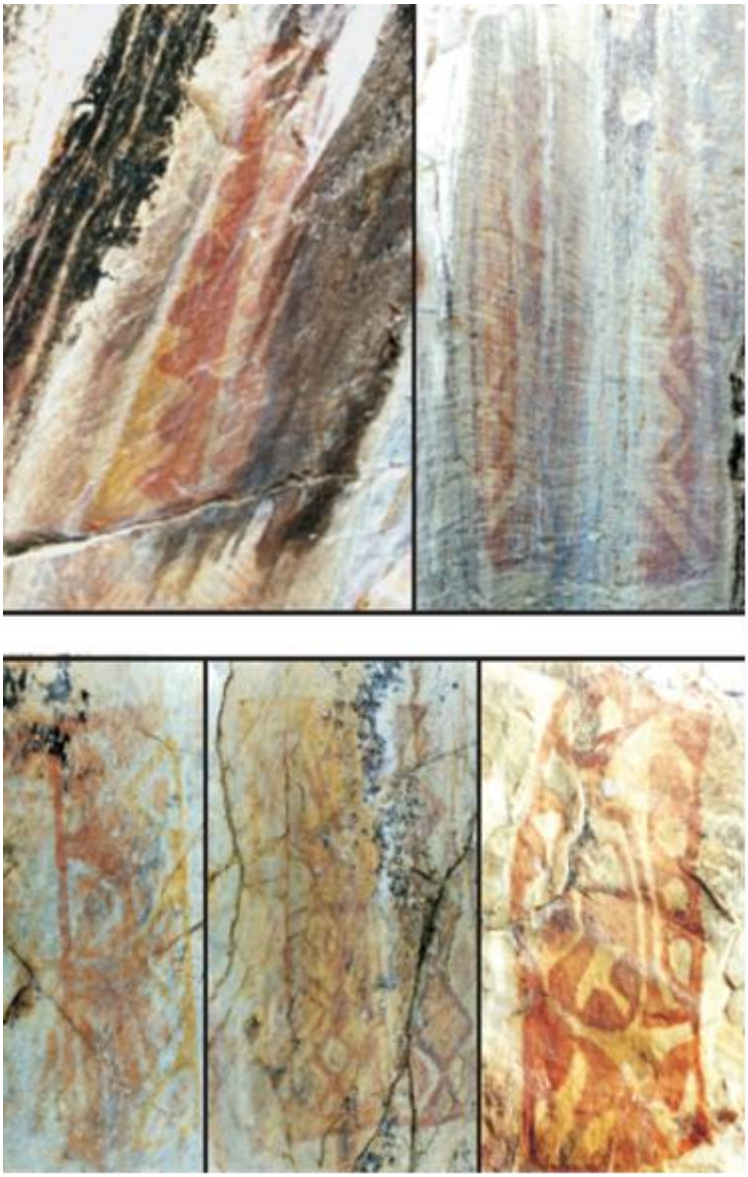
Existem grafismos análogos a esse conjunto em sítios arqueológicos do Município de Januária, Médio São Francisco, Norte de Minas Gerais. Da mesma forma que nos sítios do Boqueirão do Riacho São Gonçalo eles apresentam diferentes formas de delineamento e preenchimento, acompanhados de outros grafismos reconhecíveis.

Figura 54 – Pinturas do Conjunto 1



Fonte: Kestering (2001, p. 97)

Figuras 55 – Pinturas do Conjunto 1



Fonte: Kestering (2001, p. 98)

5.4.3.2 Conjunto 2

Os grafismos desse conjunto apresentam analogias temáticas, morfológicas, cenográficas e técnicas. Representam figuras humanas com braços erguidos, cotovelos flexionados e antebraços caídos. Alguns representam o pênis tão grande ou maior que as pernas. Chama atenção uma das figuras antropomorfas estar com um objeto semelhante a uma espada em sua mão direita. Pode ter sido pintada após a chegada dos colonizadores europeus. Aparecem no Sítio Pedra dos Macacos - BRSG-09, a mais de 2m acima da superfície atual do terreno, acompanhadas de grafismos reconhecíveis. Um grafismo desse conjunto encontra-se superpondo parte de um grafismo puro. São de grande tamanho. Apresentam cor vermelha. Foram pintados com a utilização de pincéis médios e grandes. Não têm contorno e foram preenchidos com pintura lisa. (Fig. 56).

Figura 56 – Pinturas do conjunto 2 na Pedra dos Macacos



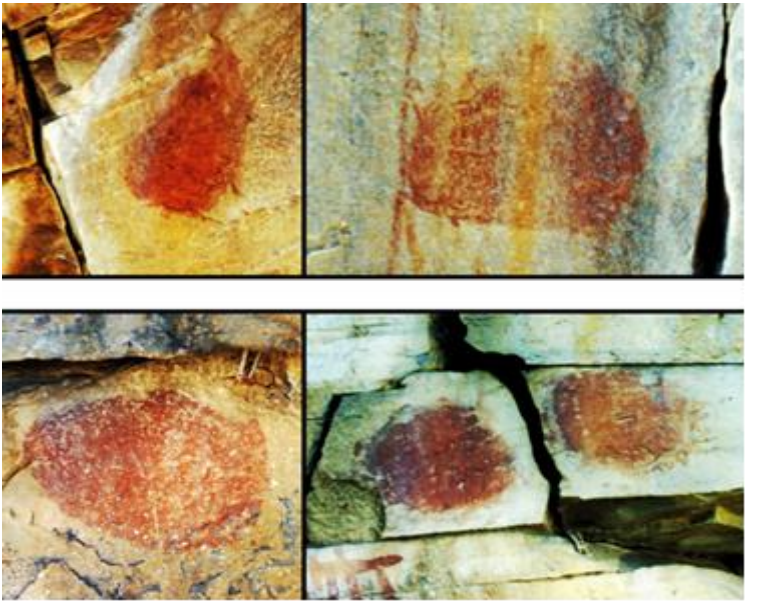
Fonte: Kestering (2001, p. 100)

Existem grafismos análogos a esse conjunto, no Sítio Riacho Largo, na Serra Azul, região de Central, estado da Bahia, no Médio São Francisco, La, eles aparecem no alto de um painel da tradição Nordeste, representando cena de caça.

5.4.3.3 Conjunto 3

É um conjunto de grafismos reconhecíveis, com analogias morfológicas, cenográficas e técnicas. Aparecem nos sítios Pedra Pensa - BRSG-05, Talhado Nascente - BRSG-13 e Pedra da Gameleira - BRSG-19, em lugares variados dos suportes e em alturas também variadas, acompanhados de outros grafismos reconhecíveis. Nele não se encontraram superposições. São de cor vermelha, tamanho médio e grande, sem contorno, preenchidos com pintura lisa e com a utilização de pincel médio ou grosso. (Fig. 57).

Figura 57 – Pinturas do conjunto 3



Fonte: Kestering (2001, p. 101)

Encontra-se uma figura análoga em Januária, Norte de Minas Gerais, no Médio São Francisco, também acompanhada de outros grafismos reconhecíveis, em lugar baixo do suporte.

5.4.3.4 Conjunto 4

É um grafismo reconhecível. Aparece somente no Sítio Pedra do Amorim - BRSG-07, acompanhado de outros grafismos reconhecíveis, no centro do suporte, a menos de 1 metro acima da superfície atual do terreno. Não está superpondo e nem sendo superposto. É de cor vermelha. Em sua realização utilizou-se pincel médio ou grosso. Tem tamanho médio, não tem contorno e foi preenchido com pintura lisa. (Fig. 58).

Figura 58 – Pintura do conjunto 4, na Pedra do Amorim



Fonte: Kestering (2001, p. 102)

Encontra-se um grafismo com analogias morfológicas, cenográficas e técnicas, no Sítio Lapa do Caboclo, em Januária, Minas Gerais, Médio São Francisco. Lá, ele se encontra acompanhado de grafismos reconhecíveis e superposto por grafismo elaborado, análogo a outros que se encontram em vários sítios do Boqueirão do Riacho São Gonçalo.

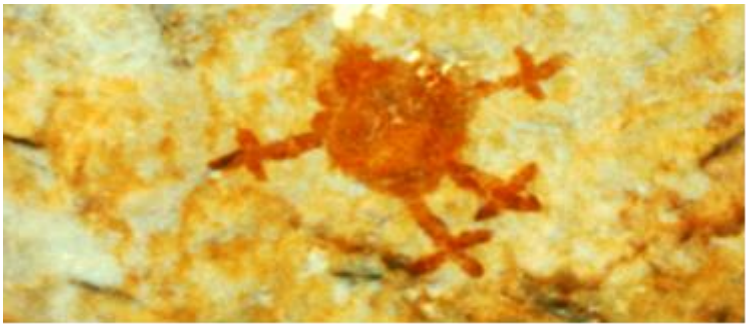
5.4.4 Grafismos com Dupla Referência no Entorno

Há um conjunto de grafismos com referências no Parque Nacional Serra da Capivara e no Médio São Francisco e nove que se parecem com pinturas do Agreste e do Médio São Francisco.

5.4.4.1 Conjunto 1

Representa-se por um antropomorfo que, no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, se pintou somente no centro do suporte do Sítio Pedra Gêmea - BRSG-11, a mais de 2 metros acima da superfície atual do terreno, acompanhado de grafismos reconhecíveis. Não está superpondo e nem superposto. É miniatural, de cor vermelha, sem contorno, preenchido com pintura lisa. Foi realizado com a utilização de pincéis fino e médio. (Fig. 59).

Figura 59 – Antropomorfo miniatural redondo



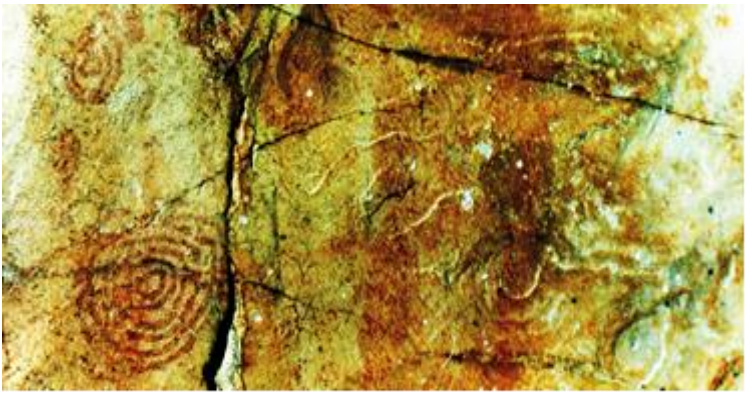
Fonte: Kestering (2001, p. 103)

Encontram-se figuras análogas no Boqueirão da Pedra Furada, Parque Nacional Serra da Capivara e no Sítio Fonte Grande, Enclave Arqueológico de Central, Médio São Francisco.

5.4.4.2 Conjunto 2

Constitui-se de grafismos formados de círculos paralelos concêntricos que, no Boqueirão do Riacho São Gonçalo se identificaram no centro-sul do suporte da Pedra Solta - BRSG-16, acompanhados de outros grafismos reconhecíveis, a menos de 2 m acima da superfície atual do terreno. Não aparecem superpostos e nem superpondo. São miniaturais, de cor vermelha, sem contorno e sem preenchimento. Em sua realização utilizou-se pincel fino. (Fig. 60).

Figura 60 – Círculos paralelos concêntricos



Fonte: Kestering (2001, p. 104)

Encontram-se figuras análogas, com três círculos paralelos concêntricos, no Sítio Fazenda Prata, em Pedra, no Sítio Pedra do Navio, em Paranatama, Zona Agreste de Pernambuco e figuras análogas, com dois e cinco círculos paralelos concêntricos, nos sítios Pedra do Navio, em Paranatama, Pedra Comprida II, em São Bento do Una, Zona Agreste de Pernambuco e, com sete círculos paralelos concêntricos, no Sítio Pedra do Caboclo, em São João do Tigre, na Paraíba. No Médio São Francisco, existem figuras análogas, com sete e com quatro círculos, no Enclave Arqueológico de Central, Bahia.

5.4.4.3 Conjunto 3

Trata-se de um conjunto de grafismos que, no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, se identificam em posições variadas nos suportes dos sítios Angico Torto - BRSG-04, Loca do Morcego - BRSG-08 e Pedra dos Macacos - BRSG-09, em alturas superiores a um metro acima da superfície atual do terreno, acompanhados de grafismos conhecíveis e reconhecíveis. Eles são grandes. Foram realizados com pincel médio, em cor vermelha ou amarela, sem contorno e sem preenchimento. Existe um grafismo desse conjunto superpondo, parcialmente, um grafismo reconhecível e foi superposto por um antropomorfo. (Fig. 61).

Figura 61 – Pinturas do conjunto 3



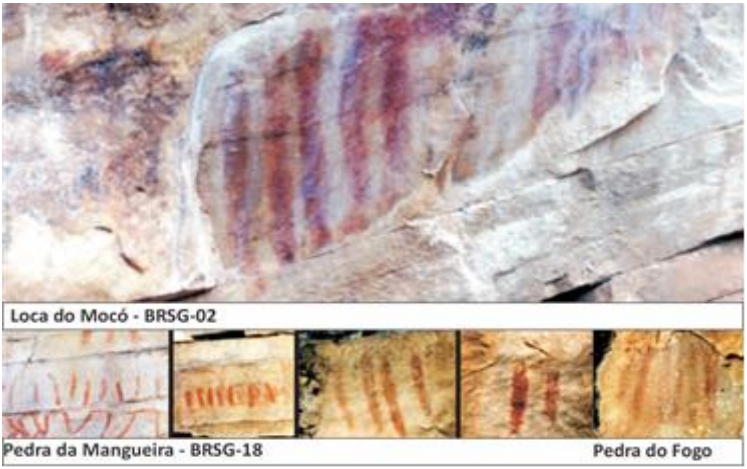
Fonte: Kestering (2001, p. 105)

Encontram-se figuras análogas no Sítio Pedra Comprida II em São Bento do Una, Agreste de Pernambuco e em Januária - MG e Central - BA no Médio São Francisco.

5.4.4.4 Conjunto 4

É um conjunto de grafismos reconhecíveis que, no Boqueirão do Riacho São Gonçalo identificaram-se nos suportes dos sítios Loca do Mocó - BRSG-02, Pedra da Mangueira - BRSG-18 e Pedra do Fogo - BRSG-26, acompanhados de outros grafismos reconhecíveis ou isolados, em lugares muito diversificados e em alturas também diversificadas. Não foram visualizados grafismos desse conjunto superpostos, mas, no Sítio Pedra da Mangueira, eles aparecem superpondo grafismos reconhecíveis. São pequenos, de cor vermelha, sem contorno, sem preenchimento e realizados com pincel médio. (Fig. 62).

Figura 62 – Pinturas do conjunto 4



Fonte: Kestering (2001, p. 106), adaptada

Encontram-se figuras análogas, nos sítios Pedra do Navio, em Paranatama, e Pedra Comprida, em São Bento do Una, Zona

Agreste de Pernambuco. No Médio São Francisco encontram-se grafismos análogos no Município de Januária - MG e no Enclave Arqueológico de Central - BA. Em sítios da Tradição, Nordeste, eles aparecem estilizados, com formas humanas.

5.4.4.5 Conjunto 5

É um grafismo conhecível que representa um lagarto. Não está superpondo e nem superposto. Encontra-se acompanhado de um zoomorfo e grafismos reconhecíveis. No Boqueirão do Riacho São Gonçalo ele se localiza no centro do suporte do Sítio Loca do Morcego - BRSG-08, a mais de 2,0 m acima da superfície atual do terreno. Foi realizado com pincel médio, em cor vermelha, tamanho médio e sem contorno. Foi preenchido com pintura lisa. (Fig. 63).

Figura 63 - Pintura do conjunto 5



Fonte: Kestering (2001, p. 107)

Encontram-se figuras análogas nos sítios Pedra da Figura, em Taquaritinga do Norte; Pedra do Caboclo, em Pedra; Prata, na Fazenda Prata, em Pedra; Pedra do Navio, em Paranatama; Pedra do Letreiro, em Brejinho; Pedra do Letreiro, em Passira,

Agreste de Pernambuco. Encontra-se também, no Sítio Pedra do Caboclo, em São João do Tigre, na Paraíba. Na região do Médio São Francisco existem figuras análogas em Januária – MG, em lugares altos do suporte, acompanhados de grafismos reconhecíveis, e sem superposição. Aparecem também no Enclave Arqueológico de Central, no Estado da Bahia.

5.4.4.6 Conjunto 6

Trata-se de um grafismo reconhecível que no Boqueirão do Riacho São Gonçalo identificou-se apenas no Sítio Pedra dos Macacos - BRSG-09, acompanhado de um grafismo conhecível que representa um pássaro de asas abertas. Encontra-se à porção centro-sul do suporte, a mais de cinco metros acima da superfície atual do terreno, sem qualquer superposição. É de cor vermelha e tamanho médio. Não tem contorno e nem preenchimento. Em sua realização utilizou-se pincel médio. (Fig. 64).

Figura 64 – Pintura do Conjunto 6



Fonte: Kestering (2001, p. 108)

Encontram-se figuras morfologicamente análogas, com outros grafismos reconhecíveis, no Sítio Pedra da Lua, em Brejo da

Madre de Deus, Zona Agreste de Pernambuco, no Sítio Arqueológico de Januária, Norte de Minas Gerais e no Enclave Arqueológico de Central, na Bahia.

5.4.4.7 Conjunto 7

É este um conjunto de grafismos conhecíveis análogos. Representam mãos em positivo. No Boqueirão do Riacho São Gonçalo, eles se encontram nos sítios Pedra da Gameleira - BRSG-19 e Pedra dos Macacos - BRSG-09, acompanhados de grafismos reconhecíveis. Ocupam sempre lugares altos do suporte, superpondo grafismos reconhecíveis. Têm cor vermelha e tamanho pequeno. Não têm contorno. Foram pintados com pincel médio e preenchidos com pintura lisa.

Na Pedra dos Macacos, destaca-se a figura de uma mão acompanhada de antebraço e braço que, dadas as características anatômicas, parecem ser de autoria de grupo étnico de origem africana. Pode ter sido pintada durante o período da colonização portuguesa, quando, na região de Sobradinho, índios e negros eram escravos. Podem ter vindo juntos ao Boqueirão do Riacho São Gonçalo para realizar rituais da tradição cultural indígena. (Fig. 65).

Figura 65 – Pinturas do Conjunto 7



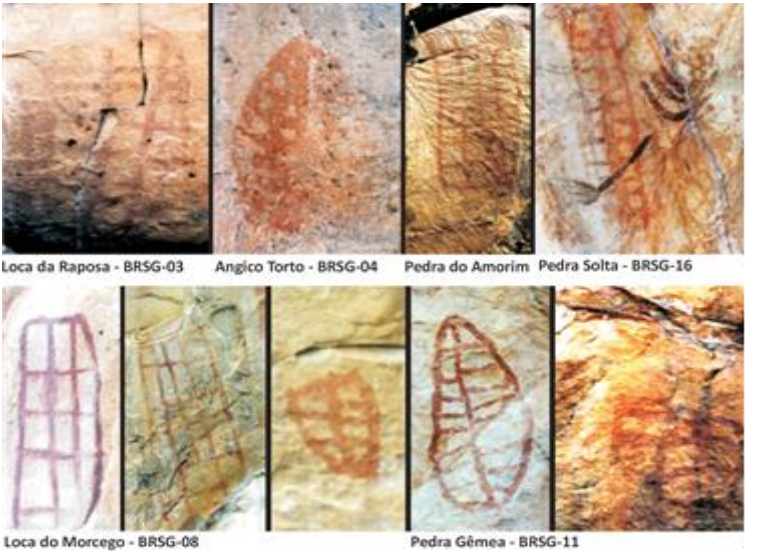
Fonte: Kestering (2001, p. 109)

Encontram-se grafismos análogos, nos sítios Pedra da Figura, em Taquaritinga do Norte, Piri-Piri I e Pedra da Boquinha, em Venturosa, na Zona Agreste de Pernambuco, acompanhados de grafismos conhecíveis e reconhecíveis. Também em Central, BA, no Médio São Francisco.

5.4.4.8 Conjunto 8

Trata-se de um conjunto de grafismos reconhecíveis que, no Boqueirão do Riacho São Gonçalo situam-se em diferentes lugares e alturas dos suportes, acompanhados de figuras conhecíveis e reconhecíveis. Aparece superpondo e superposto apenas no Sítio Pedra Solta. São todos de cor vermelha e de tamanho médio. Não têm contorno e nem preenchimento. Em sua realização utilizou-se pincel médio. (Fig. 66).

Figura 66 – Pinturas do Conjunto 8



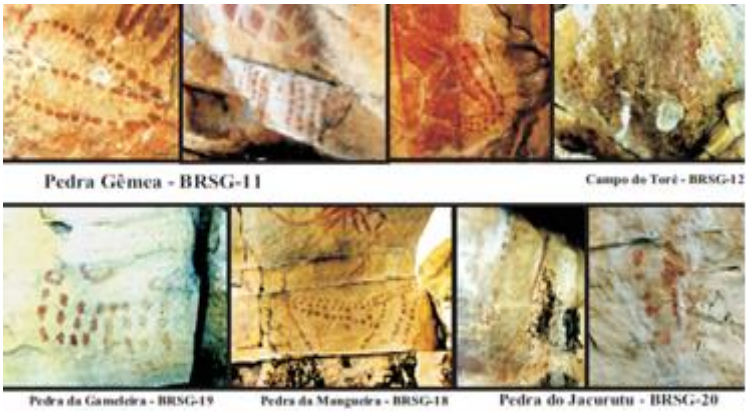
Fonte: Kestering (2001, p. 110)

Encontra-se uma figura análoga no Sítio Pedra do Caboclo, em São João do Tigre, Zona Agreste do Estado da Paraíba, acompanhado de grafismos conhecíveis e reconhecíveis. Também em Central - BA, no Médio São Francisco.

5.4.4.9 Conjunto 9

Trata-se de um conjunto de grafismos reconhecíveis identificados nos sítios Pedra Gêmea - BRSG-11, Campo do Toré - BRSG-12, Pedra da Mangueira - BRSG-18, Pedra da Gameleira - BRSG-19 e Pedra do Jacurutu - BRSG-20. Eles se situam em lugares variados dos suportes, em diferentes alturas em relação à superfície atual do terreno, isolados ou acompanhados de outros grafismos reconhecíveis. No Sítio Pedra Gêmea, aparecem superpondo outros grafismos reconhecíveis. São todos de cor vermelha, de tamanho pequeno ou médio, sem contorno e sem preenchimento. Em sua realização utilizou-se pincel médio ou ponta do dedo, talvez. (Fig. 67).

Figura 67 – Pinturas do Conjunto 9



Fonte: Kestering (2001, p. 111)

Encontram-se grafismos análogos nos sítios Pedra da Lua, em Brejo da Madre de Deus, Pedra da Boquinha, em Venturosa, Pedra Pintada, em Alagoinha, Pedra do Letreiro, em Passira e Pedra do Navio, em Paranatama, no Agreste de Pernambuco e no Sítio Pedra do Letreiro, em Cacimba de Areia, Agreste da Paraíba. Também em Januária, Minas Gerais e em Central - BA, no Médio São Francisco.

5.4.4.10 Conjunto 10

Trata-se de um conjunto de grafismos reconhecíveis, localizados a mais de dois metros acima da superfície atual do terreno, no centro do suporte dos sítios Pedra Gêmea - BRSG-11 e Pedra da Gameleira - BRSG-19. Acompanham-se de outros grafismos reconhecíveis em relação aos quais se superpõem e são superpostos. São de cor vermelha, tamanho médio, sem qualquer contorno e/ou preenchimento. Foram realizados com a utilização de pincel médio. (Fig. 68).

Figura 68 – Pinturas do Conjunto 10



Fonte: Kestering (2001, p. 112)

Encontram-se figuras análogas no Sítio Prata, situado na Fazenda Prata, Município de Pedra, Zona Agreste de Pernambuco, e em Januária - MG, no Médio São Francisco, também acompanhadas de grafismos reconhecíveis.

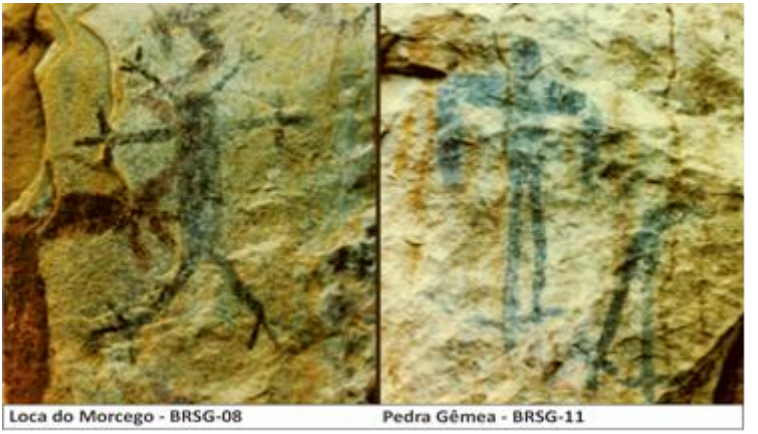
5.4.5 Grafismos sem Referências no Entorno

Há três conjuntos de grafismos sem referências no Parque Nacional Serra da Capivara, no Médio São Francisco e, nem tampouco, na Zona Agreste dos estados da Paraíba e de Pernambuco. Um deles se constitui de figuras conhecíveis antropomorfas, outro de representações zoomorfas, e um terceiro, de unidades reconhecíveis.

5.4.5.1 Antropomorfos

Identificaram-se grafismos antropomorfos sem referências no entorno, nos sítios: Loca do Morcego – BRSG-8, Pedra Gêmea - BRSG-11 e Pedra da Mangueira – BRSG-18. (Fig. 69 e 70).

Figura 69 – Distribuição espacial dos antropomorfos



Fonte: Kestering (2001, p. 113), adaptado

Figura 70 – Distribuição espacial dos antropomorfos



Fonte: Kestering (2001, p. 113), adaptado

5.4.5.2 Zoomorfos

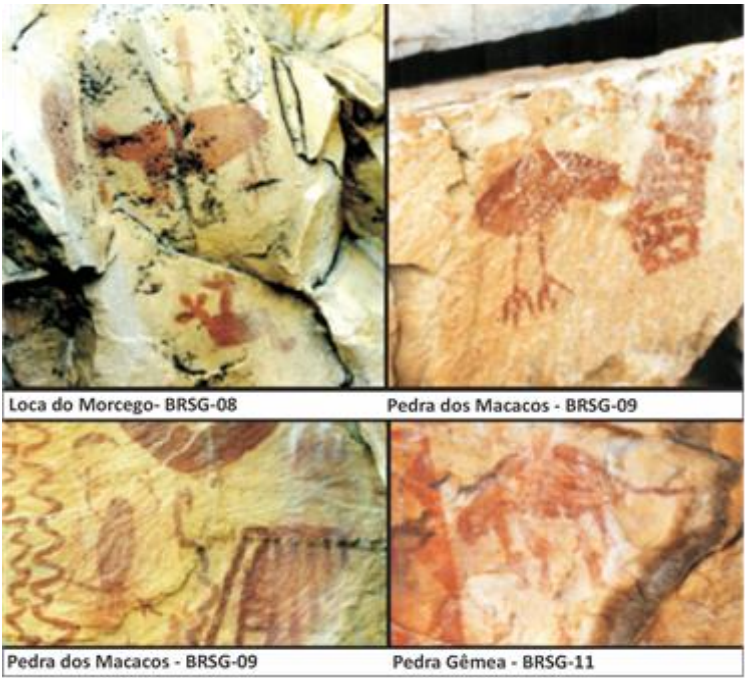
Identificaram-se grafismos zoomorfos sem referências no entorno, nos sítios: Pedra da Espera – BRSG-1, Pedra do Amorim – BRSG-7, Loca do Morcego – BRSG-8, Pedra dos Macacos – BRSG-9, Pedra Gêmea - BRSG-11, Pedra Solta – BRSG-16, Pedra da Mangueira – BRSG-18 e Pedra do Cavalo – BRSG-22. (Fig. 71 a 75).

Figura 71 – Distribuição espacial dos zoomorfos



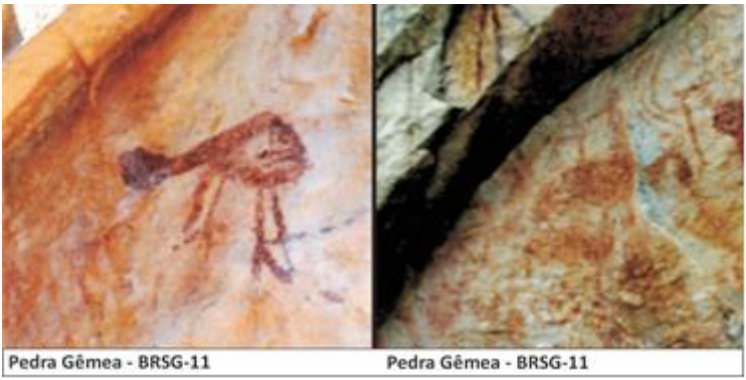
Fonte: Kestering (2001, p. 114), adaptado

Figura 72 – Distribuição espacial dos zoomorfos



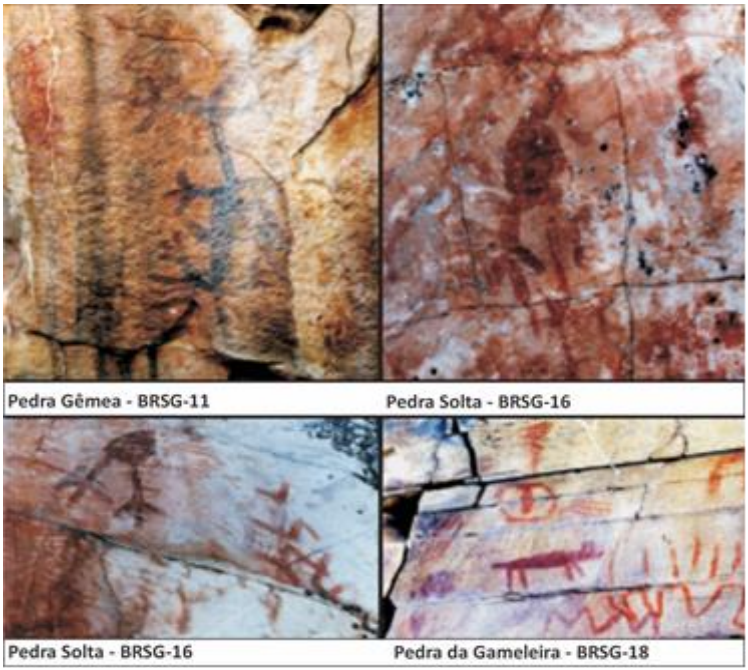
Fonte: Kestering (2001, p. 114), adaptado

Figura 73 – Distribuição espacial dos zoomorfos



Fonte: Kestering (2001, p. 115), adaptado

Figura 74 – Distribuição espacial dos zoomorfos



Fonte: Kestering (2001, p. 115), adaptado

Figura 75 – Distribuição espacial dos zoomorfos

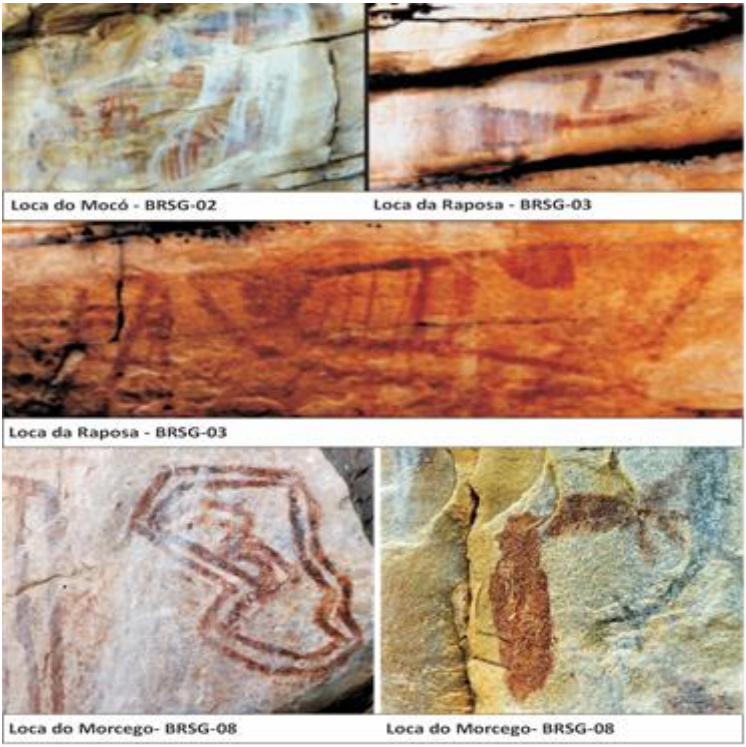


Fonte: Kestering (2001, p. 116), adaptado

5.4.5.3 Grafismos Reconhecíveis

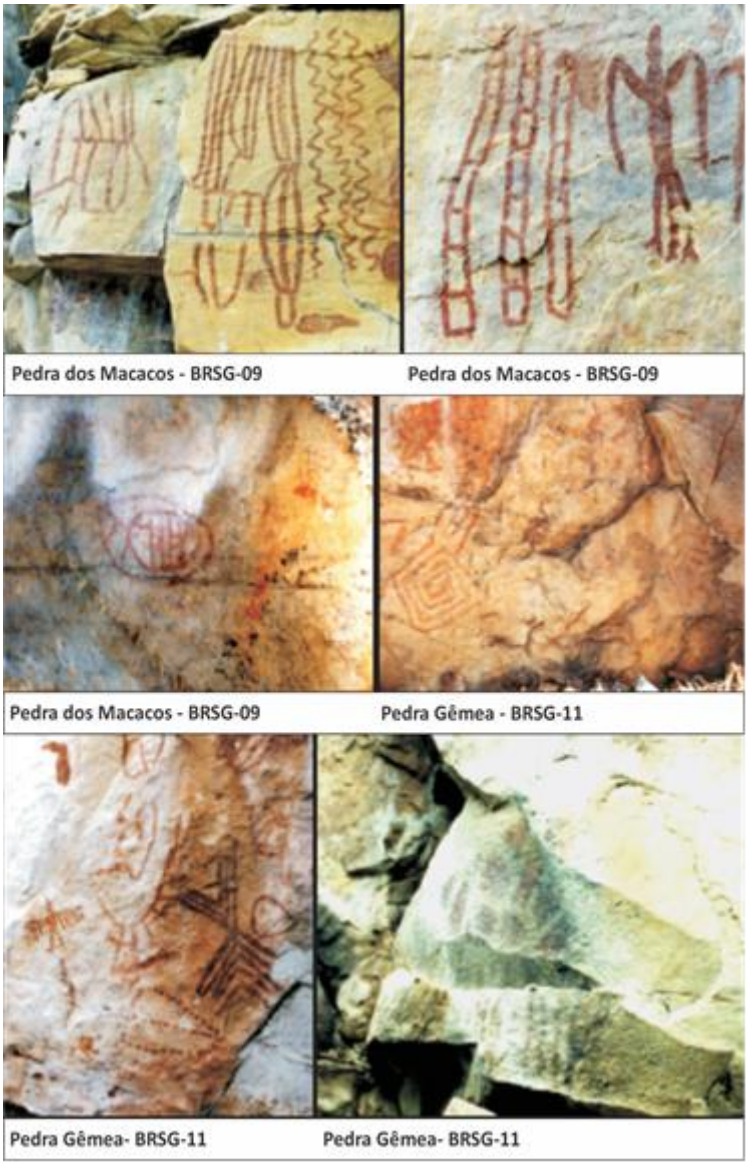
Identificaram-se grafismos reconhecíveis sem referências no entorno. Eles se realizaram nos sítios: Loca do Mocó – BRSG-02, Loca da Raposa – BRSG-03, Loca do Morcego – BRSG-08, Pedra dos Macacos – BRSG-09, Pedra Gêmea - BRSG-11, Campo do Toré – BRSG-12, Toca do Sobrado – BRSG-14, Pedra Solta – BRSG-16, Pedra da Mangueira – BRSG-18, Pedra da Gameleira – BRSG-19, Pedra do Jacurutu – BRSG-20, Furna do Caçador – BRSG-21, Pedra do Cipó – BRSG-24 e Andar de Cima – BRSG-24. (Fig. 76 a 83).

Figura 76 – Distribuição espacial dos grafismos reconhecíveis



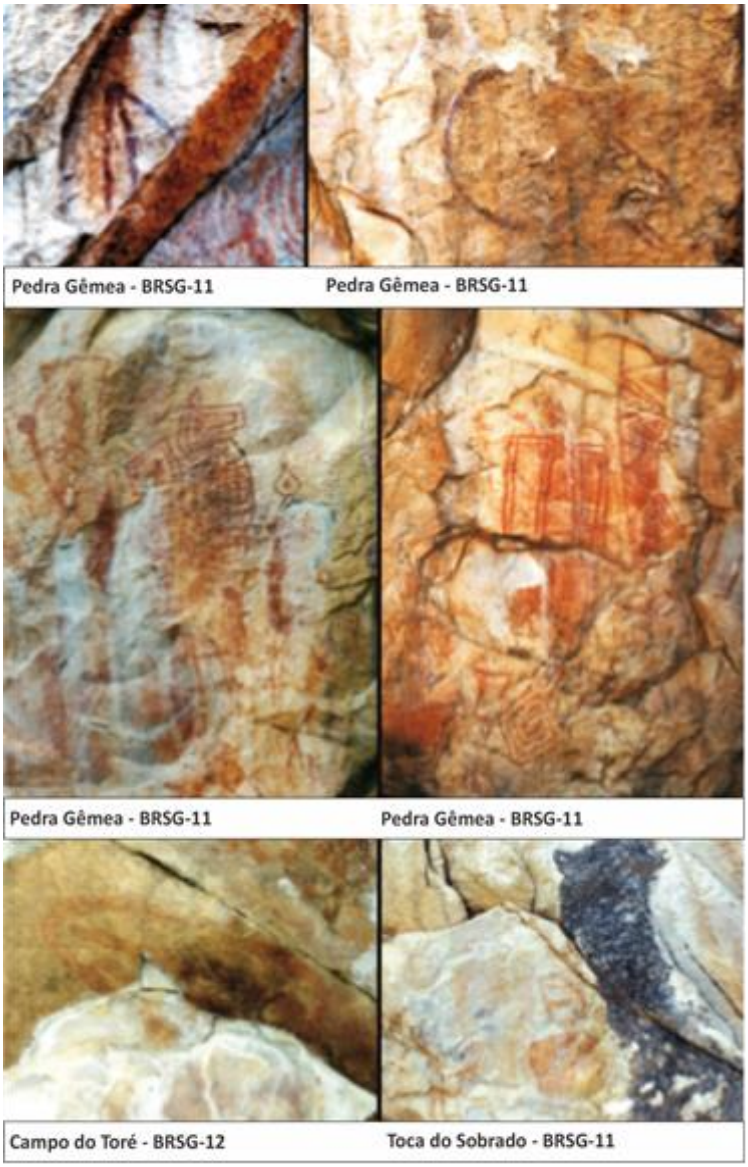
Fonte: Kestering (2001, p. 117), adaptado

Figura 77 – Distribuição espacial dos grafismos reconhecíveis



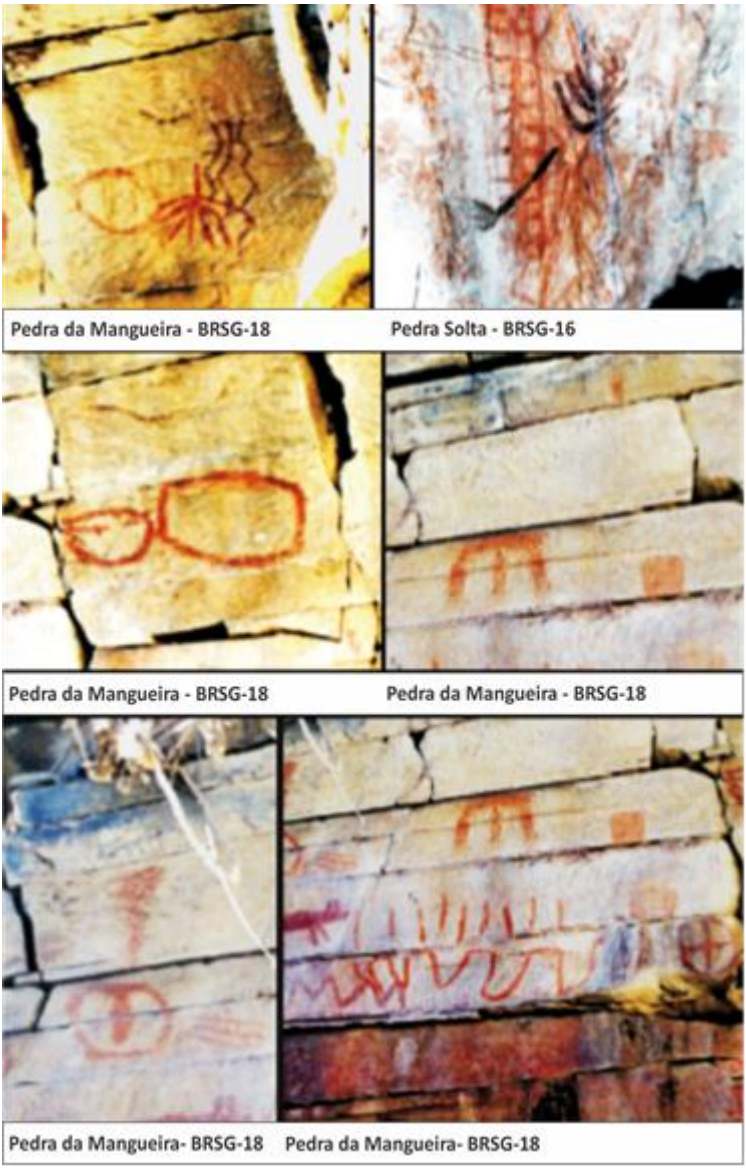
Fonte: Kestering (2001, p. 118), adaptado

Figura 78 – Distribuição espacial dos grafismos reconhecíveis



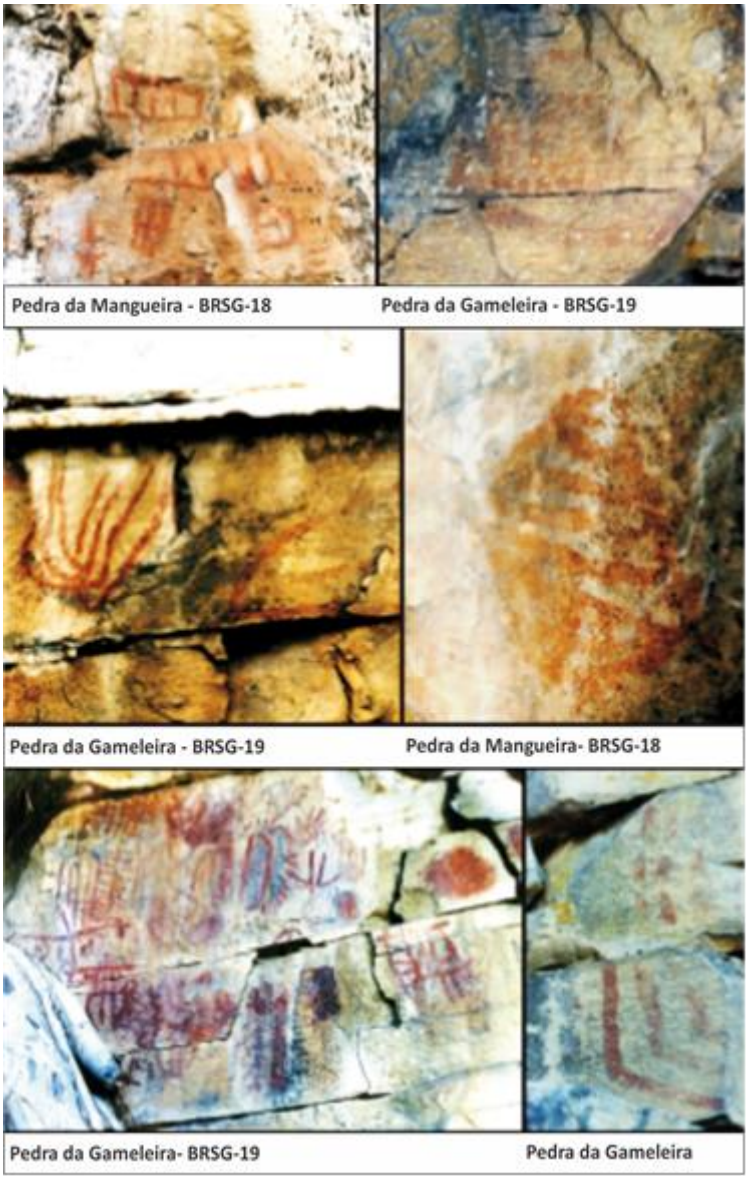
Fonte: Kestering (2001, p. 119), adaptado

Figura 79 – Distribuição espacial dos grafismos reconhecíveis



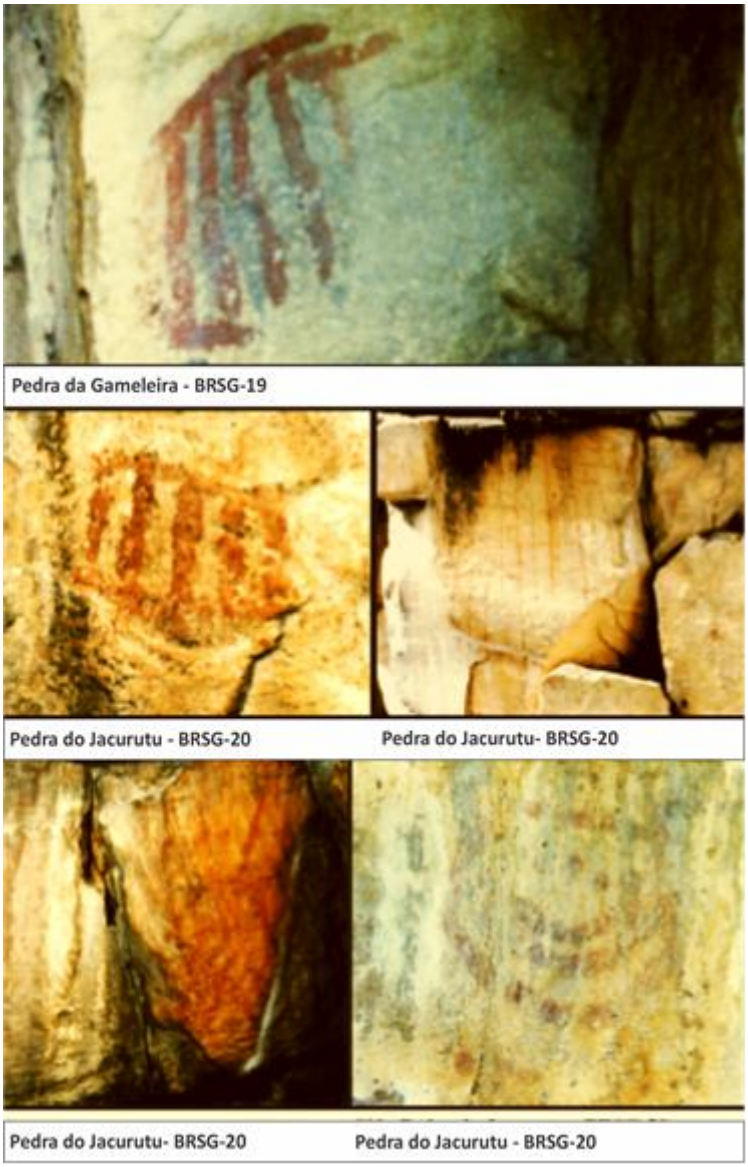
Fonte: Kestering (2001, p. 120), adaptado

Figura 80 – Distribuição espacial dos grafismos reconhecíveis



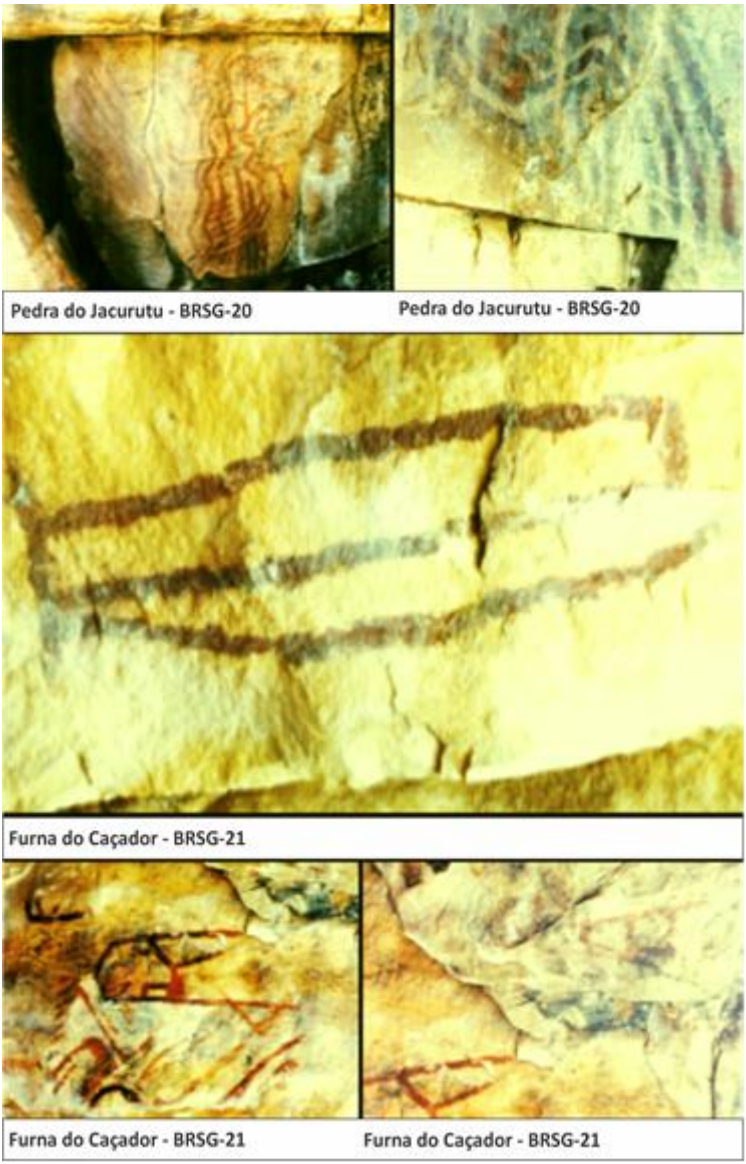
Fonte: Kestering (2001, p. 121), adaptado

Figura 81 – Distribuição espacial dos grafismos reconhecíveis



Fonte: Kestering (2001, p. 122), adaptado

Figura 82 – Distribuição espacial dos grafismos reconhecíveis



Fonte: Kestering (2001, p. 123), adaptado

Figura 83 – Distribuição espacial dos grafismos reconhecíveis



Pedra do Cipó - BRSG-24



Andar de Cima - BRSG-25

Fonte: Kestering (2001, p. 124), adaptado

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos na pesquisa permitem propor que, durante diferentes períodos da pré-história, grupos nativos habitantes das margens e ilhas do Submédio São Francisco, ocuparam o Boqueirão do Riacho São Gonçalo para realizarem grafismos rupestres. Constataram-se evidências da passagem de grupos de diferentes tradições. Eles realizaram pinturas rupestres nos suportes dos sítios, utilizando diferentes formas de apresentação e aplicação de diversas técnicas, características de diferentes tradições gráficas amplamente representadas no Nordeste do Brasil.

A grande abundância, diversidade de figuras e multiplicidade de conjuntos gráficos sem analogias ou com analogias temáticas, morfológicas, cenográficas e técnicas com grafismos pesquisados em diversos lugares do entorno, são os elementos que temos obtido neste trabalho de pesquisa para afirmar que a Área Arqueológica de Sobradinho era frequentada por diversos grupos, com diferentes graus de permanência. O conjunto dos dados obtidos na análise permite propor que se tratava de uma área de passagem.

Apesar da grande abundância, diversidade e multiplicidade de grafismos, existe dominância de figuras com características similares às existentes na região do Médio São Francisco. Existem também unidades gráficas análogas às que foram pesquisadas na Zona Agreste Setentrional. Também a tradição Nordeste, apesar de minoritária, acha-se presente. Pode-se afirmar que existe um número considerável de grafismos com características que não apresentam analogias gráficas com as tradições do entorno e que, por serem proporcionalmente numerosas, não podem ser consideradas intrusivas.

Os dados disponíveis não permitem ainda concluir sobre a identidade de cada grupo autor. Salienta-se que a grande

diversidade gráfica apresenta esboços de perfis que necessitam de uma maior precisão e de um contexto arqueológico até agora inexistente pela falta de dados da cultura material.

Não se tem também dados que permitam situar no tempo os conjuntos gráficos. A partir do tipo de figuras existentes nos sítios estudados, pode-se afirmar apenas, a título de hipótese, que alguns grafismos da tradição **Nordeste** pertencem a grupos estilísticos já considerados pelos pesquisadores. Apresentam características que permitem incluí-las no complexo estilístico Serra Talhada, classe de análise caracteriza pela realização de micro unidades. Sobre esse conjunto, absolutamente minoritário, levanta-se a hipótese de ter sido realizado em período compreendido entre 9.000 e 6.000 anos BP, quando grupos da tradição **Nordeste se** dispersaram por várias regiões do Nordeste, como Seridó - RN, Xingó - SE e Central - BA.

O grande problema com que se deparou na fase analítica e deverá ser resolvido de maneira prioritária, no estágio atual da pesquisa, é a falta de posicionamento cronológico. A falta de escavações realizadas não permite dispor de datações, nem de informações sobre a diversidade da cultura material.

As diferentes alturas dos sítios arqueológicos em relação ao leito atual do riacho podem indicar diferentes épocas de ocupação do Boqueirão para a realização de grafismos rupestres. Os sítios localizados em lugares mais altos podem ter sido utilizados em períodos mais antigos, quando o volume da água impedia a realização e a conservação de pinturas em sítios localizados em altitudes próximas ao leito do riacho. Além disso, as alturas dos grafismos em relação à superfície atual do terreno podem indicar o período em que foram realizados. Grafismos que se encontram muito próximos ou mesmo abaixo da superfície atual do terreno podem ter sido realizados em períodos muito antigos, quando a dragagem

fluvial impedia a acumulação de sedimentos no sopé do depósito de tálus. A redução do volume de água, imposta pela instalação do clima semiárido, possibilitou a acumulação de sedimentos advindos das partes altas do Boqueirão, elevando seu nível e diminuindo, consequentemente a altura de grafismos originalmente mais altos em relação à superfície antiga do terreno. A grande abundância de superposições nos permite também, levantar a hipótese de que são mais antigos alguns conjuntos de grafismos que se encontram superpostos com maior frequência. Essas três referências nos levam a levantar a hipótese de que alguns grafismos reconhecíveis que apresentam analogias morfológicas, cenográficas e técnicas com grafismos realizados em sítios arqueológicos pesquisados na região média da Bacia Hidro gráfica do Rio São Francisco são as mais antigas realizações de grafismos rupestres no Boque irão do Riacho São Gonçalo. Elas podem ter sido realizadas no final do Pleistoceno ou mesmo no início do Holoceno, quando o volume do Riacho São Gonçalo era maior e o nível do terreno era mais baixo que o atual.

Com referência às pinturas rupestres que apresentam analogias com grafismos classificados preliminarmente como da tradição Agreste**,** por encontrarem-se em lugares altos dos suportes e por estarem comumente superpondo grafismos reconhecíveis análogos aos que foram encontrados no Médio São Francisco e a outros que não têm referências analógicas no entorno, nossos resultados vão no sentido do que já foi a firmado na hipótese de Gabriela Martin, de que foram realizados por grupos humanos pré-históricos que ocuparam o Vale do Rio São Francisco a partir de 3000 anos BP.

O estágio atual da pesquisa não nos permite filiar, com segurança, os grafismos estudados a nenhuma tradição que não seja a **Nordeste**. Somente essa tradição possui contexto arqueológico para filiação segura de grafismos encontrados na região Nordeste do Brasil. Os grafismos estudados na Zona

Agreste dos Estados de Pernambuco e Paraíba e no Parque Nacional Serra da Capivara, classificados preliminarmente como da tradição Agreste, apesar de serem referências importantes para estudos comparativos, não têm ainda contexto arqueológico suficiente para ter uma precisão operacional sem ambiguidades. Também os grafismos classificados por alguns pesquisadores como tradição São Francisco, encontrados em diversos sítios arqueológicos da Bacia Hidrográfica do São Francisco, por não terem ainda contexto arqueológico e nem indicadores de que pertençam a uma só ou muitas tradições, são apenas referências iniciais para estudos comparativos que podem levar à identificação dos grupos autores. Outras pesquisas, acrescidas a essa, poderão dar referências contextuais que permitam comprovar as hipóteses que nesse estágio inicial da pesquisa, levanta-se a respeito das autorias dos grafismos e do tempo em que seus autores ocuparam o Boqueirão do Riacho São Gonçalo e a Área Arqueológica de Sobradinho.

Identificamos conjuntos de grafismos análogos aos da tradição **Nordeste**, aos da Zona Agreste dos Estados da Paraíba e do Pernambuco e aos do Médio São Francisco. Encontramos também, conjuntos com dupla referência no entorno e, outros, sem referência na região Nordeste do Brasil. (Qd. 1 a 8).

Quadro 1 – Sítios com grafismos análogos aos da tradição Nordeste

Boqueirão do Riacho São Gonçalo	**Parque Nacional Serra da Capivara**
Pedra da Mangueira – BRSG-18	Toca do Pajeú

Fonte: Kestering (2001, p. 128)

Quadro 2 – Sítios com grafismos análogos aos da Zona Agreste

Boqueirão do Riacho São Gonçalo	**Agreste Setentrional**
Pedra Bamba – BRSG-06 Pedra dos Macacos – BRSG-09 Pedra Gêmea – BRSG-11	Pedra da Figura, Taquaritinga do Norte - PE

Pedra dos Macacos – BRSG-09	Pedra da Lua, Brejo da Madre de Deus - PE Pedra Pintada, Alagoinha - PE
Loca do Morcego – BRSG-08	Pedra da Lua, Brejo da Madre de Deus - PE
Pedra da Gameleira – BRSG-19	Pedra do Letreiro, Cacimba de Areia - PB
Pedra Gêmea – BRSG-11 Talhado Nascente – BRSG-13	Pedra do Letreiro, Cacimba de Areia - PB
Pedra do Amorim – BRSG-07 Loca do Morcego – BRSG-08 Pedra dos Macacos – BRSG-09 Pedra da Gameleira – BRSG-19	Pedra da Lua, Brejo da Madre de Deus - PE Pedra do Letreiro, Venturosa - PE Pedra da Boquinha, Venturosa - PE Pedra Comprida, São Bento do Una - PE Pedra do Letreiro, Passira - PE Pedra do Letreiro, Cacimba de Areia - PB

Fonte: Kestering (2001, p. 128-129)

Quadro 3 – Sítios com grafismos análogos aos do Médio São Francisco

Boqueirão do Riacho São Gonçalo	**Médio São Francisco**
Loca do Morcego – BRSG-08 Pedra Gêmea – BRSG-11 Toca do Sobrado – BRSG-14	Lapa dos Desenhos, Januária - MG
Pedra dos Macacos – BRSG-09	Central - BA
Pedra Pensa – BRSG-05 Talhado Nascente – BRSG-13 Pedra da Gameleira – BRSG-19	Lapa dos Desenhos, Januária - MG
Pedra do Amorim – BRSG-07	Lapa do Caboclo, Januária - MG

Fonte: Kestering (2001, p. 129)

Quadro 4 – Grafismos com dupla referência no entorno

Boq. do R. S. Gonçalo	**Tradição Nordeste**	**Médio São Francisco**
Pedra Gêmea – BRSG-11	Boqueirão da Pedra Furada	Central – BA

Fonte: Kestering (2001, p. 129)

Quadro 5 – Grafismos com dupla referência no entorno

Boq. do R. S. Gonçalo	Zona Agreste	Médio São Francisco
Pedra Solta – BRSG-16	Fazenda Prata - PE Pedra do Navio, Paranatama, PE Pedra Comprida II, São Bento, PE Pedra do Caboclo, S. João do Tigre, PB	Toca do Cosmos, Central – BA
Angico Torto Loca do Morcego Pedra dos Macacos	Pedra Comprida II, S. Bento do Una - PE	Lapa dos Desenhos, Januária - MG Central - BA
Loca do Morcego Pedra da Mangueira Pedra do Fogo – BRSG-26	Pedra do Navio, Paranatama - PE Pedra Comprida II, S. Bento do Una - PE	Lapa dos Desenhos, Januária - MG Central - BA
Loca do Morcego – BRSG-08	Pedra da Figura, Taquaritinga do Norte - PE Pedra do Caboclo, Pedra - PE Prata, Fazenda Prata, Pedra - PE Pedra do Navio, Paranatama - PE Pedra do Letreiro, Brejinho - PE Pedra do Letreiro, Passira - PE Pedra do Caboclo, São João do Tigre - PB	Lapa dos Desenhos, Januária - MG Central - BA
Pedra dos Macacos – BRSG-09	Pedra da Lua, Brejo da Madre de Deus - PE	Lapa dos Desenhos, Januária - MG Central - BA
Pedra dos Macacos Pedra da Gameleira – BRSG-19	Pedra da Figura, Taquaritinga do Norte - PE Piri-Piri I, Venturosa - PE Pedra da Boquinha, Venturosa - PE	Central - BA

Loca da Raposa Angico Torto Pedra do Amorim Loca do Morcego Pedra Solta Pedra Gêmea	Pedra do Caboclo, São João do Tigre - PB	Central - BA
Pedra Gêmea – BRSG-11 Campo do Toré – BRSG-12 Pedra da Mangueira – BRSG-18 Pedra da Gameleira – BRSG-19 Pedra do Jacurutu – BRSG-20	Pedra da Lua, Brejo da Madre de Deus - PE Pedra da Boquinha, Venturosa - PE Pedra Pintada, Alagoinha - PE Pedra do Letreiro, Passira - PE Pedra do Navio, Paranatama - PE Pedra do Letreiro, Cacimba de Areia - PB	Januária - MG Central - BA
Pedra Gêmea Pedra da Gameleira	Prata, Fazenda Prata - PE	Januária - MG

Fonte: Kestering (2001, p. 129-130)

Quadro 6 – Grafismos antropomorfos sem referência no entorno

Loca do Morcego – BRSG-08 Pedra Gêmea – BRSG-11 Pedra da Mangueira – BRSG-18

Fonte: Kestering (2001, p. 130)

Quadro 7 – Grafismos zoomorfos sem referência no entorno

Pedra da Espera – BRSG-01 Pedra do Amorim - BRSG-07 Loca do Morcego – BRSG-08 Pedra dos Macacos – BRSG-09 Pedra Gêmea – BRSG-11 Pedra Solta – BRSG-16 Pedra da Mangueira-BRSG-18 Pedra do Cavalo – BRSG-22

Fonte: Kestering (2001, p. 130)

Quadro 8 – Grafismos reconhecíveis sem referência no entorno

Loca do Mocó – BRSG-02
Loca da Raposa – BRSG-03
Loca do Morcego – BRSG-08
Pedra dos Macacos – BRSG-09
Pedra Gêmea – BRSG-11
Campo do Toré – BRSG-12
Toca do Sobrado – BRSG-14
Pedra Solta – BRSG-16
Pedra da Mangueira – BRSG-18
Pedra da Gameleira – BRSG-19
Pedra do Jacurutu – BRSG-20
Furna do Caçador – BRSG-21
Pedra do Cipó – BRSG-24
Andar de Cima – BRSG-25

Fonte: Kestering (2001, p. 131)

Sabe-se da limitação das conclusões. Pensa-se, porém, que esta pesquisa possibilitou ter um ponto de partida estruturado sobre a situação dos sítios de registros gráficos do setor estudado e de sua relação com os grafismos classificados preliminarmente em outras áreas arqueológicas do entorno. Apesar de não se poder ainda generalizar os resultados, sabe-se que eles são essenciais para a continuidade da pesquisa, a contemplar novos sítios com registros rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho - BA.

REFERÊNCIAS

KESTERING, Celito. **Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho - BA**. 2001. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2001.

_____. **Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho – BA**. 2007. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2007.

_____. **Patrimônio Tatauí**. São Carlos: Pedro e João Editores. 2025.

SUGUIO, Kenitiro. 1937. **Introdução à Sedimentologia**. São Paulo: Edgard Blücher Ltda. 1937.

APÊNCICE

Glossário

Acesso fácil: Quando o sítio se localiza a menos de 50 m do riacho, com diferença de nível inferior a 10 m.
Acesso difícil: Quando o sítio se localiza na faixa de 50 m a 100 m do riacho, com diferença de nível superior a 10 m.
Acesso muito difícil: Quando o sítio se localiza a mais de 100 m do riacho, com diferença de nível superior a 20 m.
BRSG: Boqueirão do Riacho São Gonçalo.
Grafismos Incompletos: Unidades gráficas em que faltam partes, em razão de rachaduras, desprendimento de placas, troncos e raízes fixas no suporte, ação corrosiva de fungos, ninhos de insetos, exposição ao sol, chuva e/ou vento.
Sedimento:

Nº	Tipo	Diâmetro (mm)
01	Matacão	1 024 a 256
02	Bloco	256 a 64
03	Seixo	64 a 4
04	Grânulo	4 a 2
05	Areia Muito Grossa	2 a 1
06	Areia Grossa	1 a 1/2
07	Areia Média	1/2 a 1/4
08	Areia Fina	1/4 a 1/8
09	Areia Muito Fina	1/8 a 1/16
10	Silte Grosso	1/16 a 1/32
11	Silte Médio	1/32 a 1/64
12	Silte Fino	1/64 a 1/128
13	Silte Muito Fino	1/128 a 1/256
14	Argila	1/256 a 1/1024
15	Ultra argila	1/1024 a 1/2048

Fonte: Escala Granulométrica Wentworth *apud* Suguio (1937, p. 36).
Suporte
Pouco Fraturado: Com fendas de 1 mm a 10 mm de largura.
Fraturado: Com fendas de 11 mm a 20 mm de largura.
Muito Fraturado: Com fendas maiores que 20 mm de largura.

Sítios

Pedra da Espera ou São Gonçalo 1 **Código:** BRSG-01

1 Coordenadas: UTM24L 286223, UTMN 8940101, 477 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul.
2.2 Comprimento: 16,6m
2.3 Altura: 2,8m.
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Semicircular convexa.
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 84).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim.
4.2 Constituição: Matacões, blocos; seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 04.
5.2 Posicionamento: Centro: 01; Centro-Norte: 02; Centro-Sul: 01
5.3 Tipo: Pintura.
5.4 Cor: Vermelha.
5.5 Estado de Conservação: Alguns grafismos estão incompletos e outros, cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Dominantes.
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 01.
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 85).

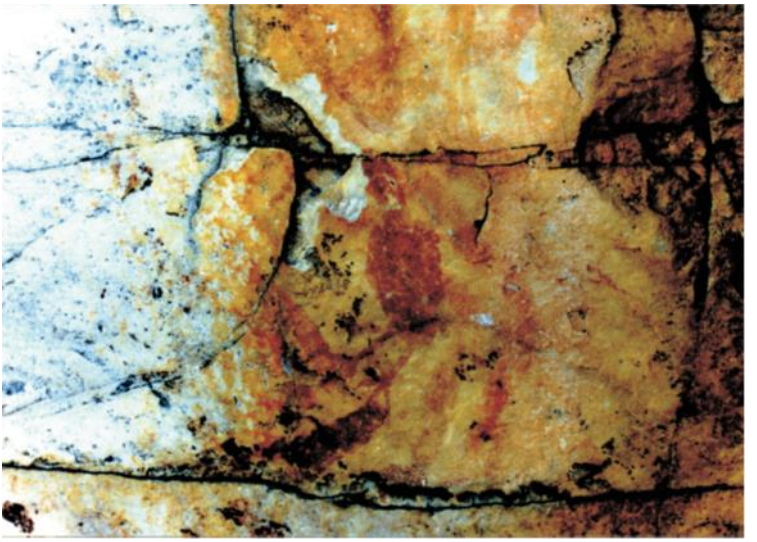
Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 84 – Pedra da Espera ou São Gonçalo 1



Fonte: Kestering (2001, p. 140)

Figura 85 – Painel 2



Fonte: Kestering (2001, p. 140)

Loca do Mocó ou São Gonçalo 2 **Código:** BRSG-02

1 Coordenadas: UTM24L 286231, UTMN 8940103, 480 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul.
2.2 Comprimento: 10,5m
2.3 Altura: 4,6m.
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 86).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Não
4.2 Constituição: Matacões, blocos; seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 2.
5.2 Posicionamento: Centro: 2
5.3 Tipo: Pintura.
5.4 Cor: Vermelha.
5.5 Estado de Conservação: Alguns grafismos estão incompletos e outros, cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: 7
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 87).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 86 – Loca do Mocó ou São Gonçalo 2



Fonte: Kestering (2001, p. 142)

Figura 87 – Painel 2



Fonte: Kestering (2001, p. 142)

Loca da Raposa ou São Gonçalo 3 **Código:** BRSG-03

1 Coordenadas: UTM24L 286237, UTMN 8940081, 479 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – Sul.
2.2 Comprimento: 9 m
2.3 Altura: 2,5 m.
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Semicircular convexa
2.6 Conservação do Suporte: Fraturado. (Fig. 88).

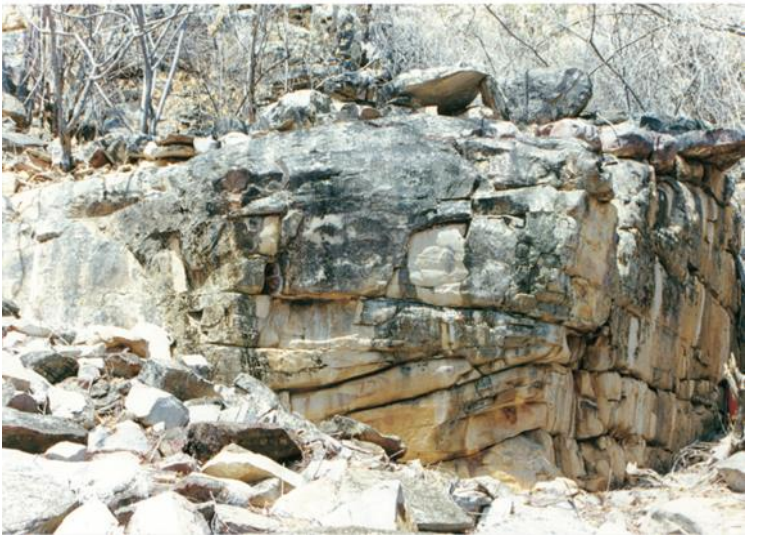
3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos; seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 2.
5.2 Posicionamento: Centro-norte: 1; Centro Sul: 1
5.3 Tipo: Pintura.
5.4 Cor: Vermelha.
5.5 Estado de Conservação: Alguns grafismos estão incompletos e outros, cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 89).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 88 – Loca da Raposa ou São Gonçalo 3



Fonte: Kestering (2001, p. 144)

Figura 89 – Painel 1



Fonte: Kestering (2001, p. 144)

Angico Torto ou São Gonçalo 4 **Código:** BRSG-04

1 Coordenadas: UTM24L 286244, UTMN 8940075, 478 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 4,3 m
2.3 Altura: 4 m.
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Semicircular convexa
2.6 Conservação do Suporte: Fraturado. (Fig. 90).

3 Acesso: Difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 3.
5.2 Posicionamento: Centro: 1; Centro-norte: 1; Centro Sul: 1
5.3 Tipo: Pintura.
5.4 Cor: Vermelha.
5.5 Estado de Conservação: Alguns grafismos estão incompletos e outros, cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 91 e 92).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 90 – Angico Torto ou São Gonçalo 4



Fonte: Kestering (2001, p. 146)

Figura 91 – Painel 1



Fonte: Kestering (2001, p. 146)

Figura 92 – Painel 3



Fonte: Kestering (2001, p. 147)

Pedra Pensa ou São Gonçalo 5 **Código:** BRSG-05

1 Coordenadas: UTM24L 286250, UTMN 8940083, 491 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 18,2 m
2.3 Altura: 8 m.
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 93).

3 Acesso: Difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 3.
5.2 Posicionamento: Centro: 1; Centro-norte: 1; Centro Sul: 1
5.3 Tipo: Pintura.
5.4 Cor: Vermelha.
5.5 Estado de Conservação: Alguns grafismos estão incompletos e outros, cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 94).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 93 – Pedra Pensa ou São Gonçalo 5



Fonte: Kestering (2001, p. 149)

Figura 94 – Painel 1



Fonte: Kestering (2001, p. 149)

Pedra Bamba ou São Gonçalo 6 **Código:** BRSG-06

1 Coordenadas: UTM24L 286248, UTMN 8940090, 487 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 7 m
2.3 Altura: 6 m.
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Fraturado. (Fig. 95).

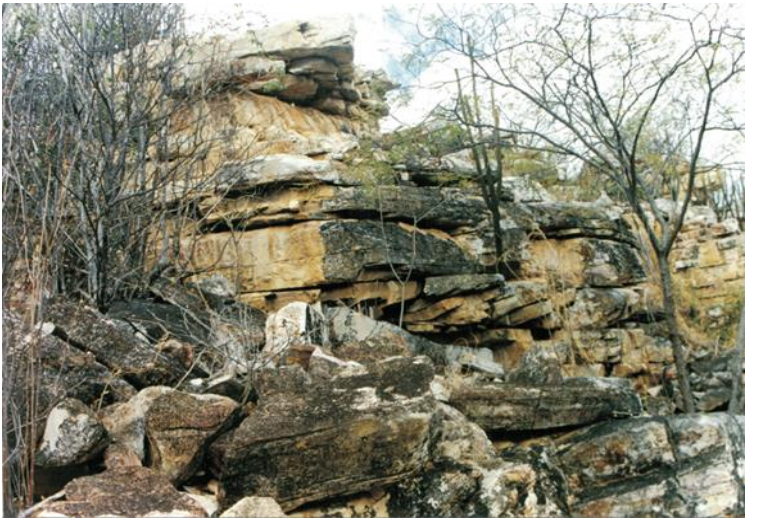
3 Acesso: Difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 3.
5.2 Posicionamento: Centro: 1; Centro-norte: 1; Centro Sul: 1
5.3 Tipo: Pintura.
5.4 Cor: Vermelha.
5.5 Estado de Conservação: Alguns grafismos estão incompletos e outros, cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Dominantes
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 1
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 96).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 95 – Pedra Bamba ou São Gonçalo 6



Fonte: Kestering (2001, p. 151)

Figura 96 – Painel 3



Fonte: Kestering (2001, p. 151)

Pedra do Amorim ou São Gonçalo 7 **Código:** BRSG-07

1 Coordenadas: UTM24L 286280, UTMN 8940039, 480 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Leste – oeste
2.2 Comprimento: 11,2 m
2.3 Altura: 4,5 m.
2.4 Abertura: Sul
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Fraturado. (Fig. 97).

3 Acesso: Difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 5
5.2 Posicionamento: Centro: 2; Centro-norte: 2; Centro Sul: 1
5.3 Tipo: Pintura.
5.4 Cor: Vermelha.
5.5 Estado de Conservação: Alguns grafismos estão incompletos e outros, cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Dominantes
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 1
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 98 e 99).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 97 – Pedra do Amorim ou São Gonçalo 7



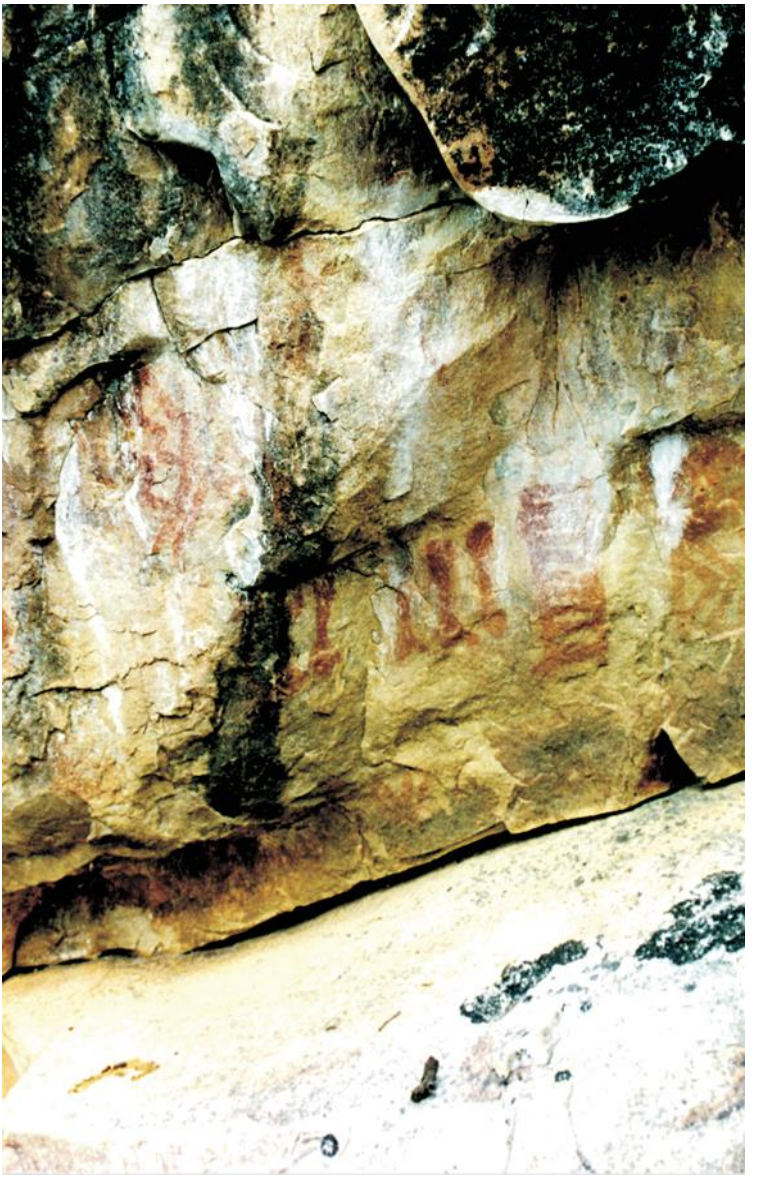
Fonte: Kestering (2001, p. 153)

Figura 98 – Painel 2



Fonte: Kestering (2001, p. 153)

Figura 99 – Painel 3



Fonte: Kestering (2001, p. 154)

Loca do Morcego ou São Gonçalo 8 **Código:** BRSG-08

1 Coordenadas: UTM24L 286303, UTMN 8940025, 484 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Leste – oeste.
2.2 Comprimento: 8,3 m
2.3 Altura: 20,3 m.
2.4 Abertura: Sul
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Fraturado. (Fig. 100).

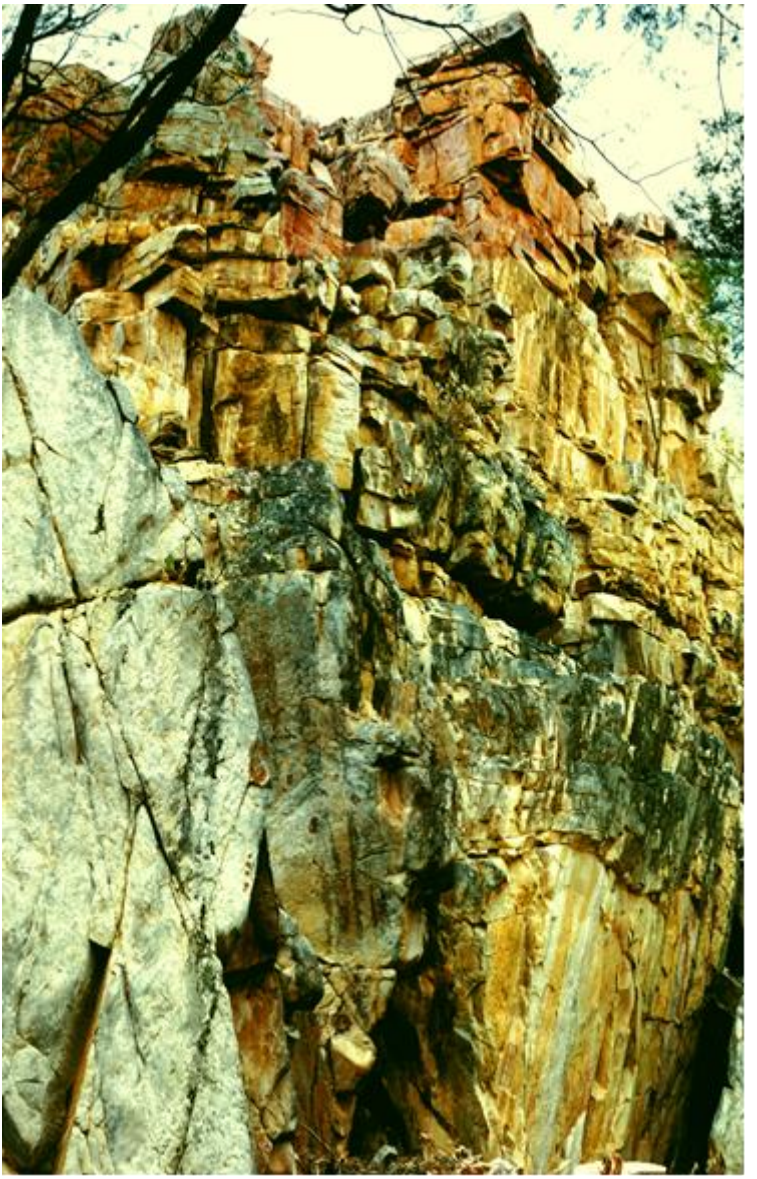
3 Acesso: Difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 2
5.2 Posicionamento: Centro-noroeste: 1; Centro-sudeste: 1
5.3 Tipo: Pintura.
5.4 Cor: Vermelha, amarela e preta.
5.5 Estado de Conservação: Alguns grafismos estão incompletos e outros, cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: 18
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 5
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 101 a 103).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 100 – Loca do Morcego ou São Gonçalo 8



Fonte: Kestering (2001, p. 156)

Figura 101 – Painel 1



Fonte: Kestering (2001, p. 157)

Figura 102 – Painel 2, Setor A



Fonte: Kestering (2001, p. 158)

Figura 103 – Painel 2, Setor B



Fonte: Kestering (2001, p. 158)

Pedra dos Macacos ou São Gonçalo 9 **Código:** BRSG-09

1 Coordenadas: UTM24L 286273, UTMN 8940052, 488 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Leste – oeste.
2.2 Comprimento: 25 m
2.3 Altura: 17 m.
2.4 Abertura: Sul
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 104).

3 Acesso: Difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 13
5.2 Posicionamento: Centro: 1; Centro-leste: 7; Centro-oeste: 5
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Alguns grafismos estão incompletos e outros, cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: 19
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 9
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 105 a 113).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 104 – Pedra dos Macacos ou São Gonçalo 9



Fonte: Kestering (2001, p. 160)

Figura 105 – Painel 8, Setor A



Fonte: Kestering (2001, p. 160)

Figura 106 – Painel 8, Setor B



Fonte: Kestering (2001, p. 161)

Figura 107 – Painel 3, Setor C



Fonte: Kestering (2001, p. 161)

Figura 108 – Painel 11



Fonte: Kestering (2001, p. 162)

Figura 109 – Painel 12, Setor D



Fonte: Kestering (2001, p. 162)

Figura 110 – Painel 12, Setor A



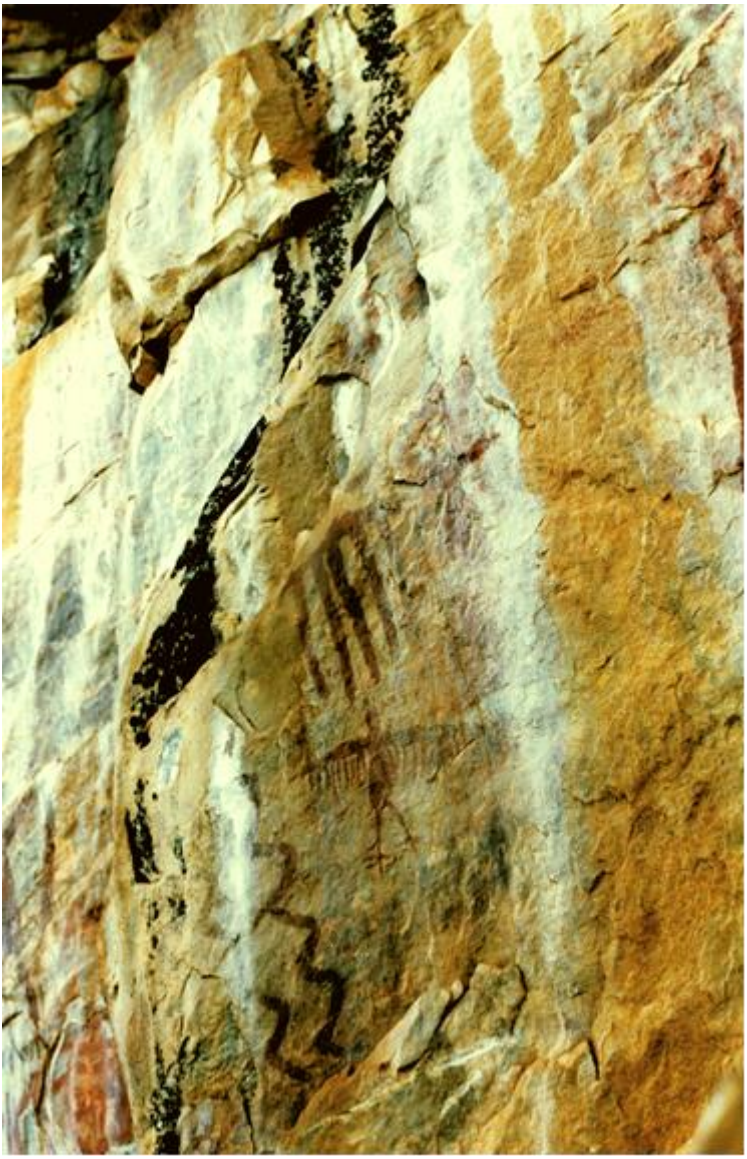
Fonte: Kestering (2001, p. 163)

Figura 111 – Painel 12, Setor B



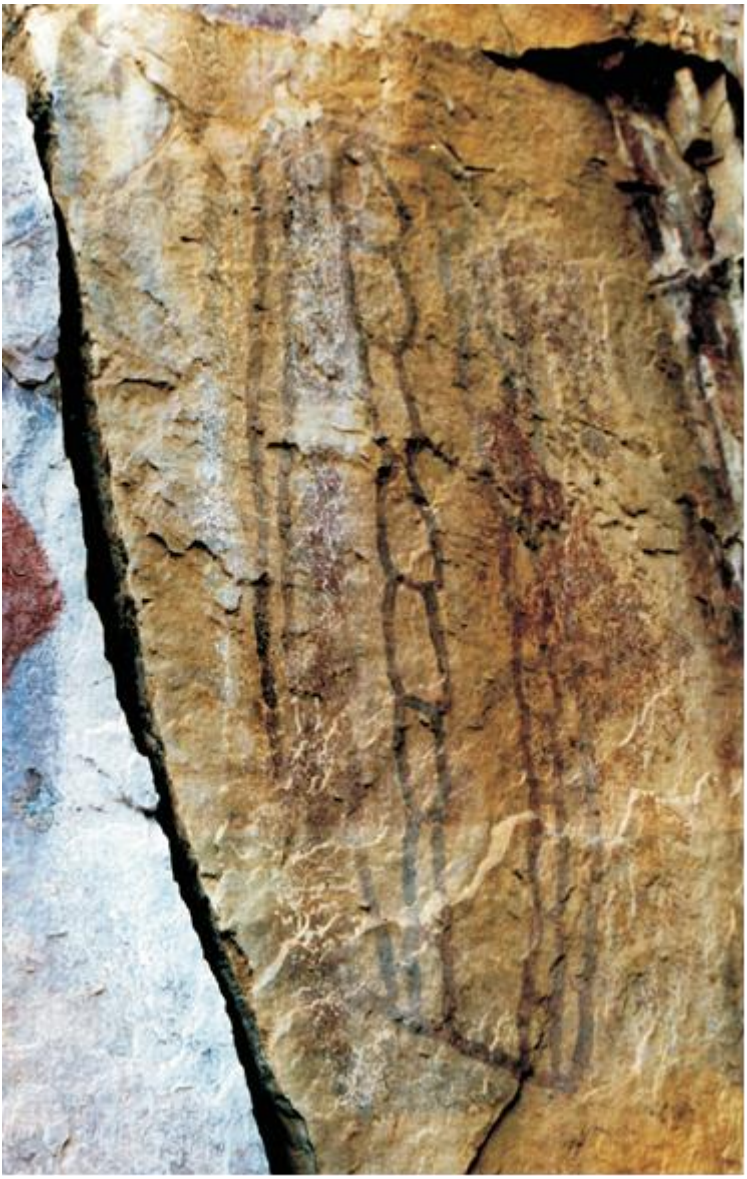
Fonte: Kestering (2001, p. 164)

Figura 112 – Painel 2, Setor C



Fonte: Kestering (2001, p. 165)

Figura 113 – Painel 3, Setor E



Fonte: Kestering (2001, p. 166)

Pedra do Juazeiro ou São Gonçalo 10 **Código:** BRSG-10

1 Coordenadas: UTM24L 286273, UTMN 8939911, 482 m de altitude

2 Localização: Serra do Saco do Morcego
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 7 m
2.3 Altura: 3,2 m.
2.4 Abertura: Leste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Pouco fraturado. (Fig. 114).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 1
5.2 Posicionamento: Centro-sul: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: O grafismo está incompleto e parcialmente coberto por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: 1
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 115).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 114 – Pedra do Juazeiro ou São Gonçalo 10



Fonte: Kestering (2007, p. 192)

Figura 115 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2007, p. 192)

Pedra Gêmea ou São Gonçalo 11 **Código:** BRSG-11

1 Coordenadas: UTM24L 286349, UTMN 8939843, 482 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 14 m
2.3 Altura: 17 m.
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Pouco fraturado. (Fig. 116).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 2
5.2 Posicionamento: Centro: 1; Centro-sul: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: 47
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 8
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 117 a 120)

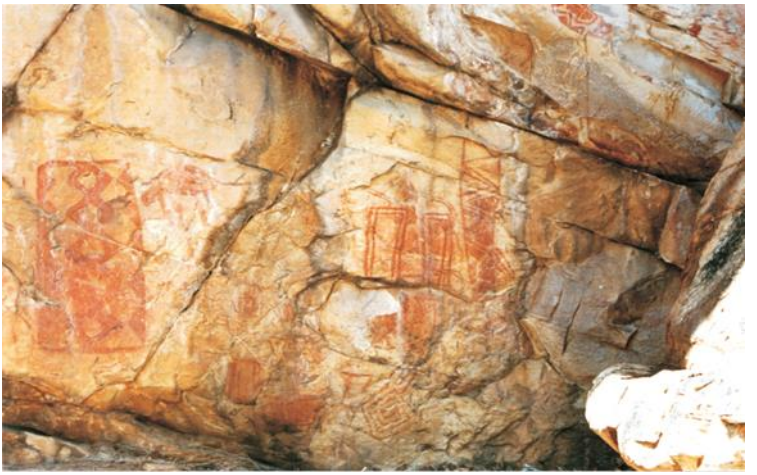
Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 116 – Pedra Gêmea ou São Gonçalo 11



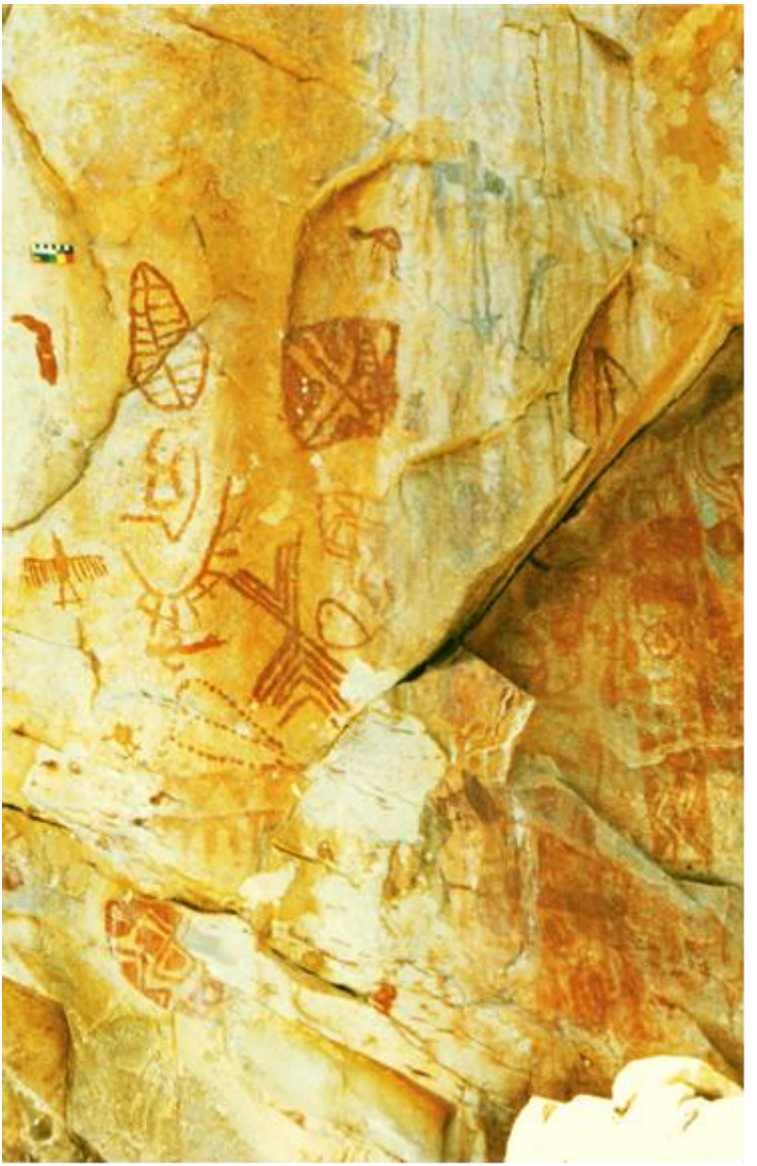
Fonte: Kestering (2001, p. 170)

Figura 117 – Painel 1, Setor A



Fonte: Kestering (2001, p. 171)

Figura 118 – Painel 1, Setor B



Fonte: Kestering (2001, p. 171)

Figura 119 – Painel 1, Setor C



Fonte: Kestering (2001, p. 172)

Figura 120 – Painel 1, Setor D



Fonte: Kestering (2001, p. 172)

Campo do Toré ou São Gonçalo 12 **Código:** BRSG-12

1 Coordenadas: UTM24L 286410, UTMN 8939867, 495 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 6,6 m
2.3 Altura: 2,6 m.
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Retangular
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 121).

3 Acesso: Difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não tem.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 3
5.2 Posicionamento: Centro-sul: 3
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Dominantes
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 2
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 122)

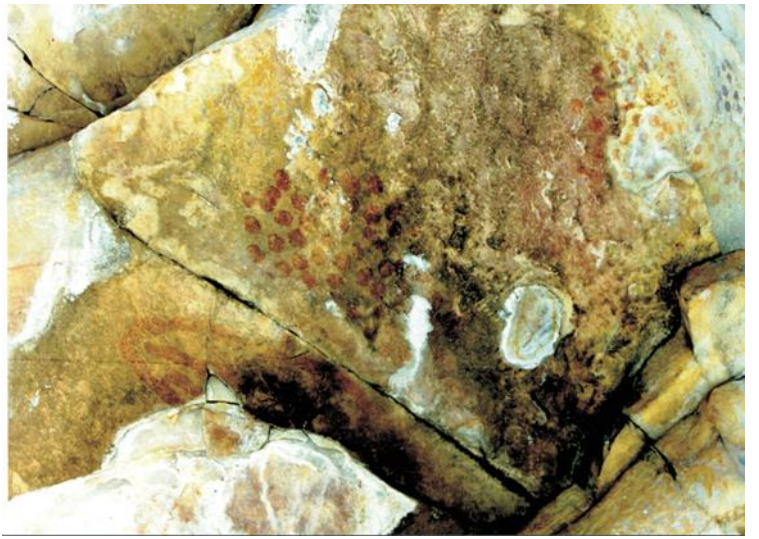
Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 121 – Campo do Toré ou São Gonçalo 12



Fonte: Kestering (2001, p. 174)

Figura 122 – Painel 1



Fonte: Kestering (2001, p. 174)

Talhado Nascente ou São Gonçalo 13 **Código:** BRSG-13

1 Coordenadas: UTM24L 286560, UTMN 8939900, 533 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 15,7 m
2.3 Altura: 15,3 m.
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Fraturado. (Fig. 123).

3 Acesso: Muito difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Fogão com lentes de carvão.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 3
5.2 Posicionamento: Centro-norte: 1; Centro: 1; Centro-sul: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 124)

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 123 – Talhado Nascente ou São Gonçalo 13



Fonte: Kestering (2001, p. 176)

Figura 124 – Painel 1



Fonte: Kestering (2001, p. 176)

Toca do Sobrado ou São Gonçalo 14 **Código:** BRSG-14

1 Coordenadas: UTM24L 286326, UTMN 8939828, 484 m de altitude

2 Localização: Serra do Saco do Morcego
2.1 Direção: Leste – oeste
2.2 Comprimento: 15 m
2.3 Altura: 7,6 m.
2.4 Abertura: Norte
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Fraturado. (Fig. 125).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 6
5.2 Posicionamento: Centro-leste: 1; Centro: 3; Centro-oeste: 2
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha e amarela
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 126 a 128).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 125 – Toca do Sobrado ou São Gonçalo 14



Fonte: Kestering (2001, p. 178)

Figura 126 – Painel 3, Setor A



Fonte: Kestering (2001, p. 178)

Figura 127 – Painel 3, Setor B



Fonte: Kestering (2001, p. 179)

Figura 128 – Painel 4



Fonte: Kestering (2001, p. 180)

Furna do Caboclo ou São Gonçalo 15 **Código:** BRSG-15

1 Coordenadas: UTM24L 286302, UTMN 8939827, 496 m de altitude

2 Localização: Serra do Saco do Morcego
2.1 Direção: Leste – oeste
2.2 Comprimento: 6,6 m
2.3 Altura: 6 m.
2.4 Abertura: Norte
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Fraturado. (Fig. 129).

3 Acesso: Difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 2
5.2 Posicionamento: Centro-leste: 1; Centro-oeste: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha e amarela
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 130).

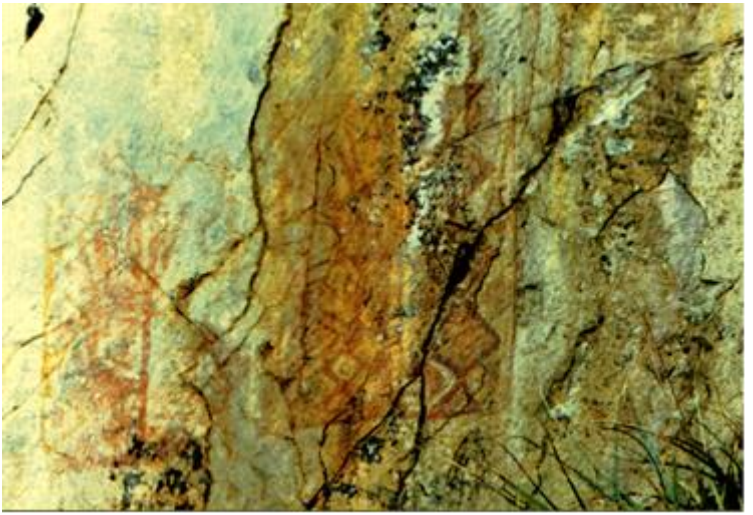
Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 129 – Furna do Caboclo ou São Gonçalo 15



Fonte: Kestering (2001, p. 182)

Figura 130 – Painel 2



Fonte: Kestering (2001, p. 182)

Pedra Solta ou São Gonçalo 16 **Código:** BRSG-16

1 Coordenadas: UTM24L 286290, UTMN 8939856, 487 m de altitude

2 Localização: Serra do Saco do Morcego
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 4,8 m
2.3 Altura: 2,9 m.
2.4 Abertura: Leste
2.5 Forma: Retangular
2.6 Conservação do Suporte: Pouco fraturado. (Fig. 131).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 4
5.2 Posicionamento: Centro-norte: 2; Centro: 1; Centro-sul: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha e preta
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Dominantes
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 2
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 132).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 131 – Pedra Solta ou São Gonçalo 16



Fonte: Kestering (2001, p. 184)

Figura 132 – Painel 3



Fonte: Kestering (2001, p. 184)

Pedra do Riacho ou São Gonçalo 17 **Código:** BRSG-17

1 Coordenadas: UTM24L 286361, UTMN 8939809, 494 m de altitude

2 Localização: Serra do Saco do Morcego
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 5,7 m
2.3 Altura: 5,5 m.
2.4 Abertura: Leste
2.5 Forma: Semicircular convexa
2.6 Conservação do Suporte: Pouco fraturado. (Fig. 131).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 2
5.2 Posicionamento: Centro-norte: 1; Centro-sul: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 132).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 131 – Pedra do Riacho ou São Gonçalo 17



Fonte: Kestering (2007, p. 199)

Figura 132 – Painel 1



Fonte: Acervo do autor (2001)

Pedra da Mangueira ou São Gonçalo 18 **Código:** BRSG-18

1 **Coordenadas**: UTM24L 286483, UTMN 8939347, 499 m de altitude

2 **Localização**: Serra do Corrente
2.1 **Direção**: Norte – sul
2.2 **Comprimento**: 14,5 m
2.3 **Altura**: 14,8 m.
2.4 **Abertura**: Oeste
2.5 **Forma**: Linear
2.6 **Conservação do Suporte**: Muito fraturado. (Fig. 133).

3 **Acesso**: Fácil

4 **Sedimentos**
4.1 **Possibilidade de Escavação**: Sim
4.2 **Constituição:** Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 **Vestígios Arqueológicos na Superfície**: Não.

5 **Painéis**
5.1 **Quantidade**: 7
5.2 **Posicionamento**: Centro-norte: 3; Centro: 2; Centro-sul: 2
5.3 **Tipo:** Pintura
5.4 **Cor:** Vermelha e amarela
5.5 **Estado de Conservação**: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Dominantes
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 3
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 134 a 138).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 133 – Pedra da Mangueira ou São Gonçalo 18



Fonte: Kestering (2001, p. 188)

Figura 134 – Painel 1



Fonte: Kestering (2001, p. 188)

Figura 135 – Painel 2



Fonte: Kestering (2001, p. 189)

Figura 136 – Painel 3



Fonte: Kestering (2001, p. 189)

Figura 137 – Painel 5



Fonte: Kestering (2001, p. 190)

Figura 138 – Painel 6



Fonte: Kestering (2001, p. 190)

Pedra da Gameleira ou São Gonçalo 19 **Código:** BRSG-19

1 Coordenadas: UTM24L 286541, UTMN 8939249, 505 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Leste – oeste
2.2 Comprimento: 16,2 m
2.3 Altura: 6,9 m.
2.4 Abertura: Sul
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 139).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 6
5.2 Posicionamento: Centro: 3; Centro-leste: 3
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha e preta
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Dominantes
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 3
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 140 a 147).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 139 – Pedra da Gameleira ou São Gonçalo 19



Fonte: Kestering (2001, p. 192)

Figura 140 – Painel 1



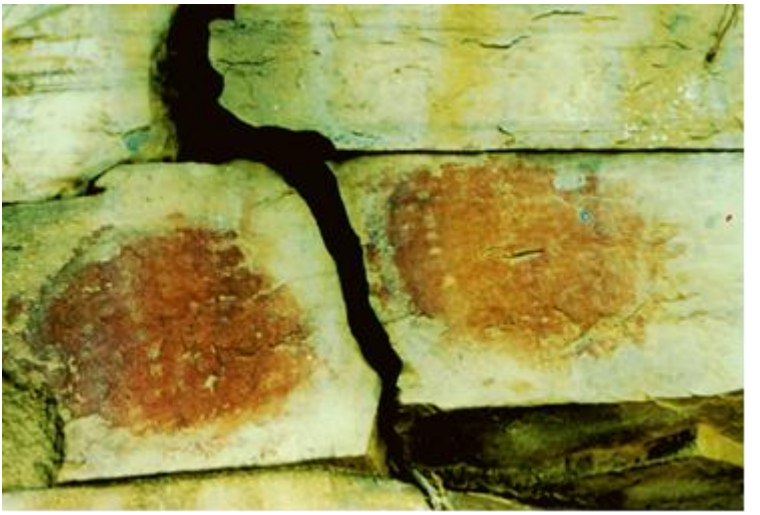
Fonte: Kestering (2001, p. 192)

Figura 141 – Painel 2, Setor A



Fonte: Kestering (2001, p. 193)

Figura 142 – Painel 2, Setor B



Fonte: Kestering (2001, p. 193)

Figura 143 – Painel 2, Setor C



Fonte: Kestering (2001, p. 194)

Figura 144 – Painel 3



Fonte: Kestering (2001, p. 194)

Figura 145 – Painel 4, Setor A



Fonte: Kestering (2001, p. 195)

Figura 146 – Painel 4, Setor B



Fonte: Kestering (2001, p. 195)

Figura 147 – Painel 5



Fonte: Kestering (2001, p. 196)

Pedra do Jacurutu ou São Gonçalo 20 **Código:** BRSG-20

1 Coordenadas: UTM24L 286553, UTMN 8939236, 507 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 28,7 m
2.3 Altura: 3 m.
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Triangular
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 148).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 15
5.2 Posicionamento: Centro-norte: 5 Centro: 2; Centro-leste: 8
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 149 a 155).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 148 – Pedra do Jacurutu ou São Gonçalo 20



Fonte: Kestering (2001, p. 198)

Figura 149 – Painel 2



Fonte: Kestering (2001, p. 198)

Figura 150 – Painel 4



Fonte: Kestering (2001, p. 199)

Figura 151 – Painel 8



Fonte: Kestering (2001, p. 199)

Figura 152 – Painel 12, Setor A



Fonte: Kestering (2001, p. 200)

Figura 153 – Painel 12, Setor B



Fonte: Kestering (2001, p. 200)

Figura 154 – Painel 12, Setor C



Fonte: Kestering (2001, p. 201)

Figura 155 – Painel 13



Fonte: Kestering (2001, p. 201)

Furna do Caçador ou São Gonçalo 21 **Código:** BRSG-21

1 Coordenadas: UTM24L 286359, UTMN 8939844, 486 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Leste – oeste
2.2 Comprimento: 2,4 m
2.3 Altura: 3,3 m.
2.4 Abertura: Norte
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Pouco fraturado. (Fig. 156).

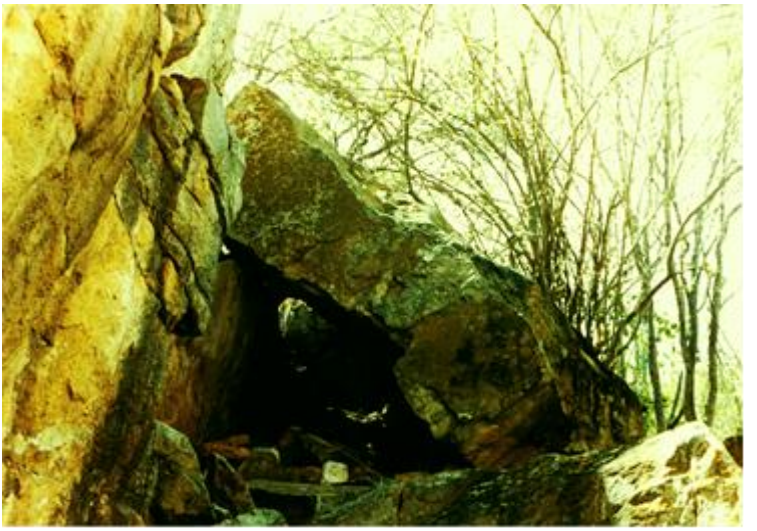
3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 1
5.2 Posicionamento: Centro: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha e amarela
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Sim. (Fig. 157 a 160).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 156 – Furna do Caçador ou São Gonçalo 21



Fonte: Kestering (2001, p. 203)

Figura 157 – Painel 1, Setor A



Fonte: Kestering (2001, p. 203)

Figura 158 – Painel 1, Setor B



Fonte: Kestering (2001, p. 204)

Figura 159 – Painel 1, Setor C



Fonte: Kestering (2001, p. 204)

Figura 160 – Painel 1, Setor D



Fonte: Kestering (2001, p. 205)

Pedra do Cavalo ou São Gonçalo 22 **Código:** BRSG-22

1 Coordenadas: UTM24L 286334, UTMN 8939846, 482 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Leste – oeste
2.2 Comprimento: 6 m
2.3 Altura: 4 m
2.4 Abertura: Sul
2.5 Forma: Semicircular
2.6 Conservação do Suporte: Pouco fraturado. (Fig. 161).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 1
5.2 Posicionamento: Centro-oeste: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: 1
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 1
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 162).

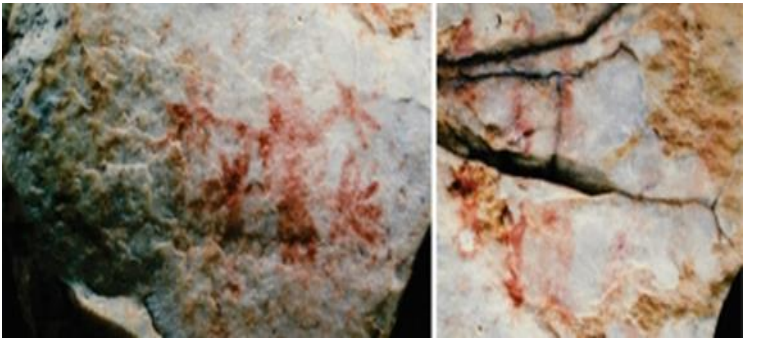
Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 161 – Pedra do Cavalo ou São Gonçalo 22



Fonte: Kestering (2001, p. 207)

Figura 162 – Uma pintura conhecível e uma reconhecível



Fonte: Kestering (2025, p. 220)

Pedra Branca ou São Gonçalo 23 **Código:** BRSG-23

1 Coordenadas: UTM24L 286270, UTMN 8940036, 481 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 10,2 m
2.3 Altura: 5 m
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Pouco fraturado. (Fig. 163).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 1
5.2 Posicionamento: Centro-sul: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: 1
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 164).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 163 – Pedra Branca ou São Gonçalo 23



Fonte: Kestering (2025, p. 223)

Figura 164 – Painel 1



Fonte: Kestering (2025, p. 220)

Pedra do Cipó ou São Gonçalo 24 **Código:** BRSG-24

1 Coordenadas: UTM24L 286289, UTMN 8940032, 484 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 11 m
2.3 Altura: 16 m
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Semicircular côncava.
2.6 Conservação do Suporte: Fraturado. (Fig. 165).

3 Acesso: Difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 1
5.2 Posicionamento: Centro-sul: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 166).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 165 – Pedra do Cipó ou São Gonçalo 24



Fonte: Kestering (2001, p. 211)

Figura 166 – Painel 1



Fonte: Kestering (2001, p. 211)

Andar de Cima ou São Gonçalo 25 **Código:** BRSG-25

1 Coordenadas: UTM24L 286242, UTMN 8940109, 490 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 4,2 m
2.3 Altura: 6,5 m
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 167).

3 Acesso: Muito difícil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 2
5.2 Posicionamento: Centro: 2
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 168).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 167 – Andar de Cima ou São Gonçalo 25



Fonte: Kestering (2001, p. 213)

Figura 168 – Painel 1



Fonte: Kestering (2001, p. 213)

Pedra do Fogo ou São Gonçalo 26 **Código:** BRSG-26

1 Coordenadas: UTM24L 286303, UTMN 8939857, 474 m de altitude

2 Localização: Serra do Saco do Morcego
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 4,6 m
2.3 Altura: 2,1 m
2.4 Abertura: Leste
2.5 Forma: Semicircular convexa
2.6 Conservação do Suporte: Pouco fraturado. (Fig. 169).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 1
5.2 Posicionamento: Centro: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismo incompleto
5.6 – Grafismo Reconhecível: 1
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 170).

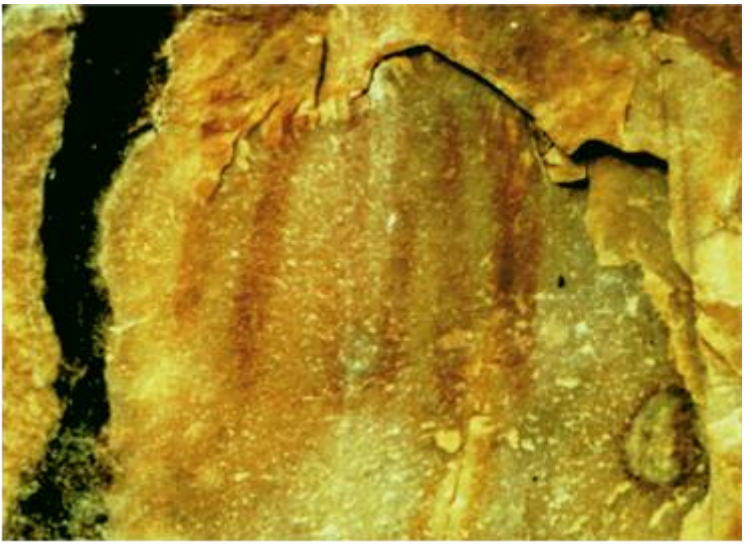
Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 169 – Pedra do Fogo ou São Gonçalo 26



Fonte: Kestering (2001, p. 215)

Figura 170 – Painel 1



Fonte: Kestering (2001, p. 215)

Loca da Cascavel ou São Gonçalo 27 **Código:** BRSG-27

1 Coordenadas: UTM24L 286130, UTMN 8940165, 465 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 31,2 m
2.3 Altura: 5,7 m
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Triangular
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 171).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 8
5.2 Posicionamento: Centro-norte: 3; Centro: 2; Centro Sul: 3
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 172).

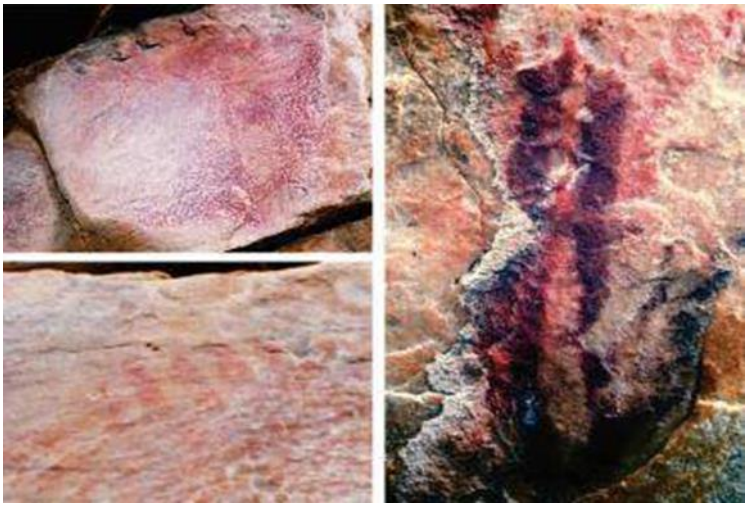
Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 171 – Loca da Cascavel ou São Gonçalo 27



Fonte: Kestering (2025, p. 228)

Figura 172 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Kestering (2025, p. 228)

Poço da Jia ou São Gonçalo 28 **Código:** BRSG-28

1 Coordenadas: UTM24L 286143, UTMN 8940165, 467 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 14,6 m
2.3 Altura: 5,7 m
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 173).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 1
5.2 Posicionamento: Centro Sul: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 174).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 173 – Poço da Jia ou São Gonçalo 28



Fonte: Kestering (2025, p. 230)

Figura 174 – Painel 1



Fonte: Kestering (2025, p. 231)

Rabo de Raposa ou São Gonçalo 29 **Código:** BRSG-29

1 Coordenadas: UTM24L 286152, UTMN 8940174, 473 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 8,5 m
2.3 Altura: 1,8 m
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 175).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 2
5.2 Posicionamento: Centro: 1; Centro Sul: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismos incompletos e parcialmente cobertos por fina camada de silte
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: Todos
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 176).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 175 – Rabo do Raposa ou São Gonçalo 29



Fonte: Kestering (2025, p. 232)

Figura 176 – Grafismos reconhecíveis



Fonte: Kestering (2025, p. 232)

Pedra do Facheiro ou São Gonçalo 30 **Código:** BRSG-30

1 Coordenadas: UTM24L 286193, UTMN 8940138, 479 m de altitude

2 Localização: Serra do Corrente
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 9 m
2.3 Altura: 1,25 m
2.4 Abertura: Oeste
2.5 Forma: Linear
2.6 Conservação do Suporte: Muito fraturado. (Fig. 177).

3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 1
5.2 Posicionamento: Centro: 1
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismo incompleto e parcialmente coberto por fina camada de silte
5.6 – Grafismo Reconhecível: 1
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 178).

Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 177 – Pedra do Facheiro ou São Gonçalo 30



Fonte: Kestering (2025, p. 233)

Figura 178 – Grafismo reconhecível



Fonte: Kestering (2025, p. 233)

Poço da Onça ou São Gonçalo 31 **Código:** BRSG-31

1 Coordenadas: UTM24L 286345, UTMN 8939833, 491 m de altitude

2 Localização: Serra do Saco do Morcego
2.1 Direção: Norte – sul
2.2 Comprimento: 9 m
2.3 Altura: 4,7 m
2.4 Abertura: Leste
2.5 Forma: Circular
2.6 Conservação do Suporte: Pouco fraturado. (Fig. 179).

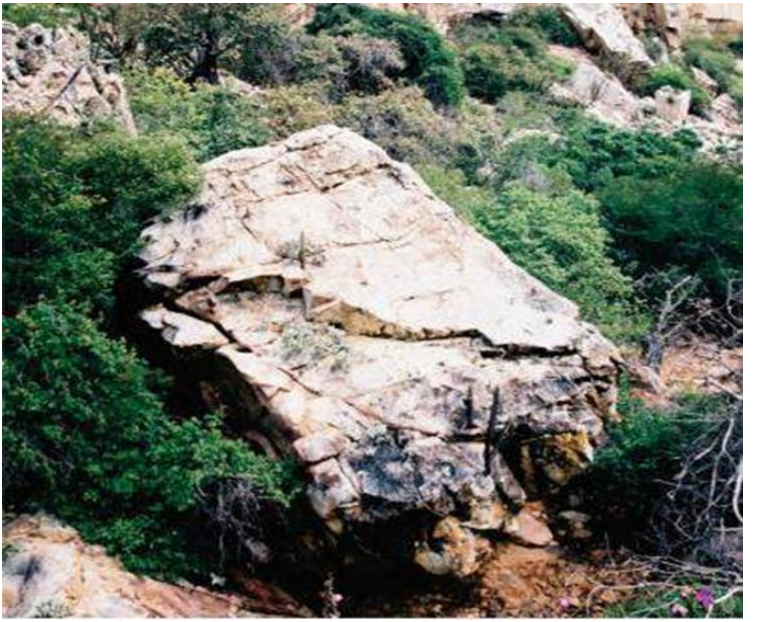
3 Acesso: Fácil

4 Sedimentos
4.1 Possibilidade de Escavação: Sim
4.2 Constituição: Matacões, blocos, seixos, areia e silte
4.3 Vestígios Arqueológicos na Superfície: Não.

5 Painéis
5.1 Quantidade: 2
5.2 Posicionamento: Centro: 2
5.3 Tipo: Pintura
5.4 Cor: Vermelha
5.5 Estado de Conservação: Grafismo incompleto e depredação antrópica com grafite em gesso.
5.6 – Grafismos Reconhecíveis: 2
5.7 - Grafismos Conhecíveis: 0
5.8 – Superposições: Não. (Fig. 180).

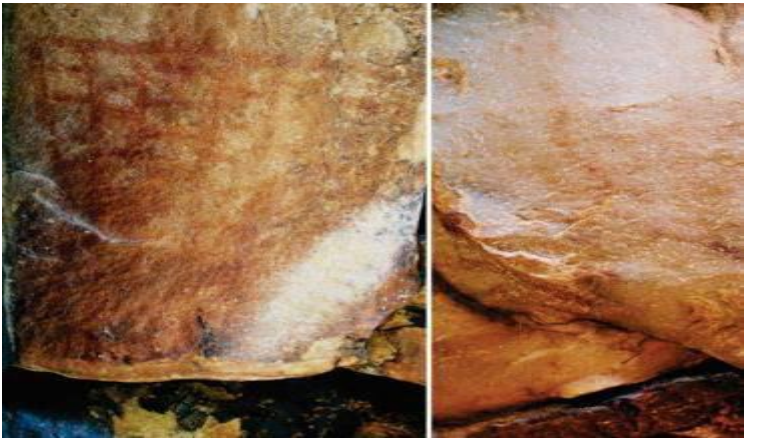
Pesquisador: Celito Kestering. **Guia:** Antônio de Carvalho

Figura 179 – Poço da Onça ou São Gonçalo 31



Fonte: Kestering (2025, p. 234)

Figura 180 – Grafismos reconhecíveis



Fonte: Kestering (2025, p. 235)

Pelos traços que se conservam na cultura material, os arqueólogos reconhecem a identidade dos grupos pretéritos, tanto históricos quanto pré-históricos. Sabem que as pessoas vinculadas à Tradição Nordeste representavam cenas da vida diária, com dominância de figuras da realidade conhecível. As integrantes da Tradição São Francisco, porém, usavam figuras simbólicas, abstratas, geométricas, metafóricas.

Assim constatou-se que a região de Sobradinho - BA foi ocupada por grupos pré-históricos pertencentes a ambas. A prevalência absoluta, contudo, era dos integrantes da Tradição São Francisco.

O autor

Pedro & João Editores
pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-2524-1